UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

PAULO DE FREITAS GOMES

A REPRESENTAÇÃO DE ZUMBI E A RESISTÊNCIA DO NEGRO BRASILEIRO NA POESIA DE SOLANO TRINDADE

CAMPINA GRANDE - PB
2017

PAULO DE FREITAS GOMES

A REPRESENTAÇÃO DE ZUMBI E A RESISTÊNCIA DO NEGRO BRASILEIRO NA POESIA DE SOLANO TRINDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em Literatura e Interculturalidade.

Orientadora: Profª. Drª. Rosilda Alves Bezerra

CAMPINA GRANDE - PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633r Gomes, Paulo De Freitas
A representação de Zumbi e a resistência do negro brasileiro na poesia de Solano Trindade [manuscrito] / Paulo de Freitas Gomes. - 2017.
128 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura Afro-brasileira. 2. Zumbi dos Palmares. 3. Ancestralidade. 4. Resistência. 5. Solano Trindade. I. Título.
21. ed. CDD 860

PAULO DE FREITAS GOMES

A REPRESENTAÇÃO DE ZUMBI E A RESISTÊNCIA DO NEGRO BRASILEIRO NA POESIA DE SOLANO TRINDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em Literatura e Interculturalidade.

Aprovado em 27 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Rosilda Alves Bezerra

Profª. Drª. Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB/PPGLI)

Prof. Dr. Élio Chaves Flores (UFPB/PPGH)

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Profª. Drª Francisca Zuleide Duarte de Souza (UEPB/PPGLI)

CAMPINA GRANDE - PB
2017

Dedico este trabalho a minha avó materna, Maria Francisca da Conceição, a quem eu estimo muito, e ao meu irmão Antônio de Freitas Gomes (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por me dar coragem e força para vencer os obstáculos.

Aos meus pais José Sebastião Gomes e Maria da Penha de Freitas Gomes por sempre estar ao meu lado e doar seu amor sem medir esforços.

Ao meu irmão José de Freitas Gomes que durante os últimos vinte e sete anos vem compartilhando experiências de vida.

Aos meus sobrinhos Antônio Gabriel, André Lucas e Anna Victória, com quem eu tenho aprendido o significado mais terno da paternidade.

Aos professores que passaram por minha vida deixando, cada um com suas particularidades, contribuições para o meu desenvolvimento intelectual e humano.

A minha amiga Josenalva Pessoa por estar ao meu lado, principalmente nas vezes em que o desânimo bate, mostrando-me o verdadeiro valor de uma amizade.

Ao Secretário de Educação do Município de Sobrado, Joilson Pereira, por se mostrar tão atencioso com relação aos meus sonhos, dando-me oportunidade para atuar na educação deste município.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade que contribuíram com sugestões de leituras, partilhas de informações e abordagens teórico-críticas durante as disciplinas cursadas e, principalmente, pelo comprometimento e seriedade no tratamento para com os discentes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - UEPB - pela competência de seus profissionais e diligência na formação de seus alunos.

À secretária Aldaiza Brito pela atenção e presteza.

À Professora Drª Rosilda Alves Bezerra, minha orientadora, por ter acreditado nesta pesquisa, possibilitando um estudo sobre a Literatura e os sujeitos marginalizados. Agradeço também pela disponibilidade, atenção, diálogo e respeito para comigo.

À Professora Drª Francisca Zuleide Duarte de Souza, por ter me acompanhado durante o desenvolvimento da pesquisa, emprestando livros, sugerindo leituras, sem contar na supervisão de meu estágio na graduação.

A minha turma do mestrado pelo companheirismo e jornada em que podemos partilhar conhecimentos e experiências de vida. Em especial aos amigos Olavo Barreto e Maria Aparecida que sempre se mostraram afetuosos e gentis no dia a dia.

À UEPB por ser nesta instituição que eu venho crescendo intelectualmente e avançando na formação acadêmica.

A CAPES por ter financiado esta pesquisa.

POEMA DO HOMEM

Desci à praia
Para ver o homem do mar;
E vi que o homem
É maior que o mar.
Subi ao monte
Para ver o homem da terra.
E vi que o homem
É maior que a terra.
Olhei para cima
Para ver o homem do céu,
E vi que o homem
É maior que o céu.

Solano Trindade

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma poética que analisa a ancestralidade e a valorização do negro na diáspora, como uma vertente literária de resistência, enfatizando a escrita do poeta negro Solano Trindade, perfazendo um estudo a partir da obra **Cantares ao meu povo** (1961). Os versos criados por Trindade mantêm o vigor da negritude, além de relatar a vivência e sentimentalidade afro-brasileira, como menciona Sousa (2004). Solano Trindade descreve a história dos afrodescendentes através do seu discurso, relatando episódios de personagens relevantes para a construção do processo histórico do negro no Brasil, com destaque para Zumbi dos Palmares, ícone das lutas e revoluções dos negros no território brasileiro. Zumbi dos Palmares foi líder quilombola no período colonial, tendo congregado milhares de negros no seu refúgio, o Quilombo dos Palmares, oferecendo resistência à ação do colonizador. As memórias evocadas nos poemas são exemplos motivadores para aqueles que querem permanecer resistindo às intervenções ilegítimas, atentatórias ao exercício pleno da cidadania por parte da população afrodescendente. Ainda persistem em nossa sociedade a discriminação racial e outras formas de preconceito. Através da produção poética de Solano Trindade percebemos ideias que apontam para o questionamento do poder constituído contra a desvalorização do negro e seu consequente empobrecimento. Para Machado (2009), o discurso de Solano Trindade é um meio de restauração, um caminho de resistência que constitui um diálogo ancestral, entre os negros de “ontem” com aqueles que desejam sobreviver e perseverar nos anseios pessoais e culturais da atualidade, sem deixar de lado os princípios protagonizados por seus antepassados. Utilizamos os pressupostos teóricos de Duarte (2004, 2011, 2016), Ferreira (2006), Paz (1982), Said (2011), Souza (2004), Bernd (1988, 1992, 2011) entre outros teóricos em quem nos baseamos para o aprofundamento crítico da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-brasileira. Zumbi dos Palmares. Ancestralidade. Resistência. Solano Trindade.

ABSTRACT

This reserch presents a poetic that analyses the ancestry and the valorization of the black in the diaspora, as a literary strand of resistance, enphasizing the writing of the black poet Solano Trindade, making a study from the work **Cantares ao meu povo** (1961). The verses created by Trindade keeps the vigor of blackness, besides reporting the Afro-Brazilian experience and sentimentality, as mentioned by Sousa (2004). Solano Trindade describes the Afro-descendants through his speech, reporting episodes of relevant characters to the black historical process in Brazil, featuring Zumbi dos Palmares, icon of the struggles and revolutions in Brazilian territory. Zumbi dos Palmares was a quilombola leader in colonial period, having congragated thousands of blacks in his refuge, Quilombo dos Palmares, offering resistence to the colonizer. The memoirs evoked in the poems are motivating examples to those who want to remain resisting to the illegitimate interventions, threatening of the full exercise of citizenship by a portion of the Afrodescendant population. Still persist in our society the racial discrimination and other forms od prejudice. Between the poetic discrimination of Solano Trindade we perceived ideas that points for the questionamento of the constituded power against the devaluation of the black and its consequente impoverishment. To Machado (2009), Solano Trindades´s speech is a means of restauration, a way of resistance that constitutes an ancestral dialogue between the blacks of “yesterday” and those who wish to survive and persevere in its personal aspirations and culture of nowadays, without leaving aside the principles carried out by its ancestors. We use the theoretical assumption of Duarte (2004, 2011, 2016), Ferreira (2006), Paz (1982), Said (2011), Souza (2004), Bernd (1988, 1992, 2011) among other theorics in which we rely ro the critical deepening of the research.

KEYWORDS: Literaturw Afro-Brazilian. Zumbi dos Palmares. Ancestry. Resistence. Solano Trindade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: RESSIGNIFICANDO A IDENTIDADE NEGRA.....16
1.1 O Negro Escrito e Uma Escrita Negra.....22
1.2 Literatura na Afrobrasilidade.....32
2 ZUMBI: EXEMPLO DE RESISTÊNCIA.....50
2.1 A Importância de Zumbi Para a História Afrodescendente no Brasil.....51
2.2 “Canto Dos Palmares”: A Epopeia Do Negro Brasileiro.....61
3 MEMÓRIA AFRICANA NA DIÁSPORA.....88
3.1 A Eterna Novidade do Velho: Ancestralidade e Resistência.....92
3.1.1 A África no Brasil: Outra Versão da História.....94
3.2 Uma Identidade Roubada: Autoafirmação e Autobiografia do Negro.....104
3.3 A Metáfora do Trem Sujo da Leopoldina.....115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....121

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é apresentar o aprofundamento analítico da poesia de Solano Trindade, autor negro pernambucano que a partir do século XX ganha notoriedade por dedicar-se à arte de manifestar a cultura e história do povo negro na diáspora.

Encontramos a memória e resistência do povo negro como aspecto fundamental na construção do discurso deste poeta, em que se procura valorizar a história de uma comunidade que sofreu com as investidas de um grupo hegemônico, protagonista do sistema de escravidão humana.

Buscamos compreender como os discursos de enfrentamento e as atitudes de defesas do povo negro são colocados por Trindade, sabendo que a voz poética já não assume posição de objeto e sim de sujeito de sua própria trajetória de vida. Atentos para outras possibilidades de leituras, encontraremos no eu-lírico um sujeito que é negro e quer afirmar sua própria identidade, sabendo que na literatura por vezes encontramos casos em que, para alcançar espaço ou por não se colocar em atrito, preferiu-se camuflar os aspectos identitários.

A memória dos que vieram obrigados da África é colocada pelo “Poeta do povo” como uma maneira de recordação e homenagem às pessoas que lutaram para que os negros de hoje vivessem com um pouco mais de dignidade. Mesmo com algumas mudanças e direitos alcançados, ainda é preciso trabalhar muito para que a sociedade brasileira não se perca nas ideologias advindas do pensamento colonizador, que opera para desmerecer uma maioria populacional, ocupante de espaços inferiorizados.

A trajetória da comunidade afrodescendente está marcada pelos estigmas da escravidão, que por mais de três séculos encontrou-se como atividade fundamental para o crescimento do branco opressor e da colônia portuguesa.

Os maus-tratos são temas recorrentes na poética de Trindade, mas a resistência da comunidade negra se destaca nos versos. Embora relatando a dor de seus ascendentes, a saudade, o deslocamento geográfico e identitário, o vigor da negritude se sobressai, aludindo a personagens que reescreveram a historicidade dos afro-brasileiros.

A leitura que Solano Trindade faz da comunidade negra do Brasil diverge das que antes foram feitas e articuladas socialmente pelos meios difusores, quebrando imagens estereotipadas que por anos estão atreladas ao homem negro e vem sendo amparadas pelo discurso do opressor.

É mister direcionarmos a construção literária do poeta afro-brasileiro analisado a uma literatura que difunde a imagem positiva do negro, pois mesmo nas batalhas sangrentas dos períodos colonial e imperial brasileiros, procurou se portar com dignidade, não cruzando os braços e nem baixando a cabeça para os senhores, dominadores da sociedade.

Promovendo a leitura de uma literatura que não se encontra no cânone literário, nós procuramos perceber outros significados que Trindade apresenta diante da emergência de revisitar os textos que são consagrados pela crítica como “boa literatura”, mas que não estão próximos da realidade social: é por este aspecto que construiremos a presente pesquisa. Considerando o século XX como um período de atritos sociais e políticos, ressaltando a figura do homem subalternizado ganhando o poder de voz e o processo demorado para que isso viesse a acontecer.

José Francisco Solano Trindade nasceu em 24 de julho de 1908, na Rua Nogueira, São José, bairro da cidade de Recife, em Pernambuco, e morreu no dia 19 de fevereiro de 1974, no Rio de Janeiro. Seu pai, Manuel Abílio Pompilio da Trindade, era filho de negra com branco e exercia a função de sapateiro; a mãe, Emerenciana Maria de Jesus Trindade (Dona Merença), era filha de negro com índio, atuava como quituteira, além de atender às atividades de dona de casa.

Seu Manuel Abílio foi fundamental para o engajamento de Solano Trindade na cultura popular brasileira. O bairro de São José, tanto no tempo do natal quanto no carnaval, era movimentado, com pastoril, fandangos, bumba-meu-boi, presépio cheio de lapinha, mamulengos e frevo. Como o seu pai dançava, nos dias de folga, pastoril e bumba-meu-boi, levava-o para ver as danças populares e conhecer a arte regional.

A sua mãe era analfabeta, mas sentia curiosidade pela leitura e costumeiramente pedia a Solano para ler um trecho de lendas, das novelas, histórias de princesas, contos de fada, cordéis. A infância do menino recifense foi provida de histórias e experiências do imaginário popular que enriquecem o folclore brasileiro.

Solano Trindade estudou um pouco. Na escola fez o equivalente ao ensino médio de hoje, antigo segundo grau, além do curso de desenho no Liceu de Artes e Ofícios. Tornou-se protestante, exercendo a função de Diácono Presbiteriano na igreja, seus primeiros poemas eram místicos, falavam do Gólgota, do evangelho de Tiago e João Evangelista, publicando-os numa pequena revista do Colégio XV de Novembro em Garanhuns e em jornais do Recife. Depois dessa fase de envolvimento com a Igreja, começou a surgir a poesia negra e aflorar seu interesse pelos movimentos afrodescendentes.

Casou-se com a paraibana Maria Margarida, deste casamento vieram quatro filhos: Liberto, Raquel Trindade, Godiva e Francisco Solano, este foi assassinado em 1964 em um presídio carioca da Ditadura Militar. No poema “Tem gente com fome” tece uma crítica ao período mencionado, denunciando a imposição do governo sobre o povo marginalizado, forçando o silenciamento daqueles que não compartilhavam dos ideais excludentes da política ditatorial.

O que podemos falar sobre Solano Trindade é que ele participou ativamente das reivindicações associadas aos direitos dos negros e nas propostas de engajamento da população afrodescendente no cenário social brasileiro. Seja na Literatura, no cinema, na música, no teatro ou fundando uma instituição para que essa inserção ocorresse, sempre se mostrou apto a batalhar pelos ideais desta comunidade, mesmo que fosse preciso ir de encontro com as autoridades políticas.

Sua trajetória poético-ideológica se dá, primordialmente, a partir da década de trinta, realizando as seguintes atividades: em 1934 organizou o I Congresso Afro-Brasileiro, sediado em Recife, e participou, em 1937, do II Congresso, em Salvador.

Juntamente com Gerson Monteiro de Lima, o escritor Vicente Lima e o pintor Miguel Barros (o mulato), fundou, em 1936, no Recife, a Frente Negra Pernambucana. No ano seguinte, se transforma no Centro de Cultura Afro-brasileiro, almejando promover socialmente o negro e combater o complexo de inferioridade existente, havendo um aprimoramento cultural e um projeto de preparação profissional, com reuniões cívicas, culturais e recreativas.

O Centro de Cultura Afro-brasileiro ampliou as possibilidades de atuação dos integrantes da Frente Negra Pernambucana. A aplicabilidade deste movimento está na divulgação da cultura, de materiais que possibilitassem o registro da história dos afrodescendentes e da valorização do passado, além de ter um cuidado com a

pessoa negra. Seu propósito é político, resultante das ações firmadas pela Frente Negra Brasileira decorrente da década de trinta.

Além do apoio dado por esse “movimento social”, temos a realização de um trabalho científico, pois houve o engajamento de intelectuais negros que propuseram o estudo da nacionalidade brasileira e a pesquisa da pluralidade identitária. A realização dos congressos em Recife e Salvador se dá justamente para a divulgação de materiais críticos e pesquisas relacionadas ao processo de marginalização social e política dos negros, sobretudo para construir um material intelectual respaldado na cultura afro-brasileira.

Os debates eram pautados na complexa estrutura desse povo no Brasil, e os intelectuais negros eram protagonistas dos seus próprios discursos. Segundo Vicente Lima (apud GREGÓRIO, 2005, p. 44), é daí que surge a poesia de Solano Trindade, “fruto do rumo traçado por meia dúzia de intelectuais, que procurava uma afirmação do negro na cultura, estudando-o como fator preponderante na formação da nacionalidade brasileira, e a sua vasta contribuição”.

A partir de então Solano Trindade participa de várias atividades e grupos ligados à Negritude. Em 1942, Trindade fixa residência no Rio de Janeiro, tendo a oportunidade de expor suas pinturas, participou do Congresso Brasileiro de Escritores, fundou com Haroldo Costa, em 1944, o Teatro Folclórico Brasileiro e o comitê Democrático Afro-Brasileiro. No fim desse ano ocorre sua prisão por conta do poema “Tem gente com fome”, resultando na apreensão da obra **Poemas de Uma Vida Simples**.

O Teatro Experimental do Negro, em 1945, é mais uma de suas ações juntamente com Abdias Nascimento. Ao lado de sua esposa e com o sociólogo Edson Carneiro fundou o Teatro Popular Brasileiro (TPB), sendo este formado por operários, domésticas, estudantes e comerciários. Com o TPB, Solano Trindade viajou para alguns países da Europa, divulgando a arte popular.

Em 1961, Trindade chega à cidade de Embu, estado de São Paulo, hoje em dia conhecida por Embu das Artes, transformando-a em centro cultural, nesse período o Teatro Popular Brasileiro esteve no ápice de sua existência, atualmente denominado Teatro Popular Solano Trindade, estando sob a direção de sua filha Raquel.

A trajetória de Solano Trindade está vinculada a diversas expressões artísticas. Com atuações em filmes como *Leonora dos Sete Mares* (1955), *Agulha*

no Palheiro (1953), *O Santo Milagroso* (1966), *Mistérios da Ilha de Vênus* (1960), *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (1965), *Meu Destino é Pecar* (1952), e como coprodutor do filme *Magia verde* (1953). Produziu um documentário em Praga, então Tchecoslováquia, assumiu a direção de coreografia do filme *Estouro na praça*, que abordou a história do samba, além de oferecer um curso sobre danças folclóricas brasileiras, no Museu de Arte de São Paulo, e dar conferências em diversas universidades deste estado. Em vida publicou as obras: **Poemas Negros** (1936), **Poemas de uma Vida Simples** (1944), **Seis Tempos de Poesia** (1958) e **Cantares ao Meu Povo,** com sua primeira edição em 1961.

A importância de desenvolvermos esta dissertação consiste em mostrar uma reflexão distinta da apresentada pelo Cânone literário e História "oficial". Pois já se foi o tempo em que pensar a figura do negro no cenário literário brasileiro era fazer referência a personagens estereotipados ou caricaturados por escritores brancos, para falar o mínimo. A emergência de apresentar o negro para além da imagem do puro penar ganha visibilidade no texto, ratificada nos poemas de Solano Trindade, e na busca de revisão dos textos consagrados.

É necessário pesquisarmos sobre poetas negros, trazendo-os para a arena da visibilidade, pois encontramos em suas produções literárias experiências de vida do imaginário social, sabendo que, apesar da multiplicidade étnico-cultural da sociedade brasileira, ainda persiste a contradição em declarar a igualdade de direitos. Enfatizar a figura do herói negro, Zumbi dos Palmares, é preciso para refletirmos sobre a relação de dominação e resistência inerente à historiografia afrodescendente.

O procedimento metodológico está voltado para a abordagem da técnica de pesquisa qualitativa e bibliográfica. Os estudos que sustentam a pesquisa são voltados para a contextualização social, histórica e cultural do negro, ancorados nos pressupostos teórico-críticos de autores como Munanga (2012), Santos (2005), Moura (1993; 2014) e Schwarcz (1993), no tocante à discriminação racial no Brasil. Em relação aos estudos da Literatura Afro-brasileira nos apoiamos em Duarte (2004; 2011), Camargo (1987), Bernd (1988; 1992) e Damasceno (1988). No que concerne à memória africana na diáspora recorremos aos estudos de Somé (2003), Bosi (2004), Laranjeira (1995; 2010), entre outras leituras que corroboram para o desenvolvimento desta dissertação.

A pesquisa está organizada a partir de três capítulos, construídos da seguinte forma: No primeiro capítulo abordamos a História da comunidade negra e a Literatura em que o sujeito se encontra no texto literário em diálogo com o contexto social, a ressignificação da literatura, especificamente a brasileira, analisando a presença negra no campo literário, percebendo o negro enquanto objeto temático e que *a posteriori* apresenta-se como sujeito de seu próprio discurso. Sobretudo como se encontra o poeta Solano Trindade nesta perspectiva, pois seus poemas vão, em alguns momentos, divergir das literaturas consagradas pela crítica convencional, tendo um fim político e social em defesa da classe oprimida.

No segundo capítulo enfatizamos a imagem de Zumbi e seu protagonismo para a história dos afro-brasileiros, neste contexto apresentamos o tráfico negreiro como atividade política e econômica com fins lucrativos e de ascensão social para Portugal e os brancos dominadores da colônia. Apresentaremos os mecanismos de poder e a construção do maior quilombo já existente no Brasil, Palmares. Zumbi se torna fundamental para o corpo da pesquisa, a partir de seus ideais e feitos para a liberdade de seu povo, construiremos as análises dos poemas.

Na sequência apresentamos o terceiro capítulo, continuando com o processo de análises dos poemas. Os aspectos identitários e a memória do povo africano na diáspora são destacados, possibilitando um diálogo entre tradição e modernidade, pois encontramos no imaginário social e cultural brasileiro fatores que rememoram a ancestralidade africana. O enaltecimento da cultura negra e a evocação da memória ancestral são compreendidos como uma maneira de afirmação da negritude. Observamos o discurso do eu-lírico, pois além de reportar-se à sua ascendência, não se posiciona individualmente, apresentando os sentimentos do povo marginalizado.

1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: RESSIGNIFICANDO A IDENTIDADE NEGRA

PARA QUE VIM

Eu vim para cuidar de jardins
Plantar coloridas flores
Regá-las ao sair do sol
Fazer lindos buquês
E ofertá-los aos deuses
E as mulheres

Mas há ameaça de guerra
E os jardins não sobreviverão ao fogo
Então não cuidarei de jardins
Não levarei flores aos deuses
Nem às mulheres
Pregarei a paz.

(TRINDADE, 2011, p. 61)

A literatura, desde as primeiras expressões, tem caminhado paralelamente ao processo de evolução humana, oferecendo uma visão da realidade que emana da cosmovisão do autor. O diálogo entre a literatura e outras áreas do saber tem rendido um trabalho profícuo nas investigações voltadas às humanidades.

Não se pode ignorar o contexto e as condições de produção do trabalho hermenêutico da obra. A literatura dialoga com a História e esta se posiciona como interlocutora privilegiada, exercendo seu papel de instrumento de representação da humanidade e sua evolução, sua forma de pensar e agir, tomando como base os períodos em que tais ações procedem, o ambiente e o contexto.

A História, assim como a Sociologia, a Antropologia, entre outras áreas do saber, oferece a oportunidade de conhecer, também, as transformações que a sociedade sofreu, através da ação contada, dos personagens e seus feitos. A trajetória da humanidade nos seus primórdios foi tradicionalmente transmitida oralmente, a exemplo dos *aedos* e *rapsodos* e, no caso das literaturas africanas, dos *griots*.

O contato com a História justifica a presença do sujeito e sua relação com a sociedade. Muitas vezes encontramos personagens enfatizados em determinadas obras, mas não podemos correr o risco de considerar apenas estes personagens

como integrantes únicos de todo texto. Não podemos particularizá-lo, suas ações não podem ser individualizadas, e sim, projeções sociais.

Por trás dos atos idealizados por estas figuras, encontramos a história de um povo, localizado em um determinado lugar, em uma determinada época. Isso é necessário para que compreendamos não só o conteúdo articulado na/pela obra, mas para que tenhamos uma aproximação da proposta sugerida pelo autor, pois, consequentemente, este produto literário poderá servir de fonte de pesquisa e como documento historiográfico para que se possa compreender e conhecer as fases de nossa sociedade.

A respeito do processo histórico-literário deve-se considerar que houve determinadas “eleições” de obras condicionadas a fatores específicos, como a crítica especializada e a formação do “campo literário”, constituindo um “cânone”. Sendo assim, na medida em que há obras eleitas, há paralelamente obras silenciadas e ocultadas dessa história. O diálogo entre tradição e modernidade efetiva-se a partir de uma retomada estilística e temática que presta um tributo ao passado sem, contudo, descurar das demandas da contemporaneidade.

Apesar de muitos críticos não aceitarem a relação entre texto e contexto, propondo ser uma relação conturbada, essa aproximação, mesmo sem ser entendida como uma cópia do real, é pertinente para que possamos entender a correlação entre palavra, autor e sociedade.

No tocante à literatura e ao meio social não podemos desprezar esse diálogo entre realidade e ficção. Essa integração do texto com o contexto tem sido discutida e estudada desde a antiguidade por críticos e filósofos, como no caso de Aristóteles, até os estudos mais contemporâneos que advêm de teóricos como Antonio Candido. Para o filósofo grego Aristóteles, a literatura é, em suma, a representação do real, ele toma o viés da verossimilhança como ponto de partida para a compreensão do fazer literário, em seus estudos, ele enfatiza a epopeia e a tragédia como gêneros maiores por serem textos que narram as ações humanas e seus atos heroicos.

Os estudos aristotélicos classificam essa relação como *mimesis,* este liame corresponde ao texto e sua compreensão com os fatos cotidianos, que também é mencionada por Antonio Candido em **Literatura e sociedade***,* salientando que a “realidade social se transforma em um componente de uma estrutura literária (CANDIDO, 2006)”. Ao estudar a **Poética** de Aristóteles, Palhares (2013, p.16) verifica que:

> a *mimese* não representa uma mera imitação: trata-se, na verdade, de uma atividade que, ao mesmo tempo que reproduz o real, na possibilidade, o supera, o aprimora, o melhora, modificando e recriando-o, ou seja, o termo foi concebido não no sentido da cópia, mas da criação de novos parâmetros para a observação do real.

É necessário que compreendamos a expressão mimética não como aspecto de imitação ou configuração fiel do real, mas como exploração e representação do que está sendo observado e recriado, a análise mimética possibilita ao criador do texto literário uma nova versão dos fatos, aprimorando e idealizando outras formas de apresentar o contexto social para os leitores, fazendo com que estes visem e tenham outras possibilidades de leituras. A respeito disso Palhares fala que:

> Acreditamos, dessa forma, que a *mimese* não é dada como simples e pura duplicação do real, mas como algo capaz de criar o existente através de novas correlações, proporcionando bases para possíveis interpretações do mesmo (PALHARES, 2013, p. 16).

São muitas as discussões teóricas acerca da literatura, não com o intuito de inferir conceitos, mas para entendê-la como uma produção estética da arte que hibridamente está associada com as ações de determinados grupos sociais, e isso tem sido intensificado no decorrer das últimas décadas com o despontamento da literatura contemporânea. As novas expressões estético-literárias permitem-nos uma compreensão mais direta do sujeito social e de seus grupos de pertencimento ou as quais se relacionam.

Aristóteles deixou sua contribuição para os estudos que implicam a Teoria Literária, atribuindo uma visão de escrita textual relacionada às ações do homem, expondo três sentidos: a mimese, que implica a arte e a natureza; a catarse como efeito emotivo que surge através da mimese e suscita no público, e o pensamento da verossimilhança que está acometido à aparência do real que o texto deve assumir; ou seja, a narrativa, para Aristóteles, tem que expressar um sentido próximo ao real.

A partir dessa sintonia estabelecida entre o substrato literário e o viés sociológico encontramos a figura do autor como peça fundamental para a difusão da obra. O autor é uma figura essencial para que ocorra uma boa aceitação do produto pelos leitores. Tem que existir uma aliança entre obra, autor e público, como salienta

Candido (2006), para que haja uma apreciação verdadeira do conteúdo discutido no texto.

Para isso, não é preciso o autor colocar marcas de sua personalidade em seu produto, ou seja, não é necessário que o eu (sujeito-lírico) expresse suas emoções pessoais debruçadas em sua escrita, mas, impreterivelmente, é indiscutível que ele conheça o objeto a ser explorado, tem que dominar o conteúdo para externar suas ideias e pensamentos sobre a problemática inferida:

> Na medida em que a arte é - como foi apresentada aqui - um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel (CANDIDO, 2006, p. 47).

Candido, além de analisar a estética literária em **Literatura e sociedade** (2006), executa uma análise sobre o escritor que, em sua posição de idealizador de um veículo que comporta diversas informações, tende associar valores, ideologias e pensamentos que operam não só na sua individualidade, mas que abarcam a realidade de outras pessoas.

O texto literário também pode ser concebido como um veículo em que circula muitas informações, podendo ajudar as pessoas a tomarem conhecimento daquilo que possa ser desconhecido ou, até mesmo, pouco conhecido, que por motivos peculiares permaneceram sem ser explanados. Portanto, possui também um caráter investigativo por fazer de sua linguagem informacional um documento que denuncia a segregação humana, as classes marginais que vivem em espaços periféricos de nossa sociedade, ou até mesmo demonstra o esquecimento das pessoas que possui baixo poder aquisitivo, sendo desqualificadas e postas à margem, com espaços limitados e sem o poder de voz.

A linguagem escrita tem executado um papel importante no desenvolvimento da sociedade, por muito tempo foi sinônimo de empoderamento de culturas e poucas pessoas tinham direito de manuseá-la, pois, a escrita literária e suas produções eram limitadas à classe nobre da sociedade e escanteava aqueles que eram menos favorecidos, que tinham um poder econômico inferior, sem direito a esse bem que nos ajuda a sermos mais esclarecidos e atentos à nossa realidade.

Solano Trindade é um poeta afro-brasileiro que procura se aproximar do leitor através de uma linguagem simples. Em seus poemas aborda o cotidiano do homem

negro brasileiro e sua simplicidade, mostrando-nos a realidade de pessoas que, mesmo vivendo em tempos modernos, sofrem o pesar da desigualdade social e da intolerância racial.

Através de sua produção literária percebemos que este poeta negro é conhecedor do conteúdo explanado em seus poemas. Sugere através de sua poética que o leitor reflita sobre a condição do homem negro e sua vivência na sociedade brasileira, refletindo sobre a trajetória de vida e as dificuldades enfrentadas para receber o devido respeito, com mais inclusão e menos indiferenças.

Solano Trindade passou por diversos desafios e quis fazer de sua poesia um meio para as discussões a respeito da conjuntura social brasileira que elege uma minoria, e esta detém o poder e acaba segregando a maior parcela social. Coloca no papel as suas discordâncias e desconfortos, ao ver que mesmo com a liberdade conquistada de seus irmãos de “cor”, ainda existiam correntes que os aprisionavam e os colocavam em situações de constrangimentos.

Sua escrita está direcionada para as lutas em favor de direitos iguais para todos, independente de cor, raça ou religião. Propondo uma escrita literária universal, sem fazer restrição de pessoas, mas contemplando a todos que buscam ter uma vida livre e que lutam para alcançar uma sociedade menos egoísta e desumana. Seu grito de guerra é o grito da liberdade que tira a mordaça dos que sofrem e busca o extermínio das injustiças e opressões:

MEU CANTO DE GUERRA

Eu canto na guerra,
como cantei na paz,
pois o meu poema
é universal.
É o homem que sofre,
o homem que geme,
É o lamento
do povo oprimido,
da gente sem pão...
É o gemido
de todas as raças,
de todos os homens
É o poema
da multidão!

(TRINDADE, 2007, p. 36).

O poeta age em defesa do homem negro e daqueles que sofrem com uma política de exclusão, que faz do homem menos favorecido um escravo. Não deixava de cantar, se na guerra o seu grito era pela liberdade, palavra que é muito utilizada por Trindade, utilizada em seus diversos sentidos, na paz ele cantava a força e dedicação dos seus ao conquistar o seu devido espaço na sociedade.

Cantava e contava a trajetória do homem negro na diáspora, reescrevendo uma história que foi saqueada pelo homem branco. A sede de justiça era explicitamente inferida em seus poemas, não só em relação aos negros, mas a todas as pessoas que eram tratadas com indiferença, sofriam preconceitos e outros descasos.

O poeta do povo, título pelo qual Solano Trindade gostava de ser chamado, buscava a harmonia social e estava disposto a batalhar por isso, mesmo que sofresse muitas represálias e passasse por dificuldades como, de fato, aconteceu, pois seus poemas denunciavam as estruturas fascistas que detinham o poder e utilizavam de seu autoritarismo para diminuir e aprisionar as pessoas que possuíam uma condição social inferior.

Este poeta negro não se deixou intimidar pelas forças políticas e governamentais que dominavam a sociedade brasileira do século XX, que faziam mau uso de seu poder, utilizando suas riquezas para fazer das pessoas mais humildes massa de manobra. É recorrente o convite que Trindade faz para encararmos seus poemas não só como um produto estético-literário, mas como uma maneira de refletirmos sobre as divergências e conflitos que encontramos em nossa sociedade.

Embora escritos a partir da segunda metade do século XX, são poemas que refletem sobre os mecanismos políticos, sociais e econômicos recorrentes no Brasil atual. Esses problemas são mencionados e denunciados por Trindade porque por gerações ainda subsistem em nossa realidade, desqualificando as pessoas que lutaram e lutam por um país democrático e digno, no qual, em sua maioria, são os negros os mais atingidos.

O poeta busca desmistificar a ideia de segregação que perpassa por séculos a sociedade brasileira, rotulando o negro como ser inferior, marginalizando-os. Na posição que ocupa não procura satisfazer seus próprios anseios, mas deseja a exaltação do negro a partir da figura de Zumbi, líder quilombola do período colonial. Solano Trindade enfatiza a presença dos negros no processo historiográfico do

Brasil e tece uma crítica aos que têm o poder da escrita, mas não a utiliza para denunciar ou expor os atritos existentes, como podemos perceber no poema “Advertência”:

> Há poetas que só fazem versos de amor
> Há poetas herméticos e concretistas
> enquanto se fabricam
> bombas atômicas e de hidrogênio
> enquanto se preparam
> exércitos para a guerra
> enquanto a fome estiola os povos...
>
> Depois
> eles farão versos de pavor e de remorso
> e não escaparão ao castigo
> porque a guerra e a fome
> também os atingirão
> e os poetas cairão no esquecimento...
>
> (TRINDADE, 2007, p. 17).

Duarte, em **Literatura e afrodescedência no Brasil**: antologia crítica (2011), cita inúmeros, no entanto, poucos poetas afro-brasileiros conseguiram contar a saga dos cativos africanos e de seus descendentes nas terras brasileiras como Solano Trindade. Ele deu voz àqueles que estavam silenciados, deu movimento aos corpos que estavam estáticos, surrados pela desvalorização proveniente de uma minoria opressora, que procura se manter dominando através da desqualificação o outro.

1.1 O NEGRO ESCRITO E UMA ESCRITA NEGRA

Oswaldo de Camargo em o **Negro Escrito**: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira (1987), discorre que o homem negro permaneceu durante muito tempo marginalizado por estereótipos que o segregavam, deixando-o sempre em segundo plano, em estado subserviente. Não precisamos ir muito longe para perceber que, na trajetória do homem negro, das formas mais variadas, ele sofreu obstruções sociais.

Ao homem de tez negra, depois que ele foi tirado violentamente de sua pátria-mãe, foram oferecidos o desprezo, a rejeição. Ele foi tratado como um animal, visto como um homem incapaz de exercer outras funções, senão as que exigiam muita força física, restringindo-se às atividades braçais, vistas com maus olhos.

Aos não brancos foram destinados os espaços menos favorecidos, aqueles que até hoje são mais excluídos. Os homens de características ocidentalizadas, tidos como seres dotados de inteligência e abençoados por Deus, como menciona Moura (2014), eram donos de extensas propriedades, fazendas e vastas produções, ocupavam os melhores cargos e frequentavam ambientes luxuosos que os acomodavam para os seus deleites.

Estas afirmativas podem ser encontradas nas várias formas de expressões artísticas, no cenário político, econômico, social e cultural do território brasileiro. Não se restringindo só às terras brasileiras, mas, configurando-se por outros lugares que aceitaram a submissão do povo negro para a ascensão social, desbravamento de territórios e empoderamento.

Não interessou ao homem europeu entender que, ao arrancar outro ser humano que distingue de sua cor por ela possuir um tom mais escuro, e, portanto, este seria seu “pecado”, ter uma cor penetrada pelo sol da África, estaria cometendo uma injustiça contra os negros, que de senhores de suas terras passaram a ser trabalhadores escravizados, pois estavam em uma posição de instabilidade.

Não conheciam o território para onde foram trazidos forçadamente e eram tratados com menosprezos na tentativa de coibi-los. Tal pensamento nos remete à obra **O Cortiço** (1890), de Aluísio de Azevedo. Esta obra nos apresenta uma abordagem sobre a exploração do homem negro através de João Romão, que se aproveita da fragilidade de Bertoleza e de outros personagens negros que, no romance naturalista, são apresentados como indivíduos coisificados e subalternizados.

Seja na literatura, na música, na dramaturgia, na teledramaturgia, produções fílmicas, propagandas televisivas, enfim, nas diversas formas de expressões artísticas, encontramos as humilhações que permeiam a história dos afrodescendentes, sendo tratados com descasos, sem nunca serem apresentados como protagonistas de suas próprias trajetórias de vida.

O racismo, a discriminação racial no Brasil, ganhou espaço, estava, de maneira explícita, recolhida nos lares, nos ambientes profissionais, nos momentos de lazer, no cotidiano do povo brasileiro.

Os homens trazidos da África, que não foram poucos, pois, estima-se que no século XVIII, auge do tráfico de escravos, tenham sido trazidos 55. 000 africanos no território brasileiro, segundo Clóvis Moura (1993), tiveram que se adaptar à sua nova

forma de vida, desempenhando funções manuais, que exigiam muita força física e disposição:

> A colônia portuguesa (o Brasil) dependia de grande suprimento de africanos para atender às necessidades crescentes de uma economia carente de mão-de-obra. A migração transatlântica forçada foi a principal fonte de renovação da população cativa no Brasil, especialmente nas áreas ligadas à agricultura de exportação, como cana-de-açúcar. Submetida a péssimas condições de vida e maus-tratos (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 39).

Metaforicamente, as senzalas, hoje em dia, são exemplificadas pelas áreas marginais, como as favelas e outras áreas suburbanas que acolhem os que vivem em situação de descaso, pessoas menos favorecidas, os herdeiros do sistema escravocrata que permeou por mais de dois séculos a história do nosso país.

Nas terras brasileiras o negro passou a ser identificado como “pés e mãos dos senhores”, e em Angola, de “nervo das fábricas do Brasil”, segundo Clóvis Moura (1993). Mesmo assim, isso não era motivo suficiente para que o homem europeu atribuísse ao cativo africano o seu devido valor. O Brasil foi construído, primeiramente, pela tomada de terras e extermínio dos nativos, os colonizadores se aproveitaram do conhecimento dos primeiros donos para explorar o território brasileiro.

Porém, os indígenas contrapõem-se à dominação portuguesa e entram em confronto, não aceitando a sujeição imposta pelos colonizadores, o que gerou muitos conflitos e massacres. Além de outros fatores, como: as epidemias que dizimaram muitos indígenas e suas fugas para o interior do país, que ocasionavam maiores custos no apresamento e seus transportes, favoreceram para a transformação do tráfico negreiro de mera atividade ultramarina para a negociação mais lucrativa do Atlântico Sul.

A partir daí deu-se início à inferiorização dos negros que, injustamente, foram estereotipados e apresentados como seres que não nasciam para viver em sociedade, por não saber o que era um meio social organizado e sistemático, já que em África tinham outra formação social. A versão dada pelos portugueses é a de que o território africano tinha muitas riquezas, mas o povo que ali vivia não sabia utilizá-las, explorava pouco suas terras, não trazia consigo a ganância que o homem ocidentalizado possuía, o de ampliar seu território e de conquistar novas nações.

O fato de os portugueses encontrarem os africanos “comendo no chão ou morando em casebres de palha logo lhes infundiu um sentimento de superioridade”, como menciona Marc Ferro (1996). Em África, o homem vivia sua liberdade com simplicidade, tinha seus próprios cultos, com outra forma de pensar e agir. Isso não quer dizer que não houvesse conflitos, pelo contrário, sabemos que em todas as organizações sociais o conflito está presente, mas, apesar de existirem, em África não tinham o mesmo intuito proposto pelos desbravadores portugueses que, mesmo sem ter o objetivo de provocar desavenças, com a ideologia do desbravamento e da dominação acabavam ocasionando muitos contrastes.

A imagem dos africanos e dos seus descendentes na diáspora estava relacionada à figura deturpada do homem negro. Por vezes encontramos o negro comparado a uma transgressão da natureza: decerto, o homem que tinha uma pele com um tom escuro não era sinônimo de beleza, os olhares a ele dirigidos eram de inaceitação porque não se enquadravam aos padrões de beleza da época. Solano Trindade, em seu poema “Civilização Branca”, denuncia essa forma transgressora de perceber o negro como um ser humano incompleto, criminalizado pela cor de sua pele:

> Lincharam um homem
> Entre os arranha-céus,
> (Li no jornal)
> Procurei o crime do homem
> Estava na cor de sua epiderme.
>
> (TRINDADE, 2007, p. 144).

As pesquisas demonstram que as práticas de exclusão, na maioria das vezes, acontecem de forma velada, ou seja, apresentam-se implicitamente, sem, necessariamente, serem verbalizadas ou por violações físicas. O preconceito estabelecido no Brasil é secular. Com o decorrer do tempo, ele foi se tornando mais forte e enraizando-se cada vez mais, até chegar ao ponto das práticas discriminatórias serem manifestadas e acobertadas pelo mito da “democracia racial”.

O antropólogo congolês Kabengele Munanga em entrevista à TV Boa Vontade afirmou que o Brasil possui um quadro gritante de discriminação. E isso resvala em todos os setores da sociedade, mencionando que as manifestações racistas brasileiras possuem características peculiares e se configuram de modo camuflado:

> Esse mito (da democracia racial) já faz parte da educação do brasileiro. E esse mito, apesar de desmistificado pela ciência, a inércia desse mito ainda é forte e qualquer brasileiro se vê através desse mito. Se você pegar um brasileiro até em flagrante em um comportamento racista e preconceituoso, ele nega. É capaz dele dizer que o problema está na cabeça da vítima que é complexada, e ele não é racista. Isso tem a ver com as características históricas que o nosso racismo assumiu, um racismo que se constrói pela negação do próprio racismo (MUNANGA, 2012)[1].

Para Kabengele Munanga a própria instituição escolar, considerada um espaço de acolhimento e veiculação de informações múltiplas, colabora para a perpetuação do racismo quando não reconhece o pluriculturalismo presente na sociedade brasileira, contribuindo para que o negro não se perceba nessa história, reproduzindo um discurso único.

São muitas as tentativas de apagar o negro na história do Brasil. Por isso, algumas pessoas não reconhecem sua descendência e assumem posturas racistas, para tentar se livrar da inferiorização ideológica e política. Alienadas, elas negam sua própria natureza humana e buscam no branqueamento uma maneira de serem aceitas socialmente sem os transtornos providos dos rótulos pejorativos.

Imagina-se que no Brasil se vive uma “democracia racial”, isso é uma ideia ilusória que se aplica para mascarar a recorrência dos mecanismos excludentes, que no dia a dia o negro sofre quando se depara com uma situação de desconforto ao lhe ser negada uma oportunidade de trabalho porque suas características fenotípicas não correspondem às que se esperam para ocupar determinados cargos:

> No Brasil há um racismo camuflado, disfarçado de democracia racial. Tal mentalidade, se pensarmos bem, é tão perigosa quanto aquela que é assumida, declarada. O racismo camuflado é traiçoeiro: não se sabe exatamente de onde vem. Tanto pode se manifestar nos regimes autoritários quanto nas democracias. Se fizermos um balanço de algumas passagens de nossa história, verificaremos que, por tradição, o brasileiro tem uma mentalidade racista e antissemita. Esse aspecto está oculto na chamada *história oficial*, em que certos assuntos são evitados, para não ferir a memória de algumas instituições e personalidades (CARNEIRO, 1994, p. 07).

---

[1] MUNANGA, Kabengele. *O impacto do preconceito na sociedade brasileira*. Entrevista concedida à Boa Vontade TV, 2012. Disponível em <http://tbv.com.br/interno.php?cm=96092&ci=1> acesso em: 11 de Jan. 2016.

A propósito, se observarmos uma unidade escolar, iremos perceber que, mesmo com o surgimento das políticas públicas, são, em maioria, os negros que evadem das escolas por falta de condições ou porque precisam trabalhar cedo para ajudar em casa. São os negros que ocupam os cargos mais desvalorizados, como no caso das empregadas domésticas, que até pouco tempo estavam desamparadas pelas leis trabalhistas.

Quando analisamos a trajetória do povo brasileiro encontramos os conflitos existentes. A fome e a miséria são maneiras de subalternização e muitas pessoas tiram proveito disso, e o mito da cordialidade racial persiste em nosso país justificado pela ausência de *pogroms* ou de situações como as da África do Sul que caracterizaram o *apartheid*, porque as pessoas no Brasil não admitem que são preconceituosas e que no dia a dia recorrem ao racismo para atingir o “diferente”.

Mas, para Kabengele Munanga, as coisas têm tomado outros rumos, mesmo que sejam em passos lentos, muitas questões em torno dessa temática têm sido discutidas. O mito da democracia racial foi desvendado e, atualmente, as pessoas já reconhecem que o Brasil, por tradição, traz em sua história os transtornos do racismo.

Alguns negros foram tendo a oportunidade de estudar e, com isso, tiveram a liberdade de expor suas ideias e de opinar na vida pública. Aliados a grupos que não eram de acordo com a disseminação de tais práticas segregadoras, passaram a se posicionar contra algumas pessoas que usavam o preconceito como arma para permanecer com o poder centralizado.

Porém, encontramos em muitos discursos que refutam o racismo, principalmente em grupos fechados e organizações governamentais, elementos que ao invés de diminuir acabam por reforçar sua existência.

A tentativa de combater os mecanismos excludentes baseada nas lógicas binárias[2] provoca o fortalecimento da discriminação. Isso acontece quando movimentos, ativistas e pesquisadores da temática começam a ter posicionamentos limitadores, como no caso de que só pode falar e escrever sobre negro quem é negro. Este binarismo é tão perigoso quanto a discriminação racial, com essa contenção, a história apenas se repete e o preconceito assume outra versão:

---

[2] Lógicas Binárias: termo utilizado pela autora Zilá Bernd para referenciar a existência de oposição entre negro/branco; autóctone/estrangeiro; eu/outro.

> Um exemplo deste perigo seria o que vem sendo chamado na América do Norte de “appropriation of voices”, onde os defensores dos direitos de determinadas minorias como negros, mulheres, gays, índios etc, levam a afirmação identitária dos diferentes grupos ao paroxismo de exigir que é preciso ser negro para falar sobre negros, mulher para escrever sobre mulheres ou índio para interpretar papéis de índio (BERND, 2011, p. 29).

Essas formulações acabam por restringir a problemática do preconceito racial a grupos fechados, estabelecendo cordões de isolamento. A temática étnico-racial do nosso país não diz respeito apenas a um grupo, mas atinge todos os cidadãos brasileiros. Porque o racismo é uma construção ideológica e política, chegando, principalmente, à dimensão cultural.

Percebemos isso quando algumas brincadeiras são feitas e têm como conteúdo principal a cor da pele dos negros ou suas características físicas, servindo como motivo para chacotas. As pessoas que as praticam não se dão conta de que estão reforçando a ideia de inferiorização do homem negro, tornando-o motivo para risos, com a justificativa de serem ditos espirituosos sem malícias.

É preciso repensar as atitudes quando estas se referem à presença do negro no Brasil. O que deve ser entendido é que, consideravelmente, o território brasileiro é um espaço onde se tem o cruzamento de raças, línguas e etnias. O nosso contexto é heterogêneo, não adianta procurarmos meios para tentar excluir esse fato de nossa história. Nossa identidade nacional não é homogênea, porque a essência do nosso país se configura a partir do diálogo da diversidade cultural.

É isso que sugere Solano Trindade ao usar sua poesia como um caminho de reversão dessas atitudes, quebrando o protagonismo de um discurso único, onde o negro está situado em cenas periféricas e não consegue demonstrar o seu brio. É preciso ultrapassar esse obstáculo de rejeição do “diferente”, quebrar os rótulos e demonstrar que a cor da tez não pode ser entendida como elemento para determinar se uma pessoa tem bom caráter ou não:

CONVERSA

— Eita negro!
Quem foi que disse,
Que a gente não é gente,
Quem foi esse demente,
se tem olhos não vê...

— Que foi que fizeste mano
Para assim tanto falar?
— Plantei os canaviais do nordeste.

— E tu mano o que fizeste?
— Eu plantei algodão
Nos campos do Sul
Pros homens de sangue azul
Que pagavam meu trabalho,
Com surra de cipó-pau.

— Basta mano,
Pra eu não chorar,
E tu Ana,
Conta-me tua vida,
Na senzala, no terreiro.

— Eu...
Cantei embolada,
Pra sinhá dormir,
Fiz tranças nela,
Pra sinhá sair.

Tomando cachaça
Servi de amor,
Dancei no terreiro,
Pra sinhozinho,
Apanhei surras grandes,
Sem mal eu fazer.

— Eita quanta coisa,
Tu tens pra contar...
Não conta mais nada,
Pra eu não chorar.

— E tu Manoel,
Que andaste a fazer
— Eu sempre fui malandro
Ó tia Maria,
Gostava de terreiro
Como ninguém,
Subi para o morro,
Fiz sambas bonitos,
Conquistei as mulatas,
Bonitas de lá...

— Eita negro,
Quem foi que disse,
Que a gente não é gente?
Quem foi esse demente,
Se tem olhos não vê.

(TRINDADE, 2011, p. 24).

Solano Trindade inicia o poema “Conversa” tecendo uma crítica às pessoas que não querem reconhecer a humanidade dos homens de pele escura, procurando motivos para permanecer com estereótipos que desvalorizam o homem negro. A proposta de Trindade é, justamente, contrapor essa ideia que exclui o que é considerado diferente, que neste caso é o homem de tez negra. A cor da pele, no contexto brasileiro, é símbolo ideológico e político. Quanto mais branca a epiderme, mais oportunidade de ascensão social o cidadão terá.

Esse pensamento, por muito tempo, foi aceito pela sociedade e as pessoas que não correspondiam aos padrões estéticos estabelecidos pelo modismo eram subjugadas aos critérios de desqualificação. O poeta utiliza o termo “demente” para designar as pessoas que tem essa concepção e que não procuram encarar a realidade cerrando os olhos para a outra história. O negro tem vida e é gente sim, esta frase é dogmática para este poeta que busca a inserção do homem de origem africana, mostrando a sua importância na construção do Brasil.

No poema citado encontramos um diálogo entre pessoas negras que começam a contar as suas vivências. É interessante observarmos que o negro está presente em todo território brasileiro, isso significa que não teve uma região exclusiva para que o trabalho escravo fosse executado. E por onde os negros passaram deixaram suas marcas que hoje estão disseminadas na nossa língua e cultura. O poeta utiliza as expressões “Plantei os canaviais do Nordeste” e “Nos campos do Sul” para expressar o quanto o negro teve participação na economia do nosso país. E o pagamento pelas atividades realizadas era uma surra sem nada ter feito, os maus-tratos e os abusos sexuais que as mulheres sofriam por parte dos seus senhores.

O homem de origem africana era vítima da literatura aliada aos burgueses, que recorriam à escrita para reproduzir um discurso de intolerância e repulsa aos costumes e vivências africanas. Encontramos em livros, jornais, folhetins, o afrodescendente sendo excluído, colocado à margem da sociedade que busca através do embranquecimento a homogeneidade social, tornando-se próxima dos padrões eurocêntricos.

É sabido que a conjuntura social brasileira foi estabelecida sob as orientações advindas do velho mundo. O discurso eurocêntrico, por conveniência, considera a Europa o berço da civilização sem levantar questionamentos, o que não aconteceu com o continente africano, também conhecido como continente negro. O território

africano foi transformado em “um verdadeiro terreno de caça humana e de carnificina”, como afirma Carlos Moore (2010). Com isso, tudo o que se refere ao legado africano e suas contribuições culturais e históricas no Brasil foram apresentados com uma visão depreciativa.

Nas obras em que o homem africano e seus descendentes apareciam, eram introduzidos por caricaturas e estereótipos depreciativos, que iniciavam pela estética e adentravam pela moral.

Para David Brookshaw (1983), antes de 1850 a presença do negro na literatura é quase inexistente, o que pode nos causar surpresa, porque os escravos desempenhavam muitas atividades diárias. Mas, para este autor, podendo ser justificado pela ideia de que o escritor não reconhecia os escravos como humanos e por estarem ao lado dos grandes proprietários, ou seja, dependiam do amparo das instituições escravocratas.

Os escritores não tinham os seus olhares para os oprimidos. Com a abolição do tráfico negreiro em 1850, houve uma mudança: a literatura brasileira começa a voltar-se para os escravos, mas sob o viés da desumanidade, do desgosto e da impiedade. O espaço ocupado pelos afrodescendentes nos textos era o de objeto, sendo caracterizado por palavras com um tom racista exagerado, uma visão deturpada do homem negro tornava-se visível nos escritos. Castilho salienta que:

> Em resumo, a presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau (CASTILHO, 2004, p. 107).

Em 1856 surge o primeiro romance que aborda a temática da escravidão, intitulado **O comendador**, de Pinheiro Guimarães. A abordagem que era feita sobre o negro não enfatizava sua vivência, mas era uma escrita que apresentava a situação desumana com a qual ele era tratado. A preocupação não era evidenciar o homem que até pouco tempo vivia encarcerado pelos estigmas da escravidão, mas era reforçar a sua posição de subalternização, já que, apesar de liberto, não era visto como cidadão que goza de seus plenos direitos.

No período romântico da literatura brasileira, o projeto literário estava voltado para a política nacional, buscando expressar a identidade da mais nova nação

independente. Em 1822, com a Independência do Brasil, poetas, historiadores e teatrólogos, entre outras pessoas entusiasmadas, desejosas e animadas pelo espírito de patriotismo, propuseram uma literatura que documentasse episódios das camadas sociais e geográficas do país.

Apesar de muitos romancistas nacionais reproduzirem em seus textos aventuras históricas, míticas, lendárias e sociais, nesse período que corresponde à Independência do Brasil e à abolição da escravatura, não estão atentos para as diferenças internas presentes na sociedade brasileira.

O espírito de liberdade nacional passou a vigorar nos textos a partir da figura do índio, e, já no final da fase indianista, o negro aparece. Enquanto o nativo era apresentado como corajoso, veloz, com fulgor e feliz pela conquista nacional, com características europeias, como a personagem Iracema, de José de Alencar, o cativo era um ser resignado, humilde e animalizado.

No repertório literário nacional nota-se a quase total ausência do negro e seu protagonismo. A discriminação sofrida pelos que vieram da África e aqui, forçadamente, se estabeleceram, é de longa data.

1.2 LITERATURA NA AFRO-BRASILIDADE

É entendida como afro-brasileira a vertente literária que possibilita ao negro falar de/para sua gente. Isso só foi possível a partir do momento em que os intelectuais negros compreenderam a literatura como um meio profícuo para as discussões a respeito da trajetória dos afrodescendentes no Brasil:

> E passam a defender um sentido político e afirmativo para os signos da africanidade, muitas vezes diluídos sob o rótulo de “primitivismo” e folclorizados pela metrópole. Apesar das dissensões e polêmicas a construção pela literatura de uma identidade em que o negro pudesse encontrar uma mirada de positividade e orgulho resulta em obras de relevo (DUARTE, 2011, p. 16).

A principio, como bem coloca Duarte (2011), as produções que traziam em seu conteúdo as referências sobre a negritude brasileira eram concebidas como uma oportunidade para que os negros pudessem expor de forma positiva seu ponto de vista e cotidiano. Por outro lado, a elite convencional, sob a égide eurocêntrica, rotulava-as como produções que apresentavam figuras primitivas, no sentido de que

os negros eram seres com características animalizadas e com deficiências que os deixavam em desvantagem em relação ao homem branco. E estas mesmas produções, para os que não queriam concebê-las como uma vertente que davam abertura para o enaltecimento da identidade negra, serviam de objeções folclorizadas e de entretenimento, reforçando os estereótipos que conspurcavam a imagem dos afrodescendentes.

Como já foi mencionado em momentos anteriores nesta pesquisa, era mínima a presença do negro na literatura brasileira, porque não era de interesse para a sociedade. Os negros não tinham liberdade de expressão e muito menos podiam utilizar a escrita para expor seus desconfortos. Eram muitos os motivos que impediam os afrodescendentes de colocar no papel suas opiniões e pensamentos:

> No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores (DUARTE, 2013, p. 146).

Foram poucos os negros que tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever, o que era estratégico, pois a sociedade não permitia essa aproximação. Já que a partir do texto literário temos a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e nos proporcionar outras leituras:

> O texto literário tem sido visto como objeto capaz de influenciar atitudes e comportamentos e de interferir na vida político-cultural de modo tão eficiente que os dirigentes de alguns governos totalitários criam, constantemente estratégias de controle e supervisão da sua produção como forma de coibir crítica e insubmissão (SOUZA, 2004, p. 277).

Quando falamos de literatura negra somos impelidos a fazer comparações sobre como os negros eram tratados e apresentados na/pela literatura tradicional e como esse novo segmento da literatura brasileira sugere essa percepção. Antes, o estigma da escravidão e um sentimento de pena estavam intrinsecamente interligados à imagem do afrodescendente. Sob essa nova projeção literária, o negro encontra o seu lugar e passa a ser apresentado e representado com autenticidade, recontando e afirmando politicamente sua identidade:

> Falar sobre literatura negra é também falar sobre a condição social do afrodescendente dentro da sociedade brasileira. Pode-se traçar um paralelo entre a forma como o negro era mostrado na literatura brasileira desde seus primórdios e a maneira como essa figuração foi se transformando, na medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, e o afrodescendente pôde assumir a narração de sua própria história (LIMA, 2009, p. 67).

A trajetória do negro foi tomando outros rumos. Aquela imagem depreciativa foi sendo redefinida pela figura do negro altivo e que é capaz de escrever sobre suas origens, sem ser necessário que outras pessoas façam isso e, usando de má fé, apresentem uma versão fantasiosa.

Os textos, inicialmente, tinham a necessidade de recontar a história dos afrodescendentes nas terras brasileiras, buscando eliminar as informações desqualificadas que a eles foram submetidas. Atualmente, os textos de autores afro-brasileiros ainda assumem esse caráter político-ideológico de mostrar outra versão que traz o negro enquanto um homem inteligente e sábio, conhecedor da ciência e crítico do meio social em que vive:

> Na sua maior parte, os textos apontavam para as ansiedades, contradições, problemas e dificuldades de expressão e de inserção em uma sociedade que os rejeitava, já que os percebia como responsáveis pelo atraso do país (SOUZA, 2004, p. 279).

Era necessário repensar a literatura, não só como meio de representação do homem branco, rico e que cumpria com todos os requisitos de uma sociedade exaurida por padrões segregadores. Assim como o setor econômico e político estavam definidos pela hegemonia racista, a literatura também limitava-se ao contexto do homem branco sem dar brechas para que outros espaços e sujeitos fossem discutidos.

Então, algumas estratégias foram utilizadas pelos afrodescendentes, como a de apossar-se do sistema de representação literária, reconstruindo suas imagens identitárias e, com isso, participar, ativamente, da vida política e cultural do território brasileiro que, com muito suor e derramamento de sangue, ajudaram a construir. O desejo de falar sobre o Brasil a partir de suas experiências invadia a alma dos negros e eles sentiam a necessidade de atuar como integrantes diretos da produção das riquezas brasileiras, entre elas, a literatura.

Aos poucos, mesmo com as dificuldades existentes, os autores, jornalistas, artistas e outros intelectuais negros promoveram mudanças que incitavam novos tempos. Eles expressavam através de seus discursos que a sociedade brasileira precisava sair dos porões que os sujeitos carregavam dentro de si, e passasse a enxergar um Brasil heterogêneo e multiétnico. Onde o cruzamento de ideias, raças e posturas era elemento primeiro da conjuntura social brasileira. Para isso, era preciso que os indivíduos que passaram tanto tempo silenciados saíssem do lugar de submissão e lutassem por seu direito de voz:

> A construção de uma descendência textual afro-brasileira passa pela compreensão de que as identidades são constituídas no discurso, mas forjadas nos embates entre grupos que se identificam com molduras ideológicas diferenciadas, buscando, no caso dos subalternos, reverter hierarquias, representações e significados. Em vez de uma formação fixa e imutável, as identidades devem ser entendidas como estratégias resultantes de desejos ou interesses de filiação a grupos específicos e, portanto, elas são sempre passíveis de reestruturação (SOUZA, 2004, p. 279).

A luta dos autores afro-brasileiros se constitui a partir de um trabalho de problematização, rediscutindo lugares definidos para certos grupos. Isso compete tanto à textualidade como à própria vida. Para eles é necessária a quebra de estereótipos e de regimes totalitários que desmereciam o negro, propagando uma imagem de pessoas incivilizadas e dispensáveis para a produção brasileira.

O lugar que o etnocentrismo ocupa na literatura afro-brasileira é o de inaceitação e de crítica. O mito da democracia racial e da cordialidade do homem brasileiro, que não aflige o direito do outro, é discutido a partir do momento em que o negro usa a palavra como um veículo propício para tecer suas reclamações sobre as desigualdades sociais que, desde a origem do Brasil, vem atacando as pessoas, deixando-as desamparadas:

> A literatura negra, tomando a si a tarefa de protestar contra as complicadas e sutis formas de racismo que perduram ainda hoje na sociedade brasileira, que ainda vê nos descendentes de africanos as marcas de mais de trezentos anos de escravidão, tende a construir-se muito próxima destes referentes, perdendo, por vezes, sua força poética. Constitui-se ainda em objetivo do presente estudo, analisar a tendência da literatura negra em assumir a causa dos direitos de igualdade dos negros brasileiros, transformando seus contos e

> poemas em bandeiras de luta contra a violência discriminatória de que é vítima a comunidade afro-brasileira (BERND, 2011, p. 114).

Poetas como Solano Trindade desejam que todas as pessoas sejam acolhidas e usufruam de seus direitos de cidadão. É dever dos órgãos governamentais zelar por isso, mas nem sempre encontramos esse princípio ético e humano sendo executado. Era o que fazia Solano Trindade, zelar pelos seus irmãos de cor, denunciando através da arte as astúcias do racismo e as intransigências do empoderamento cultural oriundas do colonialismo. deixando marcas que até hoje em dia subsistem entre nós.

A luta pelo reconhecimento não para, ainda se precisa fazer muito para que o negro tenha total abertura e seja tratado com igualdade de direitos. A literatura afro-brasileira ainda sofre com a questão da seletividade do cânone literário. Apesar de ter essa denominação, não significa que existem vários tipos de literatura, existe a literatura brasileira que, com muito esforço, está possibilitando para que outras vozes se expressem. A definição afro-brasileira é apenas mais uma maneira de identificação, pois é preciso para que aqueles que vivem nas franjas da sociedade se reconheçam e se sintam representados, já que a literatura tradicional ainda resiste em não dar espaço para os indivíduos inseridos em um contexto periférico:

> Nossa literatura é uma só e, afinal, “somos todos brasileiros”... E mais: seríamos todos “um pouco” afrodescendentes... Muitos de nós teríamos, sim, “um pé na cozinha”. Daí, não haver sentido em demarcar especificidades de raça, etnia ou mesmo gênero, seguindo quase sempre “modismos importados” com o objetivo de fraturar o corpo de nossa tradição literária e da herança outorgada pelos mestres do passado e do presente (DUARTE, 2004, p. 01).

É importante destacarmos que não é intenção dos poetas, romancistas, músicos e outros intelectuais que comungam dos ideais do movimento negro do Brasil rejeitar a literatura tradicional, pelo contrário, eles a tomam como fonte para produzirem seus materiais e, algumas vezes, refutam os discursos que elegem apenas uma minoria.

Para Paz (1982), a literatura marginal surge como tendência que analisa os nossos momentos literários anteriores. Como a literatura é constituída por paisagens

culturais acerca da identidade nacional, notou-se que algumas dessas paisagens eram excluídas ficando de fora do cenário literário do nosso país.

Então, houve o que podemos definir por revisão da literatura, propondo uma reconfiguração de depoimentos situados em algum contexto de nossa sociedade que não foram atendidos, como é o caso de Luís Gama, Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, Antonio Rebouças e de outros que *a posteriori* utilizaram sua criatividade e tempo para transcrever sobre o negro e suas origens africanas, o cotidiano brasileiro e a busca pela "libertação do peso da história", Paz (1982):

> Tenho pelos homens de cultura uma grande simpatia, sejam modernos ou acadêmicos; tenho aprendido muito com todos eles, através de seus livros e das suas conversas, porém a minha poesia continuará com o estilo do nosso populário, buscando no negro o ritmo; no povo, em geral, as reivindicações sociais e políticas; e nas mulheres, em particular, o amor (TRINDADE, 1981, p. 08).

Para Solano Trindade é importante conhecer a literatura nacional, porém esta não era sua preocupação maior, questionava-se de que valia ser um poeta com um vasto conhecimento se não está atento aos problemas existentes em sua nação. O poeta do "populário" brasileiro (TRINDADE, 1981) evidenciava um Brasil com muitos contrastes e usava a arte literária para expressar seus sonhos e resistir contra qualquer forma de opressão. Não exigia a perfeição estética de seus textos, mas, preocupava-se com a linguagem usada, pois queria que suas produções chegassem até as pessoas com um máximo de nitidez. Pois sua poesia era criada para o povo mais sofrido, as pessoas pouco escolarizadas e, por isso, prezava para que os seus poemas fossem de fácil compreensão:

> Solano, na verdade, não tinha muitas preocupações com as escolas literárias da poesia brasileira. Para ele, a poesia era realmente inspiração, aquele estado de espírito aberto ou à beleza ou à angústia. E esse estado Solano usou para falar – pelo menos no início de sua obra poética – de sua cor, na luta do negro quase sempre marginalizado. Ele atacou a poesia mais elaborada, sem muita convicção. Afinal – e na verdade – não era exatamente isso que ele exigia de si (FARIA apud TRINDADE, 1981, p. 08).

O homem é a peça chave de sua poesia, usa a escrita para descrever o sujeito e sua relação com a sociedade sem deixar de fazer inferências aos

sentimentos que nos levam a ser pessoas sonhadoras. A luta pela liberdade é sem dúvida o seu maior lema, mas não deixa de se posicionar a respeito de sentimentos como o amor, a saudade e o desejo.

Seus últimos poemas estavam dedicados às lembranças de sua juventude. A nostalgia tomava conta de sua vida, lembrava-se das mulheres que pareciam estar distantes naqueles últimos momentos de sua existência. A solidão era a sua aliada, já que o seu corpo perdia a vitalidade. As queixas sobre a velhice ganhavam vez no seu repertório poético, além de expressar seu descrédito para com sua própria vida que, afinal, sabia ele, estava indo embora de maneira naturalmente inevitável. Esse aspecto da sua poesia é apenas existencial, o fôlego de sua produção está na resistência do negro. Sempre escrevia com muita simplicidade:

> Apesar de tudo o que tenho ouvido e lido sobre poesia, resultado das teses e debates nos congressos de poetas e críticos – não me sinto disposto a mudar de linha, de sair do caminho popular da minha poética. Prefiro levar ao meu povo uma mensagem, em linguagem simples, em vez de uma mensagem cifrada para um grupo de intelectuais (TRINDADE, 1981, p. 07).

A literatura afrodescendente veio ser expandida a partir do século XX. Os primeiros estudos partem dos questionamentos de pesquisadores estrangeiros que, comprometidos com a etnicidade presente no Brasil, começam analisar os mecanismos sociais e os confrontos internos da sociedade Brasileira.

Entre eles encontramos Roger Bastide, que introduziu o debate sobre as questões raciais com a obra **A poesia afro-brasileira**, publicada em 1940. Em 1953, o autor publica **Estudos afro-brasileiros**, em que tece reflexões sobre a imprensa negra nas décadas anteriores. Durante muito tempo ele permaneceu com exclusividade no debate sobre tais temas, o que ratifica o desinteresse da parte dos próprios brasileiros em conhecer outras vozes literárias e comprova a hegemonia do pensamento da “branquitude” no Brasil, como menciona Pereira (2013).

Com os estudos de Roger Bastide, que infere um diálogo não só na perspectiva da temática, mas sobre a voz autoral, outros posicionamentos vão surgindo. Como os trabalhos de Raymond Sayers, com **O negro na literatura brasileira***,* de 1958; Gregory Rabassa, em **O negro na ficção Brasileira***,* de 1965, e David Brookshaw, na publicação de **Raça e cor na literatura brasileira**, em 1983.

A posteriori percebemos o engajamento de pesquisadores brasileiros. Destacamos os estudos fundamentais de Zilá Bernd, que consolidou as obras **Negritude e literatura na América Latina** (1987) e **Introdução à literatura negra** (1988), além de elaborar outros ensaios sobre a negritude no Brasil.

Nesta mesma linha é mister ressaltar o ensaio do teórico e escritor da poesia negra brasileira Domício Proença Filho, intitulado **O negro e a literatura brasileira***,* foi publicado, inicialmente, em 1988. Heloisa Toller Gomes, no ano de 1988, também publica **O negro e o Romantismo brasileiro***.* Mais recentes temos os estudos de Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca, que no ano de 2011 publicaram **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Este material é organizado em quatro volumes, e é a mais atual contribuição sobre a configuração afro-brasileira.

As informações anteriores competem ao cenário crítico-acadêmico. Já no que concerne à produção da arte literária pode-se salientar que só veio a se fortalecer a partir de 1927, com Lino Guedes e reforçada por Solano Trindade a partir da década de 1930. Nesse período também temos as produções literárias de Oswaldo de Camargo e Eduardo de Oliveira. O momento culminante da literatura afro-brasileira é a partir de 1980.

Esta é uma fase muito importante para a literatura que resgata o negro e suas origens, porque os autores assumem seus lugares de pertencimento e perdem o receio de se manifestar e protestar contra as armadilhas geradas pela exclusão social. Os autores que pertenciam a esta “ramificação” literária, já não se deixavam enfraquecer pela falta de aceitação social e passaram a, cada vez mais, produzir, causando um efeito de ampliação da temática afrodescendente. Essa aproximação entre a produção artística e a crítica literária só veio somar e fortalecer este movimento literário.

Para Eduardo de Assis Duarte, é preciso que haja esse diálogo, pois só assim se constrói uma literatura consolidada pela tomada de consciência crítica e que possa ser revisada. E não se torne apenas um momento em que um grupo de pessoas engajadas e interessadas pela temática produziu um material que com o tempo se tornou ultrapassado, mas que assuma o seu compromisso que, neste caso, é o de levantar questionamentos sobre alguns posicionamentos que sujeitam o negro a permanecer em uma posição subalternizada.

O movimento negro também desempenhou um papel fundamental para a propagação da literatura afro-brasileira. Atua como uma organização educacional e política que, com reivindicações, vem conseguindo desenvolver um diálogo proveitoso com as entidades governamentais e os órgãos de pesquisa. Com muito esforço tem feito alianças e recebido apoio de vários setores públicos, como as instituições de ensino superior.

Além de implementar ações afirmativas e prover leis que têm por finalidade o respeito às categorias marginalizadas e o reconhecimento da população negra. Na perspectiva de Sader (1988), o movimento negro é um órgão que auxilia os afrodescendentes com práticas políticas na luta pelos direitos negados, exigindo a participação dos negros nas atividades sociais. Expressando os interesses de uma camada social que teve seu poder de voz sonegado, instaurando novos significados, expressando vontades e revisando depoimentos extraviados que tentaram fazer do negro indivíduo inferiorizado.

É sabido que no dia 13 de maio de 1888 foi promulgada a Lei Áurea e um ano após, em 1889, especificamente no dia 15 de novembro, acontece a Proclamação da República. Essa primeira conquista não aconteceu de uma hora para outra, pelo contrário, foi demorada, e o processo de libertação dos “homens de cor”, como na época eram denominados, ocorreu paulatinamente. Isso é notado com a criação de várias leis que “beneficiavam” a comunidade negra de nosso país.

A começar pela proibição do tráfico negreiro em 1831, o que não quer dizer que houvesse redução dos abusos acometidos aos negros e que eliminasse, por completo, o tráfico. É criada, neste ano, a Lei Diogo Feijó, um ato de caráter internacional, com o objetivo de eliminar o tráfico de escravos no continente africano. No que concerne a esta lei, verifica-se que: “Todos os escravos que entrarem no território ou portos do Brasil, vindos de fora, ficam livres”, Brasil (1831).

Entende-se que esta lei, no que tange ao artigo 1°, é um ato contra a importação de escravos, mas não compete aos que aqui estavam. Todavia, a realidade era outra, os negros que vinham da África para o Brasil, quando aqui desembarcavam eram usurpados. A eficácia da Lei Diogo Feijó não ultrapassa 1837, ficando sem execução em um período em que o tráfico de escravos tomava proporções maiores. Aqueles que estiveram acobertados pela lei voltaram às amarras do regime escravista, retornando ao cativeiro.

Em 04 de setembro de 1850 é publicada oficialmente a Lei Eusébio de Queirós, que reforçava o encerramento do tráfico, tornando-o uma atividade ilegal e de cunho criminoso. O tráfico dos negros da África passou a ser reconhecido como pirataria e seus autores, equipamentos e ajudantes se tornaram culpados e, caso viessem a ser flagrados, seriam punidos. Ambas as leis foram burladas, porque até 1854 havia importação de negros. Em Porto de Galinhas, no estado de Pernambuco, por exemplo, os negros chegavam sob a denominação de “Carga de galinhas de angola” e, em seguida, eram distribuídos para todo o Brasil.

A partir dessas primeiras ações judiciais surgiram as chamadas “Leis Emancipatórias”. A exemplo da Lei do Ventre Livre, em 1871; e da Lei dos Sexagenários, em 1885. Conclui-se que até chegar à abolição da escravatura em 1888, houve muitos conflitos e foi um desafio social reverter essa situação, deixando-nos vestígios desse sistema segregacionista. Além de ter sido um processo demorado e, por muitas vezes, recusado socialmente, por quase três séculos tornou o Brasil um dos maiores importadores de “Carga humana”, como salienta Solano Trindade (2011).

Além do processo abolicionista ter sido tardio no nosso país, a sociedade brasileira não preparou o negro para que ele pudesse se manter socialmente depois da abolição. Era mais uma estratégia de violência contra a comunidade afrodescendente. Como os negros não executavam outras funções, além das que exigiam muito esforço físico, como o trabalho nas plantações de cana de açúcar e café, dois produtos muito importantes para o setor econômico da época, e outras atividades manuais. Eles não tinham prática com outras atividades e isso foi prejudicial, provocando instabilidade.

Um ano após a abolição dos escravos, a república brasileira foi proclamada. Esse evento só veio constatar as limitações dos afrodescendentes no território brasileiro. Apesar do novo cenário político e das prováveis mudanças, não houve modificações que beneficiassem a população negra. Pelo contrário, esta passou a sofrer, cada vez mais, com as agruras de uma sociedade racista. Segundo Andrews (1991, p. 32), a população negra foi marginalizada:

> [...] politicamente em decorrência das limitações da República no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento”; seja ainda

> economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus.

Com todos esses problemas gerados pela política de exclusão, os negros sentiram a necessidade de se fortalecerem através de agremiações, clubes e associações. Isso implica dizer que o movimento negro já estava sendo formado no alvorecer da República.

Foram muitos os grupos criados. Podemos citar o Centro Literário dos Homens de Cor (1902), a Sociedade Promulgadora 13 de Maio (1906), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917), Centro da Federação dos Homens de Cor (1914), e a Sociedade Progresso da Raça Africana em 1891, entre outras conquistas, que foram sendo alcançadas para tentar reverter a situação de descaso e desfavorecimento do homem negro. Isso ocorre em todo o país, tendo o apoio de muitos afrodescendentes:

> De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. Algumas delas tiveram como base de formação “determinadas classes de trabalhadores negros, tais como: portuários, ferroviários e ensacadores, constituindo uma espécie de entidade sindical” (DOMINGUES, 2007, p. 103).

De acordo com Domingues (2007), foi nesse período que surgiu a “Imprensa Negra”, que são jornais elaborados e publicados por negros para tratar de questões pertinentes a esta comunidade. Para Correia (1992 apud CUTI, 2013, p. 33), “a comunidade negra tinha necessidade de uma imprensa alternativa”, que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte”. Domingues (2007, p. 105) salienta que:

> Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros,

> restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas. Nesta etapa, o movimento negro organizado era desprovido de caráter explicitamente político, com um programa definido e projeto ideológico mais amplo.

Esta imprensa alternativa era uma das maneiras encontradas para os negros conseguirem expressar seus desconfortos pelas recorrentes situações de descasos. O que nos faz tomar conhecimento de que a imagem do negro preguiçoso, desatento e beberrão propagada pelos brancos não passa de informação fraudulenta para denegrir e não deixar os afrodescendentes obterem espaço na sociedade brasileira.

A comunidade afrodescendente sempre procurou meios para reverter a situação que o regime escravocrata lhe impôs buscando alternativas que aniquilassem o preconceito racial que cercava os negros e os deixavam sem vias de sobrevivência, já que eram muitas as dificuldades encontradas. Através de seu cotidiano, da música, do texto jornalístico e, principalmente, por meio da literatura, os negros começaram a discutir sobre o processo de (in)aceitação na/pela sociedade.

Refutando e desconstruindo discursos generalizantes e ofensivos, os negros promoviam, de forma pacífica, a reconfiguração de sua participação no contexto social brasileiro. Os comentários depreciativos eram rebatidos com argumentos que enalteciam os afrodescendentes e suas origens. Outras versões eram expostas e propagadas, além de ser exigidas condições favoráveis para que a população negra vivesse dignamente. O trabalho era árduo e, em alguns casos, os negros não eram ouvidos.

O século XX foi um momento de muitas transformações no cenário afro-brasileiro. Isso compete, também, à literatura, que tem sido um meio proficiente para que os negros manifestem suas inquietudes, como também suas virtudes e memórias. Na década de 1930 surge, a partir do movimento negro, A Frente Negra Brasileira, tornando-se a mais importante entidade negra de nosso país a combater o racismo e promover melhores condições de vida à população negra:

> A Frente Negra Brasileira é um templo! Templo de luz, porque é uma vasta escola onde nosso espírito se elucida, se esclarece e adquirimos os ensinamentos necessários para vencermos os árduos

> embates da luta da vida (COSTA, 1937, apud DOMINGUES, 2008, p. 517).

Na abordagem de Costa (1937 apud DOMINGUES, 2008, 517) entendemos que a Frente Negra Brasileira estava organizada para atender às necessidades e reagir contra as inviabilidades que cercavam os “homens de cor”. Mesmo depois de algum tempo do evento da abolição, a luta por uma autonomia era constante. O espaço delegado aos negros era restrito, sem muita abrangência no mercado de trabalho por falta de grau de instrução ou capacitação profissional.

Consideramos que esse movimento de promoção da “população de cor” do nosso país, como menciona Domingues (2007) não funcionava, apenas, como uma instituição assistencialista, mas tinha por finalidade a promoção, em todos os aspectos, daqueles que estavam desamparados pelas autoridades estatais. Contribuindo para que os negros adentrassem nos setores administrativo, econômico e político. Com isso, o trabalho se constituía de atividades integradoras e mobilizadoras:

> A entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o *A Voz da Raça* (DOMINGUES, 2007, p. 106).

O estado de São Paulo foi constituído como sede dessa entidade, mas ela teve abrangência no território nacional. Com muitos aliados e integrantes que se mobilizavam a fim de alcançar autonomia social, com o intuito de fazer sair do papel o direito que aos cidadãos negros foi facultado. Porque, mesmo com a promulgação de leis dando o pleno direito de os afrodescendentes transitarem socialmente, e essa libertação não está condicionada apenas à questão física, sobretudo, refere-se à autonomia e espontaneidade na construção de um sujeito racional, não era o que, de fato, acontecia.

É pertinente salientar que é neste período, em que os negros tentam obter mais autonomia social, que o Brasil vivencia uma situação de desestabilização

financeira. A Crise de 1929[3], também chamada de “Grande Depressão”, causa instabilidade na economia brasileira, consequentemente, para os afrodescendentes as coisas se tornam ainda mais difíceis, já que muitos trabalhavam nas plantações de café. A economia nacional sofreu as consequências de uma crise de desvalorização da monocultura. O capitalismo industrial passa a reverberar na conjuntura social brasileira. E os negros não estavam preparados para desempenhar funções que exigiam o manuseio de máquinas e, dessa forma, sofriam com as imposições do regime capitalista vigente:

> Além de revelar os conflitos raciais no momento de substituição das teorias de branqueamento e racismo científico, pelo mito da democracia racial e a valorização da raça mestiça, surgiu sob a égide da revolução de 30, revelando as contradições e os conflitos não só dos afrodescendentes, como também as ebulições e as lutas dos trabalhadores num momento de reorganização do Estado Nacional (OLIVEIRA, 2002, p. 14).

A proposta da Frente Negra Brasileira está além das discussões que envolvem os aspectos étnico-raciais. Problematiza a situação do trabalhador brasileiro, que com as mudanças no cenário político-econômico do nosso país, é o primeiro a sofrer as consequências. A mobilização feita por essa entidade reivindica direitos iguais para todos. Decerto, eram os negros as pessoas mais prejudicadas pelos conflitos gerados, e isso fez com que a categoria se movimentasse para que tivesse participação ativa, requerendo oportunidades nos sistemas políticos, já que na República Velha era óbvio o desamparo a que era relegado ao homem de cor.

O regime totalitário não dava abertura para que os negros atuassem como protagonistas de suas próprias trajetórias. Estavam sujeitos a conviver com muito pouco comparado aos outros homens (brancos). O Estado brasileiro não oportunizou ao negro ascender socialmente para que ele não adquirisse espaço e conseguisse ter prosperidade econômica e, acima de tudo, ter uma participação no cotidiano brasileiro que desmistificasse o que por tanto tempo tinha se propagado.

Não era difícil encontrar exemplos de negros que se perderam nas garras do desamparo e da exclusão social, procurando no álcool e no sexo desregrado, segundo Oliveira (2002) aliviar suas agruras cotidianas. O vício não era inerente a

[3] A Grande Depressão, conhecida como Crise de 1929, foi uma crise econômica que abalou a economia do mundo, terminando com o início da Segunda Guerra Mundial.

esta população, mas consequência do reconhecimento negado. As oportunidades para a comunidade negra eram escassas e quando surgiam percebíamos a indiferença. Eram tratados com desigualdade e não tinham regalias.

Tornou-se um vício a inferiorização do afrodescendente e mesmo que ele alcançasse alguns benefícios com seus esforços permaneciam sofrendo com o preconceito gerado pela intolerância racial. Se não tinham recursos financeiros, consequentemente, não podiam dar a seus filhos a oportunidade de frequentar uma unidade escolar, o que era estratégico para a minoria elitista que detinha o poder. Frequentar um espaço onde o conhecimento circula era necessário para a população negra enveredar por outros caminhos, revendo os já traçados pelo poderio colonialista, e articular meios para enfrentar as barreiras impostas pelo preconceito. A desvalorização era uma das artimanhas da rejeição aos homens de cor, podendo ser ratificada no momento em que se preferia a mão de obra dos imigrantes europeus aos negros que aqui estavam e necessitavam de trabalho.

O Movimento Negro Brasileiro empenhava-se em inverter papéis já impostos historicamente aos negros. Não cobrava apenas das instâncias governamentais, mas de toda população, inclusive dos próprios negros, cobrando mudanças comportamentais e revendo preceitos morais. Abdias Nascimento fala que:

> [...] a ênfase que os frentenegrinos colocavam em espectos da natureza moral, por exemplo, pode parecer não apenas retrógrada ou reacionária, mas uma capitulação diante dos valores ocidentais, procurando criar um “novo negro” que fosse o reflexo invertido da imagem que deles faziam os brancos (NASCIMENTO, 1997, p. 55).

É sabido que a literatura afro-brasileira está associada ao movimento negro que nos convoca para uma (re)leitura dos discursos hegemônicos. As dificuldades que esta vertente literária, a princípio, encontrava não estavam associadas apenas à construção do texto, sabendo que eram poucos os interessados como em outro momento já mencionamos. Esse desinteresse configurava-se da falta de instrução suficiente para a feitura do texto crítico-literário, ou tinham medo de serem repreendidos pela classe dominante. Além disso, vinha o processo de publicação, as dificuldades nesse momento só aumentavam, por que os negros tinham pouco espaço para a veiculação de suas produções. Essa foi uma das principais reivindicações do Movimento Negro Organizado que, a partir da Frente Negra

Brasileira, investe em dar condições aos negros para produzirem e divulgarem seus materiais.

Segundo Alfredo Bosi (2000), “o poeta é doador de sentidos”. A partir dessa concepção compreendemos que a população negro-brasileira tem caminhado ao passo de provocar renovações no cenário literário de nosso país. Mesmo com o desgaste, porque a luta pela igualdade de direitos exige o exercício cotidiano da reflexão, e isso é o que menos querem os que comungam do regime burguês opressor. Por fazer parte de um grupo em que a necessidade de dominação intelectual é arma principal para permanecer aplicando as ideias de segregação e, com isso, alcançando a subalternização do outro, como sugere Spivak (2010).

Retomando o que propõe Bosi no tocante ao poeta e sua capacidade de expressão no texto, faz-nos remeter à produção do poeta pernambucano Solano Trindade que busca a aclamação do negro enquanto protagonista e relator de suas próprias aventuras. Trindade desenvolve uma reflexão acerca do falar por/ representar-se. Precisamos entender que esse binarismo referente ao posicionamento discursivo não está, necessariamente, interligado ao poeta mencionado, mas faz referência à questão da negação da voz, em que o homem branco falava pelos negros e o representava. É com o compromisso de desvelar essa voz subalternizada que Trindade promove um diálogo entre tradição, modernidade, identidade e negritude.

Zilá Bernd (2011) argumenta que é ilusório esse ato de tomar a palavra do outro e representá-lo, além de ser uma reprodução do domínio colonial, subalternizando-o através do silêncio. Solano dá ao negro a oportunidade de se representar, possibilitando ao leitor desbravar uma história que foi saqueada pela tradição imperialista. Não tinha medo de mostrar à sociedade a sua cor, sua opinião, a sua ancestralidade. Segundo Abdias Nascimento:

> Entre os raros poetas negros que conheço neste Brasil mestiço, Solano Trindade é o que melhor me satisfaz. Porque Solano Trindade não se encerrou na torre de marfim da arte pura e tampouco escreveu poesia negra com linguagem de “negro-branco”, desses que se envergonham de abordar o típico das gafieiras e das macumbas como legítimas expressões do anseio estético e da misteriosa espiritualidade negra. Ele é Negro, sente como Negro, e como tal cantou as dores, as alegrias e as aspirações libertárias do afro-brasileiro. Para mim Solano Trindade é o brado da raça, o maior

> poeta Negro do Brasil contemporâneo (NASCIMENTO apud TRINDADE. 2008, p. 23).

Apesar de Solano Trindade ter se dedicado ao cenário artístico e deixado um expressivo legado literário e cultural, não se verificam muitas pesquisas sobre sua produção literária. A crítica ainda não tem dado a merecida evidência à poética de Solano Trindade. Assim como o poeta lutava pelo não esquecimento de seus irmãos, atualmente devemos propagar sua poesia para que saibamos que tivemos heróis que, com muito esforço, buscavam mudanças para a população marginalizada do nosso país. Roger Bastide, após analisar alguns poemas enviados pelo próprio Solano Trindade, tece a seguinte abordagem:

> O senhor faz dos seus versos uma arma, um toque de clarim, que desperta as energias, levanta os corações, combate por um mundo melhor. Quanto a mim, aprecio esses Poemas que realizam uma síntese entre o passado e o futuro, entre as aspirações de reis proletarizados e as canções do folclore, entre o amor moderno, à sombra das chaminés de usina, e o amor místico, sob o olhar dos Orixás (BASTIDE apud TRINDADE, 2008, p. 23).

As palavras proferidas por Roger Bastide ratificam a importância deste poeta afro-brasileiro para a história literária de nosso país. Mesmo não se encontrando na historiografia convencional e, por muitas vezes, sendo deixado de lado nos manuais que discutem a literatura nacional, Solano Trindade permanece sendo o “poeta do povo”, o “poeta negro”. Um homem que com sua vida simples conseguiu através da música, da dança, do teatro, do folclore e da poesia contar a história da diáspora negra no Brasil. Deixando-nos uma mensagem de solidariedade àqueles que precisam de atenção, que precisam ser ouvidos e atendidos.

O “poeta do povo” distribuía uma mensagem humanística, por onde passava levava consigo virtudes que todo ser humano deveria ter. O respeito, o amor pela arte, a alegria eram como um combustível para desenvolver suas atividades. Fez da arte o seu ócio, envolvia todos que se aproximavam dele. Apesar de não ter frequentado um curso superior, o que não lhe foi motivo para desmotivação, estudava a cultura brasileira. Deixou para todos o legado da arte como expressão de resistência.

Solano Trindade enfatizou os valores da população afrodescendente do nosso país, promovendo palestras, congressos, festas culturais, espetáculos, peças

e filmes, buscou a harmonia entre brancos e negros, ricos e pobres, fez de seu discurso um meio de libertação. Consagrado como um intelectual negro do século XX, o seu discurso permanece muito atual, sua mensagem se renova a cada dia.

Por sua vez Oswaldo de Camargo faz um comentário concernente à produção literária de Trindade, apercebendo uma aproximação deste poeta com o movimento modernista brasileiro:

> Solano foi o que captou o espírito do Movimento de 1922. Poeta social, lírico, engajado. Anti-Lino Guedes, em muitos aspectos. Foi o poeta negro de várias gerações e é o mais estudado de todos. Aqui, o seu rumo estético: 'Não disciplinarei / as minhas emoções estéticas/ deixá-las-ei à vontade /como o meu desejo de viver...' (CAMARGO, 1987, p. 80).

O espírito modernista era libertador, a estética literária não era a principal preocupação de seus idealizadores. Nas obras produzidas neste período de nossa literatura encontramos o conteúdo, a linguagem como expressão do povo brasileiro. A partir de 1922, a arte se tornou um meio para se conhecer o verdadeiro Brasil, sem ter receio de mostrar um território dividido, com muitos atritos. Um país com pobres, favelas e práticas discriminatórias, se antes a palavra era tomada para camuflar os conflitos, com a Semana de Arte Moderna nos é apresentado um novo fazer literário. É sob esse viés que Oswaldo de Camargo sugere estes apontamentos.

Declarando que Solano Trindade traz o negro escrito com outra visão, expressando-o com outra abordagem. Não consta em sua poética uma escrita manipulada pelos atributos capitalistas como menciona Bosi (2000) ao escrever sobre a manipulação que a indústria e o comércio têm estabelecido sobre as produções denominadas como "ingênuas" por não retratar o que gera mais lucro, pelo contrário, apresenta o verdadeiro cenário brasileiro. Esse, talvez, seja um dos motivos atuais da poética de Solano Trindade ser pouco visitada e discutida pela mídia.

2 ZUMBI: EXEMPLO DE RESISTÊNCIA

Mas não mataram
meu poema.
Mais forte
que todas as forças
é a Liberdade...
O opressor
não pode fechar minha boca,
nem maltratar meu corpo,
meu poema
é cantado é cantado através dos séculos,
minha musa
esclarece as consciências,
Zumbi foi redimido...

(Trindade, 1981, p. 28)

A poesia de Solano Trindade é reconhecida por críticos e estudiosos contemporâneos como expressão da comunidade negro-brasileira. O “Poeta do povo” conseguiu abordar, em seus diversos aspectos, a historiografia dos afrodescendentes. A princípio e, de forma mais vigorosa, propôs um discurso poético que ovacionava o negro, expressando-o como símbolo de resistência. Através de seus poemas foi capaz de escrever sobre as lutas, as guerras, os ataques, as estratégias de defesa de um povo que historicamente vem sentindo o peso da discriminação racial.

Compreendemos os poemas de Solano Trindade como uma arma que denuncia não só os macetes da intolerância, mas como uma oportunidade de conhecermos heróis e fatos históricos profundamente ligados à afrodescendência no Brasil, cientes de que por outros meios são feitas poucas menções, além de sofrer alterações que divergem da história oficial:

> Por meio da poesia negra, em que a palavra poética configura-se como arma contra a opressão, pode-se reconhecer a resistência do escritor afrodescendente contra as formas de discriminação racial (MACHADO, 2010, p. 45).

A resistência não é só mencionada pelo poeta quando se trata da discriminação racial ou quando tecia comentários a respeito de uma escrita que, por vezes, encontrava-se desfavorecida, mas está disseminada na própria história do

negro, revelada no personagem Zumbi, homem negro de força e valentia, que lutou pela liberdade de seu povo, para que todos conseguissem viver com tranquilidade, longe das correntes que limitavam os passos dos escravos e dos olhos de feitores e capatazes que os vigiavam e tratavam como animais selvagens.

A poética de Trindade é sensível às experiências humanas. É notório o engajamento com as políticas de inclusão e inserção do homem negro. Preocupa-se com um discurso que reconstrói a trajetória dos afrodescendentes, buscando exaltar os verdadeiros protagonistas dessa história. Procurou parcerias que pudessem contribuir para o seu projeto de valorização da cultura popular e aliados que o ajudassem a permanecer resistindo às interferências oriundas das práticas excludentes.

No que se refere ao projeto de integração social pretendido por Trindade encontramos as ações de Zumbi dos Palmares, expondo-o como um indivíduo que lutou pela igualdade e se colocou a favor da comunidade escrava do nosso país. Palmares foi um espaço onde os mecanismos de resistência estavam intrinsecamente presentes.

2.1 A IMPORTÂNCIA DE ZUMBI PARA A HISTÓRIA AFRODESCENDENTE NO BRASIL

Zumbi é referência quando se trata de resistência no Brasil. Sua imagem está associada aos confrontos entre brancos e negros, principalmente no que concerne às lutas dos afrodescendentes para alcançar a liberdade. No final do século XVI temos o surgimento do Quilombo dos Palmares, espaço onde muitos negros refugiados se esconderam, para não serem alcançados por seus donos e voltarem a uma vida sucumbida pelo ódio oriundo do preconceito.

O ódio pelos negros no período colonial era tão intenso que encontramos leis que apoiavam e aplicavam a “doutrinação racista”. Compreendemos este termo para expor que, de acordo com a sociedade daquela época, os senhores poderiam castigar seus escravos até a morte e, com isso, dar exemplo aos demais indivíduos em estado de submissão que se atrevessem a descumprir as ordens de seus donos, que neste caso são as pessoas de posses e com considerável poder aquisitivo.

Os maus-tratos eram praticados ao ar livre e na frente dos demais escravos para que eles, ao verem aquela imagem, tomassem-na como exemplo no momento

em que ousassem se rebelar contra os seus “senhores”. O chicote era, sem dúvida, o instrumento mais usado para “disciplinar” os cativos, sendo ele um meio para reforçar a submissão da comunidade escrava.

Por não se conformarem com a situação de “coisificação” e tratamento atroz, os africanos escravizados se rebelavam e reagiam como podiam e com o que, naquelas circunstâncias, era-lhes possível. Essas reações são especificadas como individuais e coletivas:

> O africano aqui escravizado não se conformava de ser tratado como “coisa”. Reagiu e rebelou-se como pôde. A princípio, individualmente, era tomado de uma imensa tristeza, sem comer nem beber (greve de fome) chamado de BANZO, quando ia definhando, definhando ... até a morte na sua ânsia pela liberdade ou com saudade da África exótica distante, ou com ENGOLE LÍNGUA, que consistia em dobrar a língua de modo forçado para a garganta de encontro ao glote e, assim asfixiado, suicidava-se por motivos de castigos corporais excessivos ou pela venda de parentes para longe a fim de desagregar a família ou ainda na descoberta de algum motim pelos senhores, quando a escrava provocava o aborto para que seu filho não viesse nascer escravo, sendo mais um a padecer das crueldades existentes (SILVA, 1988, p. 15).

As reações coletivas se constituem das fugas em grupos e pelas formações de motins, além de insurreições que resultavam na morte de feitores, capitães-do-mato e dos próprios senhores, o que não era raro. Além de causar tais prejuízos inesperados também ateavam fogo nas fazendas, engenhos e canaviais. A partir de uma dessas vinganças coletivas surgiu o Quilombo dos Palmares. A República dos Palmares, como também é denominada, passou a ser o esconderijo dos escravos revoltosos. Muitos negros puderam se abrigar e compreendiam este lugar como um paraíso para aqueles que estavam cansados dos abusos e humilhações dos dominadores. No emaranhado da História, esses momentos de resistência negra são pouco aparentes e discutidos e, por vezes, mal contados.

A poética de Solano Trindade é uma oportunidade para que façamos uma leitura de episódios inerentes ao processo de escravidão e suas ofensas, (re) conhecendo personagens fundamentais que estiveram à frente de protestos e ações libertadoras e a formação de um dos maiores agrupamentos quilombolas existentes no período colonial. Silva versifica:

DAS REBELIÕES INCONTIDAS

Se a liberdade não vem
o **banzo** os mata de dor
recordação d'África contém
melancolia e pavor
o **engole língua** é seu **"HARA-KIRI"**.
Revoltados não temem de ninguém
os arreganhos, a crueza
ao retorcer-se na morte em frenesi.
A escravidão os ofende,
fogem libertos pros Palmares
longe do látego que se estende
dos feitores aos calcanhares
ali respiram bons ares.

(SILVA, 1988, p. 16).

Os feitos de Zumbi ganham destaque nos poemas de Trindade. Torna-se uma necessidade do poeta beber dos fatos históricos que trazem o homem não branco heroicizado. Sobretudo, quando ele se coloca à frente na luta contra as agressões submetidas à comunidade negra.

A produção literária de Trindade é classificada por Bernd (1992) como "consciência resistente", no sentido de que além do autor fazer menção aos agentes que lutaram pelos ideais de negritude, apropria-se desses discursos para fazer de seus poemas um meio difusor dessas manifestações libertadoras.

Além de convocar o leitor para que assuma posturas opostas às práticas discriminatórias, Trindade fazia questão de expor o que pretendia com seus poemas, fazendo uso da música e da arte poética para expressar sua admiração e orgulho por aqueles vindos de África que aqui fizeram morada e deixaram-nos um vasto legado. De acordo com Barbosa (2003), esta herança cultural nos mostra o caminho da África por meio da dança, hábitos, comidas e dialetos:

ZUMBI

Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será
Rei justo e companheiro
Morreu para libertar
Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será
Se negro está lutando
Zumbi presente está
Herói cheio de glórias

Eterno ele será
À sombra da gameleira
A mais frondosa que há
Seus olhos hoje são lua,
Sol, estrelas a brilhar
Seus braços são troncos de árvores
Sua fala é vento, é chuva,
É trovão, é rio, é mar.

(TRINDADE, 2007, p. 165).

A ovação feita ao “rei de Palmares” começa pelo título do poema, que recebe o nome de Zumbi. Esta é uma maneira de demonstrar a importância que este personagem mitológico tem para os afrodescendentes. Zumbi se tornou símbolo de resistência porque esteve à frente das ações contra as emboscadas projetadas para exterminar o Quilombo dos Palmares.

Sem deixar-se intimidar pela força governamental pernambucana, tampouco pela influência e poder dos ricos fazendeiros e proprietários de engenhos que dominavam a Capitania de Pernambuco, fez da luta pela liberdade dos seus irmãos escravos um ideal de vida.

Desde muito jovem o rei de Palmares conhecia a “cidadela dos negros” como a palma de sua mão. Corria tranquilo pelos campos que formavam a Serra da Barriga, respirava o ar da liberdade e gostava de caminhar pela floresta. Não conhecia os estigmas da escravidão em seu corpo, sobre ela ouvia os mais velhos falarem com receio: “[...] da escravidão só conhecia as terríveis histórias que os mais velhos estavam sempre a contar, lembrando a escuridão das senzalas, a umidade e a morte nos porões dos navios negreiros” (BARBOSA, 2003).

Ao ouvir os depoimentos que seus irmãos davam e ver as marcas das chibatadas tatuadas em seus corpos, Zumbi se sentia chamado para lutar contra a opressão, determinado a pôr fim nas discrepâncias resultantes do tráfico de escravos e, consequentemente, reproduzidas e disseminadas na sociedade.

Os estudos indicam que Zumbi é neto de uma princesa africana chamada Aqualtune. É sabido que Pernambuco, no período colonial, especificamente no momento em que o tráfico de escravos era uma atividade livre e recorrente, foi uma das principais portas de entrada dos africanos transportados nos navios tumbeiros. Possivelmente tenha sido a via pela qual a princesa de origem africana pôs os pés em terras brasileiras. (Barbosa, 2003).

Na cultura do açúcar predominante na Região Nordeste, precisava-se de escravos hábeis e que produzissem com agilidade. Alguns não aguentavam e não se adaptavam às atividades porque exigiam muito esforço físico e acabavam morrendo. Então era de interesse dos senhores de engenho comprar escravos que correspondessem a tais requisitos. Os mesmos iam a Pernambuco verificar a possível mão de obra que desembarcava:

> O passo seguinte foi a importação de negros africanos que, embora mais caros, sabiam trabalhar melhor. [...] os senhores de engenhos costumavam visitar Pernambuco. Chegavam, olhavam os negros e, antes de começar o leilão, apalpavam os músculos dos homens, verificavam seus dentes, observavam o vigor das mulheres, e examinavam as crianças (BARBOSA, 2003, p. 14).

Aquela mulher de nobre linhagem em África causou interesse nos compradores. Quando a avó de Zumbi chega ao Brasil, noticiava-se que mais de trinta escravos tinham escapado de seus donos, e refugiaram-se mata adentro, na Serra da Barriga, zona afastada do litoral. O que não quer dizer que esse processo de fuga era fácil. Pelo contrário, desviar-se do olhar dos feitores e escapar de seus donos era perigoso, e quando esse processo de fuga não acontecia como planejado, as consequências eram tiranas.

A fuga era sinal do descontentamento e da não acomodação dos cativos perante o sistema escravista, e está consubstanciada à resistência que contradiz o regime dilacerante que obrigava os negros a cumprirem horas exaustivas de trabalhos e atividades. A esta ação, como no caso dos negros que constituíram Palmares, chamamos de “fuga de rompimento” porque nega e rompe com o pacto proprietário/propriedade selado no momento da compra, como infere Guimarães (1988).

Apesar das dificuldades de se livrar da vigilância que os aprisionava, o descontentamento dos cativos falava mais alto. Sonhavam encontrar o reino em que a liberdade era o lema de existência. Os escravos sabiam que no meio da floresta, em um lugar mais alto, com vegetação abundante, existia um local chamado de “Cidadela dos negros”.

Foi a partir de uma dessas estratégias de se libertar do escravismo que a princesa negra chega ao território de Palmares, um ambiente onde, apesar de estar afastado do meio social civilizado, conforme os padrões determinados pelo homem

não negro da época, percebe-se a existência de regras estabelecidas para o desenvolvimento das relações entre os indivíduos refugiados na mata virgem.

Cada mocambo existente no quilombo tinha o seu próprio chefe e um dos critérios adotados para a escolha destes membros era o de colocar aqueles que em África haviam pertencido a uma família nobre. Com isso, Aqualtune não demorou a governar o seu próprio mocambo.

Conseguiu reerguer sua vida em liberdade, teve filhos e filhas, uma delas é a mãe daquele que é considerado o ícone da resistência negra no Brasil. Zumbi dos Palmares nasceu em 1655, período em que a Capitania de Pernambuco não se encontrava mais sob o domínio holandês. Com a retirada dos holandeses, Palmares volta a ser o alvo das investidas de extermínio das forças governamentais, dos proprietários de engenhos e fazendeiros que não se agradavam da evolução do quilombo, o que para eles não era cômodo, porque passa a ser visto como uma ameaça contra as oligarquias dominantes.

Foi em uma expedição sugerida pelo governador-geral do Brasil, o conde de Atouguia, para o então governador da Capitania de Pernambuco, o general Francisco Barreto de Menezes, que uma tropa equivalente a seiscentos homens, sob o comando de Brás da Rocha Cardoso, invadiu as terras de Palmares. Mesmo não saindo vitoriosos porque a invasão mais uma vez não tinha destruído o quilombo, o que quer dizer que a tropa sob as ordens do general Cardoso havia fracassado, conseguiram retornar com alguns negros, entre eles estava aquele que futuramente iria lutar e se tornar o chefe de Palmares:

> Os palmarinos, com sua boa e velha tática de abandonar as povoações e retirar toda a população para não ser atacada e vista pelos inimigos, mais uma vez venceram. Brás da Rocha e seus homens perderam-se na floresta e ficaram rodando em círculos debaixo de muita chuva e passando fome. Nessa expedição do ano de 1655, Brás da Rocha e seus soldados retornaram com alguns prisioneiros, entre eles um negrinho recém-nascido, que seria muito especial (CARUSO, 2005, p. 34).

O menino foi dado de presente ao padre português Antônio de Melo, que se preocupou em educá-lo. Batizou-o e deu-lhe o nome de Francisco. Recebeu uma educação portuguesa e vivia em liberdade porque um alvará régio declarava que os nascidos nos Palmares não seriam escravos (SILVA, 1988).

Mesmo com a educação que lhe foi dada e a forma como foi recebido por seu pai adotivo, que demonstrou ser zeloso por Francisco, o menino sabia que o seu papel social seria outro e não o de estar insensível à situação de desigualdade que cercava e atacava os seus irmãos cativos. Sentia-se incomodado com as questões de indiferença presentes na sociedade colonial.

O que importunava Zumbi era esse tratamento indiferente, que não dava a oportunidade de o negro mostrar suas qualidades, nem de viver sem o martírio da dor causada pela chibata e a negação do reconhecimento social:

> Zumbi morreu na guerra
> Eterno ele será
> Rei justo e companheiro
> Morreu para libertar
>
> (TRINDADE, 2007, p. 165).

É recorrente a expressão que o poeta utiliza para ratificar que foi na guerra que Zumbi deu o seu último suspiro pela libertação do seu povo. A guerra para Trindade é o ápice em que o “guerreiro negro” mostra sua fidelidade, chegando ao ponto em que a força humana ultrapassa as questões físicas e alcança outro plano, o sentimental, o ético, entendido como equilíbrio moral. O poeta sugere que para acompanhar Zumbi dos Palmares é preciso ter consciência de que a guerra não é contra pessoas, e sim contra o revigoramento da necessidade de ocultar o outro, entendido como diferente, que está fora dos padrões cogitados por uma posição social excludente.

O chefe do quilombo palmarino não desejava o derramamento de sangue, embora isso tenha ocorrido, mas que os negros pudessem circular e permanecer em sociedade, plantando, cultivando e colhendo. Almejava que, ao invés do olhar ameaçador e do grito imperante dos mandos e desmandos de seus senhores, pudessem ter uma relação equilibrada, em que todos convivessem e tivessem ao menos um tratamento digno.

O que não foi aceito pelo sistema escravista, porque tirava alguns de uma posição confortável e dava aos que foram comprados para servir o direito de questionar o estado de subalternização que lhes foi imposto. A desvalorização do negro era uma estratégia para persuadir a conjuntura social e injuriar os cativos. Um dos objetivos do “Rei de Palmares” era mostrar o lado ainda não visto dos cativos,

que, por vezes, permaneceu oculto pela intolerância e interesse dos donos de escravos, pois não podiam demonstrar sua criatividade.

Em Palmares, os negros puderam cantar sua liberdade, promoveram festas e procuravam conviver em irmandade. O respeito era um dos requisitos para manter o equilíbrio das relações cotidianas. É sabido que em toda formação social os atritos estão presentes, mas a vontade de exterminar a presença do outro, e isso não compete apenas ao que é físico, mas ao que tange a sentimentos e outras formas de expressão humana, não era característico da “cidadela dos negros”, como podemos encontrar em outros contextos no processo de evolução da História.

Zumbi era respeitado no quilombo, tornou-se líder e mostrou firmeza mediante os ataques. Estava disposto a encarar e lutar a favor de sua gente. Mesmo quando os inimigos mostravam suas forças não se deixava esmorecer e assumia a função de chefe, demonstrando estar apto para encarar qualquer dificuldade. Mostrou que é preciso ter força de vontade e persistir por dias melhores. Ao invés de permanecer no comodismo procurou meios que ajudassem a quebrar os paradigmas excludentes e, com isso, beneficiar um grupo menor. Este não implica a totalidade de pessoas, mas está relacionado às questões de poder e dominação.

No verso “morreu para libertar” enfatiza-se que o general negro doou-se integralmente para que a liberdade fosse alcançada não só pelos escravos, mas por todosos que encontraram no Quilombo dos Palmares um lugar para refugiar-se e viver com a certeza de que não seriam explorados e renegados dentro do seu próprio ambiente. É necessário entendermos que a construção deste ambiente quilombola não estava condicionada apenas à presença de negros, mas era o lar de muitos índios e brancos que eram explorados pelos governantes e resolveram fugir para a Serra da Barriga em busca de uma vida com mais tranquilidade.

O chefe de Palmares passou a ser uma espécie de deus para aqueles que sofriam com as impertinências do egoísmo humano, pensavam nele como o herói que nos momentos de apuros viria trazer consolo e livramento. A credibilidade de Zumbi só aumentava e sua fama se espalhava por todo território brasileiro. Os escravos passaram a viver exaltando e esperando o Rei negro da Serra da Barriga, o que causou ódio nos governantes, que passaram a maquinar sua morte:

> Zumbi morreu na guerra
> Eterno ele será

> Se negro está lutando
> Zumbi presente está
>
> (TRINDADE, 2007, p. 165).

O poeta vivifica a imagem de Zumbi, expondo que, mesmo ele não estando fisicamente entre nós, o seu discurso e persistência revigoram nos movimentos de resistências promovidos para contrapor as ações preconceituosas que causam desconfortos, tornando-se um impedimento para as relações interpessoais, provocando a instabilidade entre os sujeitos, como menciona Adorno (1995), e sendo barreira para o crescimento pessoal, pois, a partir do momento que nos apropriamos dessas práticas excludentes, negamo-nos a oportunidade de conhecer outras expressões culturais e exemplos de personalidades que possivelmente iriam contribuir para o nosso crescimento humano, além de favorecer a circulação de conhecimento.

No momento em que optamos por não considerar outros discursos que por vezes foram colocados como errôneos e que corroboram a desenvoltura social, deixamos de promover o diálogo, que é o momento profícuo para que tenhamos uma conjuntura social com direitos igualitários, e nos tornamos aliados daqueles que propagam uma mensagem de servilismo à discriminação:

> Ao negar os padrões vigentes da civilização associados pelo poeta à tirania, ao sadismo e à opressão, Solano Trindade afirma que a grandeza da fé e da civilização estaria na liberdade. Foi isso que impulsionou os palmarinos, impulsionou a ele próprio e, através de sua poesia, iria impulsionar outros negros, de forma digna a redimir a raça dos antepassados, “resgatando” Zumbi, “rei justo, companheiro, um herói cheio de glórias” (GREGÓRIO, 2005, p. 72).

De acordo com Gregório (2005), é mister destacarmos essa busca de “heróis negros” e suas representações que, na contextualização do MNU (Movimento Negro Unificado), há uma necessidade de exposição de homens que lutaram em favor dos afrodescendentes foi intensificada, principalmente no período do centenário da abolição na década de 80, “quando se buscou construir referências para o fortalecimento da identidade negra”. Verifiquemos que essa construção já está explícita na produção de Solano Trindade na década de 40.

A defesa de uma identidade negra e a participação dos negros na construção dos aspectos culturais da sociedade foi implementada por Solano Trindade, quando ele começa a produzir poemas negros com questionamentos e esperança do rompimento da marginalização e exclusão social:

> Herói cheio de glorias
> Eterno ele será
> À sombra da gameleira
> A mais frondosa que há.
>
> (TRINDADE, 2007, p. 165).

Mais uma vez percebemos Zumbi exaltado como um homem que orgulhou seu povo, alcançando muitas vitórias, fazendo das batalhas um momento para levantar a vida dos que eram obrigados a baixar suas frontes. O poema analisado propõe uma leitura sobre a historicidade do herói de Palmares e sua atuação em defesa dos negros, além de nos proporcionar conhecer o engajamento de outros indivíduos que estão particularmente atrelados à sua história, como sua avó, seu tio Ganga Zumba, que assumiu a posição de rei de Palmares por mais de 50 anos, e também de outros artefatos, encontrando-se disseminados nas entrelinhas do poema.

O poeta referencia elementos que simbolizam a cultura africana: a gameleira é muito respeitada no culto nagô, conhecida como uma planta sagrada, tendo sua copa utilizada como local propício para deixar oferendas em homenagem aos Orixás. É um elemento frequente nos cultos afro-brasileiros, em muitos casos as mães de santo impedem o derrubamento destas árvores quando estas pertencem a seus territórios, acreditando que este ato traz infortúnios para as pessoas. Na Antiguidade, a morte de uma gameleira era sinônimo de mau agouro e os antigos apressavam-se na substituição por outra. À sombra da gameleira, o chefe palmarino recebe energias que o fortificam para persistir no combate:

> Seus olhos hoje são lua,
> Sol, estrelas a brilhar
> Seus braços são troncos de árvores
> Sua fala é vento, é chuva,
> É trovão, é rio, é mar.

(TRINDADE, 2007, p. 165).

Os últimos versos do poema advertem o herói negro como exemplo de dignidade, metaforizando sua existência a elementos naturais que simbolicamente implicam boas energias, a força. Zumbi nos deixou um legado que auxilia no surgimento de novos heróis, o vento, a chuva, o trovão, o rio e o mar simbolizam o vigor que é preciso ter para encarar os mecanismos de segregação existentes, encontrados em Zumbi, tornando-o exemplo de garra e disposição para atuar neste enfrentamento. A luta não compete a uma ação individualista, é necessário que abranja o coletivo. No mais, entendemos que o “Rei Negro” não morreu, os modelos de homens não morrem, viram heróis, eternizam-se (BARBOSA, 2003).

2.2 “CANTO DOS PALMARES”: A EPOPEIA DO NEGRO BRASILEIRO

É no poema “Canto dos Palmares” que Solano Trindade enfatiza a saga de Zumbi e sua trajetória no Quilombo. Procura não se limitar apenas ao ambiente palmarino, mas expressa a relação do herói quilombola com outros espaços sociais, principalmente quando estes implicam as questões de poder. O poeta demonstra que o surgimento de Palmares não se restringe às fugas de escravos, como a História convencional por séculos vem reproduzindo, para ele, está além disso:

> A épica evidencia o renascimento de um mundo negro pautado na resistência solidária, na memória histórica dos ancestrais e na “ação heroica” dos quilombolas. A epopeia de Palmares é o grito da memória poética, que reúne simbolicamente a morada primeira, a casa, o seu canto no mundo. O canto evoca a “esperança”, a coragem dos guerreiros quilombolas, a solidariedade entre as pessoas da comunidade ameaçada pela escravatura no Brasil do final do século XVII e início do XVIII (SANTOS, 2009, p. 152-153).

A construção de Palmares representa a negação de um sistema que deseja beneficiar uma parcela da população e deixa uma maioria - neste caso os escravos - sofrendo com os descasos e rejeições promovidos pelo poder centralizador. O que os cativos fugitivos, sendo eles negros, índios ou brancos pobres, queriam era o acolhimento social, sentiam a necessidade de voltar a perceber a terra que seus pés pisavam como também sua.

A experiência de trabalhar com a terra, cultivá-la, produzir, senti-la em suas mãos e ser minimamente beneficiados, porque sabemos que os primeiros a serem favorecidos eram os que já tinham uma vida com muitos confortos, provocou naqueles um sentimento de revolta e a necessidade de lutar contra uma escravidão que não era tão somente física, mas que afligia a própria existência dos negros e pessoas menos favorecidas. A expressão de sentimentos era negada e seus hábitos culturais eram repudiados.

O que podemos perceber é que o ambiente quilombola mencionado proporcionou a estas pessoas uma vivência em que as mesmas se identificaram. É com esta perspectiva que o poeta trabalha, sua preocupação não está somente em evidenciar uma luta física entre governantes, homens brancos abastados contra os quilombolas residentes em Palmares, mas mostrar que a colonização também nos deixou marcas que apontam para o desafeto a outras culturas e vivências.

Trindade nos mostra que Palmares não foi destruído, pelo contrário, o quilombo se expandiu, e está por toda parte no Brasil. Assim como os quilombolas do período colonial, muitos dos cidadãos brasileiros nos dias atuais lutam para serem reconhecidos em seu próprio território. Por vezes encontram-se desprovidos de seus direitos porque não tem conhecimento ou não lhes são apresentados como deveriam, com isso são obrigados a viverem em áreas marginais, refugiando-se em ambientes afastados e procurando forças para resistir contra as oligarquias. Entendemos que os que foram para as terras palmarinas foram forçados a refugiarem-se, por não aguentar as hostilidades e humilhações provenientes do escravismo e suas discrepâncias.

Bernd (1992) menciona que a produção literária de Trindade está concomitantemente alicerçada na busca de uma identidade, mas que este sentimento de pertença não se limita a uma afirmação identitária individual ou nacional, solidariza-se com os negros de toda a América. Para a autora o poeta afro-brasileiro está vinculado à poética antilhana, por ser simpatizante dos ideais marxistas e desvelar a alegria de ter a origem africana vinculada ao solo americano:

> Alicerçando-se numa busca de identidade, que não é apenas individual ou nacional, mas solidária com todos os negros da América, a produção poética de Solano Trindade é talvez a que, dentre todos os poetas brasileiros, apresenta o maior números de elementos comuns com a melhor poesia negra que já se produziu

> nas três Américas. O seu “Canto de Palmares” constitui-se em uma tentativa de construção épica, caracterizando-se por reverter o esquema da epopeia tradicional, transformando os quilombolas de foras-da-lei, vencidos e humilhados, em heróis da ação épica (BERND, 1992, p. 46-47).

A autora adverte uma quebra do texto épico tradicional no que tange à alusão de heróis que eram ovacionados por defenderem seus territórios ou por tais textos apresentarem uma determinada nação e seus feitos heroicizados. Aludindo não acontecer na epopeia quilombola trindadiana, que elege uma comunidade entendida e apresentada pela História sob a perspectiva da dominação dos homens brancos vinculados a ideais eurocêntricos como impossibilitada de receber tal tratamento, porque descumpriam e não estavam de acordo com os padrões elitistas, além de não ser um povo liberto, tidos como devedores sociais, escravos e compreendidos como uma ameaça para sociedade.

Ao analisarmos o poema proposto constatamos que já no título podemos encontrar esta distinção. Anuncia-se a princípio que o texto está particularmente ligado à saga dos homens e mulheres que viveram nas terras palmarinas e resistiram aos transtornos provocados pela imposição do sistema social vigente. Considera-se que esses homens não são bons exemplos para a sociedade colonial, já que não transitavam em liberdade e viviam às escondidas:

> **CANTO DOS PALMARES**
>
> Eu canto aos Palmares
> Sem inveja de Virgílio, de Homero
> E de Camões
> Porque o meu canto
> é o grito de uma raça
> em plena luta pela liberdade!
>
> Há batidos fortes
> de bombos e atabaques
> em pleno sol
> Há gemidos nas palmeiras
> soprados pelos ventos
> Há gritos nas selvas
> invadidas pelos fugitivos...
>
> (TRINDADE, 1981, p. 23).

Neste trecho inicial rememoram-se as epopeias clássicas construídas para aclamar os feitos heroicos de alguém ou de uma nação, estas ações são sempre realizadas por pessoas reconhecidas como dignas de serem ovacionadas por lutarem por seus territórios, principalmente quando competem às descobertas e conquistas de continentes, ocasionando revoluções e fundações de cidades, como é o caso da **Eneida** de Virgílio, que exalta as aventuras de Eneias e a expansão do Império Romano.

A construção épica canônica é indiscutível, ao que se compreende como objeto expressivo da tradição, mas não pode ser entendida como modelo único, porque não abrange as novas demandas sociais e seus conflitos, como acontece na poesia épica contemporânea, “nem como paradigma absoluto de boa literatura”. De acordo com Ferreira (2006):

> Virgílio, Homero e Camões não são evocados como modelos rapsodos que devem ter seus ideais colonizadores assimilados pelo escritor negro, mas como referencial que evidencia a alteridade, a diferença do discurso literário negro, a autonomia estética e a visão de mundo da narrativa dos quilombos (FERREIRA, 2006, p. 112).

Na época quilombola encontramos esse tom de desbravamento e exaltação não só de um herói mas de uma raça que se pôs a lutar por seus anseios. Quando o poeta referencia os clássicos literários, demonstra acompanhar a literatura sem deixar de prezar por nenhuma produção, apesar de sentir a diferença no acolhimento de sua literatura. Mostra que os negros brasileiros também têm o seu trajeto de vida cantado e contado a partir dos versos que constituem “Canto dos Palmares”.

O poema exerce uma função ímpar como uma produção literária feita para expressar o orgulho da comunidade negra do Brasil, expondo o sofrimento, a angústia, a alegria e o desejo de liberdade de um povo que até hoje busca viver com aceitação total da sociedade, porque esta ainda não se desvencilhou do pensamento colonizador e das ideologias de supremacia racial que categorizam as raças em superior e inferior. Essa inversão de valores nada mais é que a possibilidade de uma nova interpretação da cultura e história dos negros:

> Pode-se dizer, que a produção e interpretação contínua da própria cultura ocidental, manteve exatamente o mesmo pressuposto em anos muitos entrados do século XX, mesmo quando aumentou a resistência política ao poderio ocidental no mundo "periférico". Por causa disso e por causa da situação a que isso levou, agora se torna possível reinterpretar o arquivo cultural ocidental como se fosse geograficamente fraturado pela divisão imperial ativada, e proceder a um tipo diferente de leitura e interpretação (SAID, 2011, p.101).

"Trindade opera revertendo papéis", o negro agora se situa na primeira voz do discurso, não está apenas apresentado como um objeto da fala, um conteúdo, mas a escrita, a partir da narrativa épica exaltando os quilombolas, demonstra que a literatura também é um meio de expressão negra. "O negro atua como agente na propagação de sua própria história de vida", a leitura que o poema oferece não está articulada somente à construção de palavras organizadas e escolhidas para descrever dados de um povo, de um local e suas peculiaridades, mas exige uma leitura atenta para destituição de paradigmas sociais, tanto na construção do próprio campo literário, como na condição das relações interpessoais.

Massaud Moisés (1977) adverte uma acepção fundamental sobre a epicidade poética, e quando se trata da épica quilombola de Trindade, esta alusão parece ser reforçada. Moisés expõe que através da poesia "o poeta se reflete para fora de si, alargando o eu até o limite do nós: na subjetividade do poeta se reflete um povo, uma raça e mesmo toda a humanidade. Não é por acaso que Solano Trindade foi reconhecido como o "Poeta do povo", sua voz permanece soando nos movimentos e organizações sociais criadas para beneficiar e propagar a cultura afrodescendente, mostrando a criatividade da comunidade negra sem deixar de referenciar as condições de desigualdade social recorrentes na sociedade brasileira.

Fez de seu canto uma oportunidade para descrever não só o processo historiográfico de um povo marcado pela restrição social, sua escritura se coloca como um divisor para reavaliarmos o campo literário consagrado pela crítica tradicional como a "boa literatura". A epopeia de refundação da África nas Américas convoca-nos para atentarmos às diferenças existentes entre as narrativas de tom épico evidenciadas pelos europeus, revisitando o cânone da literatura negra na diáspora.

O que não se restringe apenas ao poema "Canto dos Palmares", mas nos possibilita explorar a "épica negra", termo utilizado por Bernd (1988) para justificar o surgimento de uma construção literária reconhecida como gênero parodístico da

epopeia tradicional, estando sensível às ações dos afro-brasileiros, que resgata o homem negro, até então ocultado pela cultura dominante, como herói, exaltando o quilombola considerado “marginal ou fora-da-lei” à categoria de homem insigne. É mister citarmos também **Dionísio esfacelado** (1984), de Domício Proença Filho, e **Poema sobre Palmares** (1987) de Oliveira Silveira que possuem estas características de trazer o negro a partir de outra perspectiva, oferecendo-nos leituras até então impossibilitadas ou rarefeitas.

Desse modo, torna-se também uma possibilidade do eu-lírico se encontrar no seu próprio discurso literário (Eu canto aos Palmares-verso 01). Assim fez Solano Trindade ao aclamar Palmares e seu líder maior, Zumbi, produzindo um texto que versa sobre a existência de um território apontado como o espaço precursor das insurgências e enfrentamentos que, *a posteriori*, viria a servir de exemplo para o surgimento de novos heróis. Para Walter (1999, p. 105):

> A rememoração de uma memória reprimida através da escrita, este ato de trazer à superfície uma forma de sofrimento que é historicamente específica, pode funcionar tanto como estratégia cultural de resistência e potencialização eficaz contra a amnésia quanto estratégia de atalhamento étnico.

Sobre o que propõe Roland Walter, entendemos que a “épica negra” encontra-se com um discurso oposto aos das epopeias tradicionais, “subvertedora dos valores e da mentalidade colonialista” (FERREIRA, 2006), podendo ser entendida até mesmo como “antiépica” segundo Bernd (1988). Não estaríamos equivocados ao dizer que o poema elaborado por Trindade é um estudo analítico da cultura brasileira no que tange à vivência da diáspora, mantendo um diálogo entre os acontecimentos anteriores e os que disseminam-se na sociedade contemporânea. Sobre isto, Elio Ferreira pontua que:

> [...] é uma espécie de território de assentamento e reassentamento da cultura, da memória histórica do cativo africano e seus descendentes, estabelecendo uma escrita de resistência que dá lugar à fala, às aspirações, às utopias e a subversão da diáspora contra a amnésia e a opressão, a hipocrisia, a espoliação do colonizador branco ou o *status quo*. A épica de Solano Trindade é imbuída dos ideais da *Negritude* marxista (FERREIRA, 2006, p. 110).

Compreendamos que o poeta deseja uma mudança de lugar, a movimentação de posições, porque não se pode permanecer no mesmo estado de antes, vejamos que são muitos os questionamentos que se projetam através dos versos. A não aceitação de uma sociedade que vive por meio da divisão e da separação de homens e espaços, não tem um posicionamento individual, mas é o grito de uma raça, é uma aspiração coletiva.

A voz subalternizada ganha outra tonicidade, o desejo é expresso através do grito, do canto, Zumbi é fonte de energia, conforme salientado anteriormente. O líder de Palmares tem valor inestimável para que o canto épico ganhe outras proporções, não esteja situado apenas como uma narrativa que relata a sobrevivência de um povo, mas ressalte a luta que esse povo teve que travar para que pudessem resistir às negligências da dominação branca. O *griot* brasileiro incorpora as vozes dos seus companheiros para expressar o descontentamento, mas também para celebrar a práxis afro-brasileira, tornando-se o grito da memória poética que reúne o lugar, a morada, a natureza da comunidade, segundo Glissant (2005).

A musicalidade, o ritmo, a sonoridade são recorrentes na poética de Trindade. São elementos com muitos significados para o território africano e o poeta simbolicamente faz menção a estes aspectos que estão diretamente ligados aos seus ancestrais, mantendo um diálogo entre os seus antepassados e os aquilombados. Os negros quando vieram traficados para o Brasil não trouxeram apenas a saudade de um território que foram obrigados a deixar, mas vieram com uma bagagem de conhecimentos que, aos poucos, foram sendo articulados pelo Brasil. A música está presente na vivência dos africanos, e os tambores marcam os episódios da vida quilombola.

Soyinka (1982 apud SILVA, 2013, p. 06) afirma que a música é parte integrante da vida social africana, estando intrinsicamente presente, chegando ao ponto de ser indispensável nas diversas atividades, como curas, casamentos, funerais, trabalhos manuais (lavouras), nascimentos de crianças, ritos de iniciação e outros acontecimentos, o instrumento é entendido como um meio para estabelecer uma ligação com o mundo espiritual, “criando assim um laço entre as atividades dos vivos e o mundo dos antepassados”. Silva ratifica:

> A música africana encontra-se radicalmente imersa no universo da cultura. Trata-se de um sinal distintivo, pois geralmente as

> sonoridades musicais informam que algo de diferente ocorre na vida ordinária. O código musical simboliza a realização de uma atividade importante. O nascimento, morte, coroação de um rei, atividades de trabalho, ritos religiosos, entre outros. A música é, portanto, um elemento de cultura, não podendo ser analisada de forma separada, enquanto simples estrutura sonora (SILVA, 2013, p. 06).

A musicalidade para os africanos não é concebida como uma atividade autônoma, está interligada às concepções ordenadas pela cultura, sujeita-se às próprias ações do povo. O tambor tem um significado que vai além daquele orientado pela prática musical. É o que encontramos em “Canto dos Palmares”, um instrumento que expressa os sentimentos de uma comunidade. Está presente nas festas organizadas pelos africanos refugiados e os nascidos em Palmares, como também acompanha a dor, o gemido que o poeta faz questão de dizer que surge entre as palmeiras levados pelo vento.

No decorrer da épica quilombola encontraremos situações marcadas pelo batuque, pela sonoridade. A simbologia dos tambores se constitui como a metáfora universal da poesia negra, entendida como a encruzilhada das vozes dos antepassados africanos e da diáspora (FERREIRA, 2006). Trindade apropria-se da sonoridade como expressão inscrita no cotidiano coletivo, portanto, de natureza do povo e não como uma ação individual e singular. Recordamos da figura dos *griots*, que atuam como guardiães da palavra, memorizam fatos e narram aspectos históricos de uma comunidade acompanhados pela musicalidade. A oralidade melódica torna-se um registro na poesia de Solano Trindade:

> Eu canto aos Palmares
> Odiando os opressores
> de todos os povos
> de todas as raças
> de mão fechada
> contra todas as tiranias!
>
> (TRINDADE, 1981, p. 23-24).

A referência a Palmares torna-se marcante no poema por se tratar de um território de contestação à organização colonial. Tanto o crescimento territorial quanto a quantidade de quilombolas foi provocando um sentimento de fúria nas pessoas que não aceitavam uma revolta desta proporção, porque o referido

quilombo é reconhecido como um ambiente de revoltosos, sobretudo de uma revolta social, não pretendo com isso dizer que não há uma implicância na luta para a aceitação de traços fenotípicos (cor da pele, fisionomia, etc), mas que vai além do aspecto estético:

> A república dos Palmares incomodou muita gente - senhores de engenho desfalcados de seus serviçais que às dezenas fugiam, abandonando as senzalas, para incorporar-se aos irmãos livres naquelas paragens férteis distantes embora tivessem até o governo em seu encalço ao lado dos latifundiários - senhores de engenho e fazendeiros como ainda hoje – centro e centrões, sustentáculos do regime, agricultura e mineração no uso da mão de obra barata dos hércules de ébano da terra dos baobás, que mesmo maltratados há séculos construíram este Brasil, onde ora vivem seus descendentes ainda discriminados por miscigenados outros (SILVA, 1988, p. 12).

Os palmarinos já percebiam que a rejeição enfrentada pelo povo negro estava interligada ao subjugamento de um grupo em relação aos demais indivíduos (não negros) e que não era necessariamente uma questão de cor, mas um impedimento de afirmação identitária, o que era possível em Palmares. A cor da pele é um dos motivos inerentes à escravidão criados e reproduzidos por instituições inclusive religiosas, como é o caso da Igreja Católica (HAUFBAUER, 2000), mas a ideia de subordinação negra não foge de ser primeiramente uma estratégia política e econômica.

Sabemos que alguns religiosos contestavam o escravismo ajudando muitos negros mediante as dissimulações da dominação branca, como foi o caso dos padres jesuítas António Vieira, Antônio de Melo, Gonçalo Leite, Miguel Garcia, Padre Gabriel Malagrida, entre outros que podem ser citados, poucas vozes proféticas e ligeiramente abafadas, mas que, grosso modo, a Igreja Católica apoiou a escravatura, “Igreja e Estado formavam uma unidade”, afirma Vasconcelos (2005).

Estes sacerdotes contestavam tanto o trabalho escravo praticado nas próprias companhias religiosas quanto as práticas de segregação externas. Ao assumir posição contrária eram encarados como intransigentes, uma ameaça que poderia desajustar a forma de organização social. Logo eram enviados a Portugal, este fato aconteceu com vários, mas o missionário italiano Gabriel Malagrida foi a maior vítima deste período, sendo queimado vivo em 21 de setembro de 1761 pela

Inquisição, na Praça do Rossio, em Lisboa, por não aceitar os métodos escravistas adotados no Brasil e se opor ao Marquês de Pombal (CINTRA, 1985).

Ratifica-se, pela ausência negra no clero, visto que os padres eram exclusivamente de origem europeia, o discurso religioso que justificava o tráfico negreiro com a ideia de que os “selvagens” teriam a libertação de suas almas, seriam catequizados e só assim viriam ser filhos de Deus. Os cativos, quando não eram batizados ainda em África, ao chegar aos portos brasileiros recebiam o sacramento (VASCONCELOS, 2005). A presença dos portugueses no Brasil diverge da existência dos africanos neste território, porque aqueles vieram em busca de ampliar suas riquezas, explorar a terra conquistada, os colonizadores vieram com o intuito de enriquecimento, já os escravos sentiram o peso do deslocamento geográfico e cultural, resultando em um desencontro de culturas que ainda repercute.

O Brasil, mesmo com suas singularidades geográficas, não era um território isolado, ou seja, o território descoberto tornou-se uma extensão de Portugal. Éramos uma parte do território português e isso compreende as articulações sociais, políticas, culturais e econômicas, vivíamos de acordo com o pensamento europeu. A colônia passou a corresponder às ideologias de organização social que compreendiam as concepções regradas pelo imperialismo colonial. Implica-nos entender que havia uma mudança geográfica, mas acontece o transportamento de cultura. “Ele transporta culturalmente a Europa (Portugal) para o Brasil; a nova terra colonizada não é “uma outra terra” é apenas a extensão do mesmo do seu mundo cultural, de Portugal” (BASTIDE, 1971).

Os contrastes foram surgindo, apesar de muitos cativos terem cedido às forças dominantes, outros demonstraram insatisfação às abusivas práticas escravistas. Como já mencionamos, assim foram surgindo as rebeliões, confrontos e fugas, eram constantes as divergências entre os ditos civilizados e os bárbaros. Os escravos passaram a enfrentar os seus donos provando estar descontentes com os ataques e as perdas sofridas por causa do autoritarismo elitista.

Fugiam para lugares distantes, partiam por florestas, viravam noites acordados, atravessam rios, muitos não conseguiam chegar onde queriam, outros sentiam o ar da liberdade. Assim foram formados vários quilombos pelo Brasil, encontrados em várias partes. Mas Palmares tinha o seu particularismo, abrangia

uma grande faixa de terra fértil, considerado o “Estado negro brasileiro” (SILVA, 1988).

Tudo começou com a fuga de quarenta escravos, escusos de seus senhores. Palmares tornou-se um estado independente na Capitania de Pernambuco, tinha sua própria norma de conduta, economia baseada na agricultura, seu povo tinha autoridade sob aquele imenso território, que hoje compreende uns quarenta municípios de Pernambuco e 18 de Alagoas. Era um estado soberano dentro da Capitania de Pernambuco com o projeto de libertar todos os negros da escravidão:

> O estado negro era semelhante aos reinos africanos no séc. XV e XVI cuja administração contava de 1 rei - o grande chefe - Ganga; O Ministro da Justiça ajudado por sobas (espécie de juízes para as decisões avançadas0, 1 Ministro da guerra para assuntos bélicos; 1 Concelho Geral composto dos maiorais dos diversos quilombos como chefes político-administrativos eleitos pela assembleia do povo; flâmulos – funcionários - para ajuste da organização social e política da república palmarina. O rei habitava no palácio chamado muçumba na cerca do Macaco (SILVA, 1988, p. 29).

Os cativos, quando chegavam naquele local produtivo, cansados pelas perseguições, fatigados pela longa jornada, sentiam-se nos braços da pátria-mãe, como se estivessem retornando ao berço de origem. A vontade do regresso à África era tão intensa e, ao mesmo tempo, inexequível que, ao encontrarem um local que rememorasse suas origens, resolveram estruturá-lo semelhante à organização social africana.

No começo era pouca gente. Os quilombolas, a princípio, eram quase todos homens. Atentos a isso, começaram os raptos de mulheres negras nas redondezas para que houvesse procriação regularmente, o que teve como consequência um aumento substancial; muita gente foi chegando, a cidadela dos negros assistiu cerca de 50.000 mil habitantes. Ao chegar em Palmares, o novo habitante era conduzido a lugares de adaptação, denominados canhamboras, recebiam instruções relacionadas aos prováveis ataques e controles emocionais contra os cruéis senhores (SILVA, 1988), realizavam as tarefas conjuntamente, sentiam o ar da liberdade.

A República dos Palmares durou cem anos, resistiu a muitos ataques, rendendo a morte de muitos negros, deixando os quilombolas enternecidos, mas não perdiam a vontade de lutar pela liberdade daqueles que ainda permaneciam sob

o julgo do libanto e das algemas. O sincretismo religioso era praticado no território palmarino, os rituais e práticas mágicas africanas, com o catolicismo popular aprendido nas senzalas e as ações religiosas indígenas, eram executadas e respeitadas (GOMES, 2004). Hoje em dia se sabe que a economia de Palmares foi além da subsistência, havendo trocas mercantis com taberneiros e moradores de localidades próximas, trocavam farinha de mandioca, manteiga, vinho de palma e outros produtos por armas de fogo, ferramentas, sal, pólvora, tecidos para a manutenção dos quilombos. Havia uma recíproca solidariedade entre palmarinos e seus vizinhos, acusados por protegerem os quilombolas.

Esta é a imagem que Solano Trindade quer passar do Quilombo dos Palmares e seus habitantes, homens e mulheres que honraram suas origens e mostraram a indignação do povo negro para com os seus dominantes. Construíram no coração da sociedade colonial brasileira, já que a região Nordeste era sede da economia lusitana neste período, principalmente Pernambuco e Bahia com o fluxo do açúcar, um lugar onde os escravos puderam recriar um novo mundo africano, com procedências diversas, desafiando o governo, os poderosos e o regime escravista. Nele puderam recriar culturas e formar seu próprio exército para combater os invasores.

É com esse vigor consequente dos irmãos quilombolas que o poeta relata odiar todos os opressores. Não podemos considerar apenas os que marginalizam o ‘homem de cor”, mas, como está registrado, “de todas as raças, de todos os povos”. Consideremos aqueles que sofrem qualquer tipo de irreverência, com suas particularidades machucadas e expostas pela intolerância. Diz estar de mão fechada para encarar os agentes da improbidade, a mão fechada simboliza a prontidão para a batalha, não foge da luta, esmurrará todos que almejam aprisionar o “outro” nos porões de seu próprio egoísmo, limitando a existência do que é concebido como exótico porque foge dos padrões discriminados pelo pensamento hegemônico:

> [...] verificamos que há no eu lírico a emergência de uma consciência crítica do modelo rizomático, termo expresso por Édouard Glissant, em 1990, no qual se insere o princípio de identidade em expansão, sem, no entanto, desrespeitar o conceito de alteridade (FILHO, 2009, p. 64).

Rever a postura do escravo surrado, punido por algum motivo que contrariasse as ordens de seu dono, salientando que, mesmo com a boca fechada, os olhos ficariam abertos, a voz pode ser interrompida, o grito pode ser silenciado, mas os olhos registram as cenas de descasos e podem expressar mais que muitas palavras pronunciadas. O eu-lírico não parece visitar os fatos acontecidos, narra como um dos escravos, como de fato foi, pode não ter sido nas mesmas circunstâncias, mas sofreu as consequências da segregação ocasionada pelo escravismo.

O corpo negro é marcado pela mão do algoz, a violência deixa rastro na pele escura, mas sua consciência em cada ofensa sofrida, sendo ela física ou por palavras agressivas, torna-se pura, pois não seria culpado por maltratar um homem inocente, nem destitui-lo de sua própria existência, encontramos uma ressalva de que nos momentos oportunos fugiria das mãos “do maldito senhor”. Esse verso nos remete às fugas dos cativos, às insurreições e formações de quilombos:

> Fecham minha boca
> Mas deixam abertos os meus olhos
> Maltratam meu corpo
> Minha consciência se purifica
> Eu fujo das mãos
> Do maldito senhor!
>
> Meu poema libertador
> é cantado por todos,
> até pelo rio.
> Meus irmãos que morreram
> muitos filhos deixaram
> e todos sabem plantar
> e manejar arcos;
> muitas amadas morreram
> mas muitas ficaram vivas,
> dispostas para amar
> seus ventres crescem
> e nascem novos seres.
>
> (TRINDADE, 1981, p. 23-24).

A quarta estrofe do poema analisado é a única em que todos os versos são iniciados com letras maiúsculas, com isso o poeta enfatiza sua convicção na luta pela liberdade do seu povo, o eu-lírico assume uma postura coletiva, o seu projeto de liberdade não é mais um ideal seu, mas a conquista de todos que são atingidos

pela opressão. Mesmo com as tentativas de sufocamento dos ideais de negritude não conseguem parar a marcha de um povo que quer construir sua própria identidade.

O eu-lírico apresenta a literatura como uma arma contra a marginalização, a exclusão social (Meu poema libertador), todos cantam seu poema porque ele é um canto que atende a todos que se sentem afetados pelo egoísmo, com sua integridade desrespeitada, recorre à prosopopeia para aludir que todos harmonicamente estão entoando o canto da liberdade, até mesmo o rio.

Nos versos seguintes percebemos que neste confronto muitas vidas foram ceifadas, mas deixaram seus descendentes, e com eles a luta continua, não baixarão a cabeça, nem se encontrarão intimidados, aprenderam com seus pais a trabalhar com a terra e colher bons frutos, evidenciam o aprendizado que os antepassados deixaram para aqueles que viriam, fazem uma homenagem aos seus ancestrais recorrendo aos ensinamentos deixados.

O negro não é aludido apenas como um corpo laboral, a voz poética mostra-o como aquele que ama, acima de tudo, colhe da terra e, deste mesmo corpo, produz frutos, gerador de vidas (seus ventres crescem e nascem novos seres). Homens e mulheres dispostos para amar, de acordo com o pensamento burguês da época colonial, nota-se o escravo como um reprodutor, não como uma pessoa que tivesse sentimento, estes versos contradizem toda ideia de coisificação criada para o negro:

O opressor convoca novas forças
vem de novo
ao meu acampamento...
Nova luta.
As palmeiras
Ficam cheias de flechas,
Os rios cheios de sangue,
matam meus irmãos,
matam as minhas amadas,
devastam os meus campos,
roubam as nossas reservas;
tudo isto,
para salvar
a civilização
e a fé...

Nosso sono é tranquilo
mas o opressor não dorme,
seu sadismo se multiplica,
o escravagismo é o seu sonho

os inconscientes
entram para seu exercito...

Nossas plantações
estão floridas,
nossas crianças
brincam à luz da lua,
nossos homesns
batem tambores,
canções pacíficas,
e as mulheres dançam
essa música...

(TRINDADE, 1981, p. 24-25).

Foram muitas as investidas para exterminar o “Estado negro”: os proprietários de terras, donos de engenhos e fazendeiros, juntamente com as forças governamentais, se uniram para acabar com o Quilombo. A pretensão dos poderosos era aniquilar o esconderijo dos seus escravos refugiados, queriam recuperar seus produtos, tanto as terras quanto os trabalhadores cativos. O negro era tão coisificado que seus “donos” tinham a ganância de capturá-los não só pela intensão do retorno da mão de obra, mas porque os escravos eram produtos comerciáveis.

Os viventes de Palmares eram treinados para o combate. Como todo Estado organizado, também tinha seu próprio exército, armadilhas eram feitas para impedir a aproximação do invasor. Todos eram convocados a assumir seus postos quando se percebia um ataque, mesmo quando os quilombolas eram pegos de surpresa, os agressores nunca tiveram êxito, porque os palmarinos conheciam bem todo o território que compreendia o Quilombo e conseguiam descartar as visitas imprevistas:

> Os negros foram se transformando em grandes guerreiros inteligentes espertos, desenvolveram estratégias tão eficazes que nenhum exército conseguia destruí-los. Não só pelo preparo físico, como também pelas muitas armadilhas espalhadas próximo às povoações e pelos enormes muros feitos de madeira. [...] Os negros sabiam bem a fraqueza de seu oponente. Sempre que o governo, a coroa ou os senhores de engenho organizavam expedições contra Palmares, os quilombolas ficavam sabendo com antecipação. Eles tinham informantes pelas vilas açucareiras, que os avisavam. Dessa maneira, dava tempo para se protegerem (CARUSO, 2005, p. 29).

Mulheres e homens agiam cautelosamente para que os malfeitores não causassem danos às crianças e idosos que não conseguiam se defender, lutavam com bravura por suas terras e por seus familiares. A luta travada entre negros e não negros não tinha a intenção por parte dos quilombolas de dominação sobre o outro, mas de sobrevivência, essa é a proposta de Solano Trindade, demonstrar que a comunidade formada a princípio pelos africanos capturados e depois com seus descendentes tem-se colocado em posição de defesa na tentativa de se livrar das emboscadas da classe dominante.

Em um período de dez décadas Palmares conseguiu fortalecer os africanos, mostrou aos carrascos colonizadores que subestimavam a capacidade de seus escravos que uma luta não se faz só com armas, mas com inteligência, organização e cumplicidade. Aos quilombolas da Serra da Barriga o poeta do povo cantou homenageando todos os quilombos que ganharam vida, os de antes e os que ainda existem, mostrando que a cada dia, mesmo com as dificuldades presentes, precisamos confiar nos nossos projetos, assim como os viventes da cidadela dos negros persistiram por dias melhores encarando as forças oligárquicas e por vezes superiores, devemos ter o mesmo espírito de obstinação.

Acabar com Palmares passou a ser uma obrigação das forças estatais, tornou-se um empreendimento, expedições eram oficializadas para aniquilar o Estado negro. Essa afirmativa é enfaticamente destacada quando o eu-lírico diz ser o seu acampamento. Silva (1988) registra que, desde 1602, sob comandos diversos, o reino palmarino sofria ataques. Com estas invasões, mocambos eram destroçados e os quilombolas, quando não eram mortos, voltavam ás senzalas.

A chegada do invasor é sinal de maldade, deixa rastro de ódio por toda parte, até as palmeiras sofrem com as perversidades do inimigo, “seus irmãos morrem, suas amadas morrem”, não querem que os negros se reproduzam. Esta passagem nos faz recordar do ideário do branqueamento ocorrido logo após a abolição da escravatura, pretendia-se extinguir a população negra efetuando um projeto de “embranquecimento” da raça, com prazo estipulado para o ano de 2012. Com essa pretensão o Brasil abriu as portas para a entrada de imigrantes europeus, isso foi um apelo feito até mesmo em congresso, como ocorreu em 1911, em que um representante oficial do Brasil, denominado João Batista Lacerda, no Congresso Universal das Raças, ressaltou: o Brasil estaria aberto para receber imigrantes europeus (HAUFBAUER, 2000).

Outro ponto a ser discutido a partir desse trecho poético é a atenção dada aos que chegavam da Europa para a execução de funções remuneradas e o tratamento recebido pelos negros “libertos”. O período ápice da imigração italiana ocorre entre as décadas de 1880 a 1930. O que se pode constatar é que muitos imigrantes conseguiram ascender socialmente com os anos trabalhados nas minas, nos cafezais, compraram fazendas e aqui se estabilizaram, já os negros sofriam com as poucas oportunidades oferecidas, quase ou nunca remuneradas, o que nos implica uma falsa liberdade, já que a comunidade negra estava presa aos mecanismos de dominação hegemônica no final da fase imperial indicando ser fortalecida pela interferência do capitalismo.

“Devastam-se os meus campos, roubam as nossas reservas; tudo isto, para salvar a civilização e a fé.” (TRINDADE, 1981). O censo crítico da voz poética reflete o golpe de um grupo de pessoas que, ao praticar tamanha violência, tenta justificá-la com a afirmativa de que tudo é feito para manter a ordem e a organização social. A prepotência de uma minoria predominante está literalmente legalizada pelas instâncias de poder da época. O poder público, o poder judiciário e a Igreja eram correspondentes do sufocamento negro. No período de escravidão, os discursos éticos da justiça e por fins religiosos são coniventes com a agressão contra os cativos. Bonifácio, ao enveredar-se sobre o liberalismo nacional, condena tais posicionamentos ponderando:

> diz que é um ato de caridade trazer escravos d’África, porque assim escapam esses desgraçados de serem vítimas de despóticos Régulos: diz igualmente que, se não viessem esses escravos ficariam privados da luz do Evangelho, que todo cristão deve promover, e espalhar: diz que esses infelizes mudam de um clima e país ardente e horrível para outro doce, fértil e ameno; diz por fim, que devendo os criminosos e prisioneiros de guerra serem mortos imediatamente pelos seus bárbaros costumes, é um favor, que se lhe faz, comprá-los, para lhes conservar a vida, ainda que seja um cativeiro. Homens perversos e insensatos! (BONIFÁCIO, 1965, 32-33 apud SANTOS, 2005, p. 68).

Tinha-se todo um aparato apologista ao cativeiro humano existente no Brasil. Trindade relata que no sono do seu povo encontra-se a serenidade, a culpa pela morte de inocentes não invadem seus sonhos, enquanto isso os perseguidores não param de tramar contra as suas vidas, a vontade de torná-los prisioneiros é intensa,

e os que não têm consciência participam desta emboscada. Este verso é como flecha certeira para os sádicos que se deixam influenciar pela burguesia imperante.

A alegria contagia Palmares, as plantas são a metáfora da vida, estão floridas, as crianças brincam sob a lua sem medo de serem interrompidas. Os tambores soam a liberdade, configurando-se como a "metáfora universal da poesia negra, a encruzilhada das vozes dos antepassados africanos e da Diáspora" (FERREIRA, 2006). As canções exaltam a paz e todos dançam a mesma música, o canto da vida solidária:

> O opressor se dirige
> a nossos campos,
> seus soldados
> cantam marchas de sangue.
>
> O opressor prepara outra investida
> confabula com ricos e senhores,
> e marcha mais forte,
> para meu acampamento!
> Mas eu faço correr...
>
> Ainda sou poeta
> meu poema
> levanta os meus irmãos.
> Minhas amadas
> se preparam para a luta,
> os tambores
> não são mais pacíficos,
> até as palmeiras
> têm amor à liberdade...
>
> Os civilizados tem armas,
> e tem dinheiro,
> mas eu os faço correr..
> .
> Meu poema é para meus irmãos mortos.
> Minhas amadas
> cantam comigo,
> Enquanto os homens vigiam a terra.
>
> (TRINDADE, 1981, p. 25)

A narrativa se apresenta de forma que o poeta se torna o próprio líder de Palmares, Zumbi está implícito nos versos. O poeta e o herói palmarino estão em harmonia na luta por seus ideais, não deixam os soldados cheios de ódio invadir seus campos, mostram a força que os quilombolas têm, não querem ver seu povo

destruído e a volta de sua gente para os braços do vil agressor que os espera com ar de superioridade.

Já mencionamos que, em uma dessas invasões à Palmares, Zumbi foi encontrado e dado ao padre Antônio de Melo, foi educado pelo jesuíta, tornando-se coroinha aos dez anos de idade. Os que conviviam com o menino Francisco o achavam muito inteligente e esforçado, com facilidade aprendeu português e latim, aos quinze anos fugiu para Palmares, e aos dezessete já se tornou maioral no mocambo que o acolheu e passou a ser chamado de Zumbi (SILVA, 1988), que significa no quimbundo - língua africana - “gênio do bem, irmão do mar e seu dono, deus da guerra”.

Silva (1988) registra que Zumbi era forte, lutou com toda garra, era convicto e tomava decisões autênticas, quando o poeta ressalta “Mas eu os faço correr’, referencia-nos a imagem de um homem preparado para os supostos ataques. A valentia de Zumbi é explorada na épica afro-brasileira e o cotidiano em Palmares dá um tom singular à narrativa.

O rei negro era atuante, não deixava os malfeitores penetrarem em suas terras, seu grito de guerra deu vida à narrativa quilombola, “levanta seus irmãos”, as mulheres também se posicionam. Outro aspecto importante na narrativa épica de Trindade é que a figura feminina está sempre presente, nos momentos de alegrias ou nas horas de conflitos. Consideremos que para cada dez escravos trazidos de África se tinha uma mulher nos navios negreiros, poucas iam para as lavouras e estavam nas senzalas, isso era devido ao seu alto preço no tráfico africano. Mesmo em África elas eram mais valorizadas para o trabalho (GOMES, 2004).

As mulheres são valorizadas e respeitadas em Palmares, os quilombolas tiveram a preocupação de equilibrar o número de homens e mulheres nos mocambos. Trabalhavam nas lavouras, na feitura de farinha e em outras atividades, quando o poeta menciona que os invasores roubam suas reservas, salientemos que são destas figuras a responsabilidade de, no momento das evacuações, guardarem e levarem em suas cabeças o máximo possível de sementes e grãos e fugirem para o interior da mata. E em outras pastagens iriam reerguer-se com o que tinham conseguido proteger. Vejamos que todos agiam harmonicamente, com os mesmos objetivos.

Outro ponto interessante é que, como Palmares tinha esta preocupação com o desequilíbrio entre os sexos, as regras de convivência estabelecidas para o reduto

quilombola também implicavam nas interdições sexuais e poligamia. Pois quando um quilombola sequestrava uma cativa, os escravos se sentiam ameaçados, gerando ódio e conflito entre os negros.

Muitas delas assumiam papéis religiosos no quilombo, seja na produção agrícola, na confecção de materiais (roupas e utensílios de caça e combate), na logística ou na espiritualidade, a mulher exercia uma função ímpar, ajudando seus companheiros nos enfrentamentos.

Acotirene, Aqualtune e Dandara são algumas das figuras femininas que ganharam destaque na história palmarina. Ocuparam posições relevantes, as primeiras citadas são mãe e avó de Zumbi, os registros as apresentam como lideranças femininas no início da formação da República negra. A última é reconhecida como uma valente guerreira que acompanhou o líder dos quilombolas logo após a morte de seu tio, Ganga Zumba:

> O tempo passa
> sem número e calendário,
> o opressor volta
> com outros inconscientes,
> com armas
> e dinheiro,
> mas eu os faço correr...
> O meu poema libertador
> é cantado por todos,
> até pelas crianças
> e pelo rio.
>
> Meu poema é simples,
> como a própria vida,
> nascem flores
> nas covas de meus mortos
> e as mulheres
> se enfeitam com elas
> e fazem perfume
> com sua essência...
>
> Meus canaviais
> ficam bonitos,
> meus irmãos fazem mel,
> minhas amadas fazem doce,
> e as crianças
> lambuzam os seus rostos
> e seus vestidos
> feitos de tecidos de algodão
> tirados dos algodoais
> que nós plantamos.

Não queremos o ouro
porque temos a vida!
E o tempo passa,
sem número e calendário...
O opressor quer o corpo liberto,
mente ao mundo,
e parte para
prender-me novamente...

– É preciso salvar a civilização,
Diz o sádico opressor...

(TRINDADE, 1981, p. 26-27).

A expressão “tempo” não está associada apenas ao atributo cronológico dos dias, por isso não é apresentada unicamente como uma contagem feita por números, implica ao Orixá Tempo, a quem todos os indivíduos vivos ou mortos estão sob os seus desígnios. A dimensão do Orixá Tempo está além da abordagem numérica baseada em calendários, abrange toda a trajetória humana, do início ao fim de sua existência.

Este orixá corresponde à longevidade, durabilidade das coisas e à passagem dos acontecimentos na vida das pessoas. No Brasil é cultuado no Candomblé pela nação Ketu e como Loko pela nação Jeje, corresponde ao Nkisi tempo na Angola/Congo. É respeitado e conhecido na Mesopotâmia como Enki, o Leão Alado; cultuado no Egito como Anúbis, o deus Chacal que determina a caminhada infinita dos seres do nascimento até a passagem pelo vale da morte. O poeta coloca-o como determinante nesta passagem histórica da comunidade negra, pois os cativos tinham que passar por aqueles momentos conflituosos e encarar aquela situação turbulenta para mostrar sua força e resistência. Este orixá está designado para acompanhar o tempo e o espaço cobrando o cumprimento do Karma de cada um de nós segundo as compreensões religiosas de matriz africana.

O tempo passa, mas a aspiração de destruir a liberdade dos viventes de Palmares persiste, torna-se uma questão de honra acabar com o quilombo, muitos estão unidos para mais uma vez acorrentar os negros e arrefecer os viventes daquela cidadela construída no meio da floresta. Silva salienta que o guerreiro maior de Palmares:

> Aos 18 anos, derrota uma expedição de Carrilho. Casa com uma sinhazinha filha de senhor-de-engenho do Porto Calvo e, com ela, tem 5 filhos. Após anos fica meio coxa, em combate, devido certo ferimento contra a expedição de Manuel Lopes. Zumbi é tido como o sangue novo da herança real nos quilombos pró-liberdade, pró-independência, pró-abolição e pró-fraternidade no conúbio euro-afro-ameríndio brasileiro (SILVA, 1988, p. 37).

Amaro Matias Silva não traz Zumbi apenas como uma figura arquetípica, sempre pronto para a luta, mas apresenta-nos a parte humana deste personagem modelo para os afrodescendentes. Esta expedição comandada pelo sargento-mor Manuel Lopes Galvão, que era um fazendeiro poderoso da região, tinha uma tropa de trezentos homens e estes saíram mata adentro, encontraram um dos mocambos de Palmares e o incendiaram, ocorrendo um combate sangrento, Zumbi estava à frente, como um general a lutar pelos seus. No combate acontece que o guerreiro negro é baleado: o tiro deixa-o manco para o resto da vida. Os insurgentes conseguem despistar a tropa e desaparecem pelas pastagens, o sargento e os que estavam sob seu comando perderam-se e ficaram padecendo na mata com fome e desagasalhados, ao retornar à vila ainda trazem consigo quarenta e cinco negros capturados (CARUSO, 2005).

Não passava pela cabeça de Zumbi abandonar seu povo e deixar os brancos e aqueles que os acompanhavam (negros escravizados com promessas de alforria, índios subalternizados), portanto inconscientes, fazê-los menores e tomá-los como animais, tratá-los como coisas, da mesma maneira que os outros negros eram discriminados. A República negra estava longe de ser derrotada. O exército palmarino, enfurecido com a última invasão, desceu a serra e atacou as vilas pernambucanas que compreendem Porto Calvo, Alagoas, Ipojuca, São Miguel e Serinhaém. Muitas casas foram invadidas e canaviais foram destruídos. Estas informações estão implícitas quando o poeta atribui “mas eu os faço correr...”.

Quando é feita menção aos homens inconscientes que se apresentam com armas e dinheiro, recordamo-nos de momentos como o que aconteceu por volta de 1678, em que o governo da Capitania Pernambucana, cansado do longo conflito com o Quilombo de Palmares, se aproximou do líder, Ganga Zumba, com uma oferta de paz. Foi oferecida a liberdade para todos os escravos fugidos se o quilombo se submetesse à autoridade da Coroa Portuguesa. A proposta foi aceita pelo chefe dos quilombolas e o mesmo enviou uma comitiva para anunciar a rendição, mas Zumbi

rejeitou a proposta do governador e desafiou a liderança de Ganga Zumba, prometendo continuar a resistência contra a opressão portuguesa. Vejamos que procuravam de todas as maneiras findar com a República negra.

Essa situação gerou desconforto no quilombo, dividindo-o entre Zumbi e Ganga Zumba. O acordo entre o rei e o governo de Pernambuco acertava que Palmares passaria à vila e o então chefe se tornaria mestre de campo, assim foi feito.

Muitos permaneceram ao lado de Ganga Zumba, outros se revoltaram pela decisão tomada se achegando a Zumbi. No mocambo real Ganga Zumba é envenenado e Zumbi se torna líder (BARBOSA, 2003). Essa é uma das fases mais sangrentas que o quilombo viveu porque o novo chefe palmarino não se submetia aos déspotas, pelo fato de que era sabido que os homens brancos não iam deixar os negros e os outros quilombolas viverem em outra condição a não ser como escravos.

Os negros rejeitam o ouro, justificando querer a liberdade, para eles a vida é o maior bem, ressalta o poeta. Esse trecho implica também o processo de mineração ocorrido no Brasil nos séculos XVII e XVIII. O processo de extração do ouro também utilizava a mão de obra escravizada; nas minas, a vigilância dos escravos era reforçada por seus senhores, com a justificativa de evitar o contrabando do ouro. Além da vigilância redobrada, os escravos trabalhavam em péssimas condições. Muitos deles não suportavam mais do que cinco anos trabalhando na mineração, eram recorrentes as mortes prematuras relacionadas às indevidas condições de trabalho e aos acidentes.

A vida dos cativos nas minas estava atrelada ao risco de morrer através de soterramento ou afogamento causado pelo rompimento das barragens de contenção existentes. Estes eram os acidentes mais comuns e os que provocavam mais mortes de escravos, outros fatores influenciavam, como as péssimas condições de salubridade, o tempo que ficavam debaixo da água (expostos a baixas temperaturas), a baixa umidade, a falta de oxigênio nas cavernas, tudo isso junto a uma alimentação carente, ocasionando a proliferação de várias doenças:

> Eu ainda sou poeta
> e canto nas selvas
> a grandeza da civilização – a Liberdade!
> Minhas amadas cantam comigo,

meus irmãos
batem com as mãos,
acompanhando o ritmo
da minha voz...

– É preciso salvar a fé,
Diz o tratante opressor...

Eu ainda sou poeta
e canto nas matas – a Liberdade...
Minhas amadas cantam comigo,
meus irmãos
batem com as mãos,
acompanhando o ritmo
da minha voz!...
Saravá! Saravá!
Repete-se o canto
do livramento,
já ninguém segura
os meus braços...
Agora sou poeta,
meus irmãos vêm ter comigo,
eu trabalho,
eu planto,
eu construo,
meus irmãos vêm ter comigo...

Minhas amadas me cercam,
sinto o cheiro do seu corpo,
e cantos místicos
sublimizam meu espírito!
Minhas amadas dançam,
despertando o desejo em meus irmãos,
somos todos libertos,
podemos amar!
Entre as palmeiras nascem
os frutos do amor
dos meus irmãos,
nos alimentamos de fruto da terra,
nenhum homem explora outro homem...

E agora ouvimos um grito de guerra,
ao longe divisamos
as tochas acesas,
é a civilização sanguinária
que se aproxima.

Mas não mataram
Meu poema.
Mais forte
que todas as forças
é a liberdade...
O opressor não pôde calar minha boca,
nem maltratar meu corpo,
meu poema

é cantado através dos séculos,
minha musa
esclarece as consciências,
Zumbi foi redimido...

(TRINDADE, 1981, p. 27-28).

O grito entoado por Zumbi em favor da liberdade dá ritmo ao poema de Trindade, a voz do líder palmarino guia seus irmãos assim como a poesia de resistência do poeta do povo é precursora para muitas outras vozes que *a posteriori* a tomam como direcionamento para que possam também manifestar seus pensamentos críticos.

Mais uma vez o poeta tece uma crítica à religião que foi conivente com o cinismo da dominação dos brancos sobre os africanos, e que repercute na atualidade com o predomínio das religiões cristãs se sobrepondo sobre as de caráter africano, colocando-as como manifestações demoníacas, relegando-as a indevidas e impuras.

É registado pela História que os senhores de escravos e toda sua tropa iam à igreja para serem abençoados e saírem satisfeitos nos ataques à República negra. Assim aconteceu no dia em que Ganga Zumba e o governo pernambucano propuseram o pacto de paz: celebraram até uma missa. A religião, geralmente funcionava como lavagem cerebral da classe sofredora a incutir que os foragidos viviam em pecado mortal (SILVA, 1988).

A expressão “Saravá!” é uma saudação utilizada nos cultos afro-brasileiros que significa viva, salve, seja bem-vindo, para os adeptos da Umbanda também significa “Salve sua força!”, essa força vem de Deus ou da mãe natureza. No contexto poético analisado encontramos como um grito dos negros em busca do livramento, o poeta mesmo não estando nos confrontos palmarinos se sente como um dos quilombolas no confronto na Serra da Barriga.

As mulheres que exerciam papéis religiosos no quilombo tinham o costume de energizar seus guerreiros, com rezas direcionadas a eles e a seus armamentos, quando entravam em transe diziam quando os opressores estavam se aproximando e por onde os quilombolas deveriam seguir.

Chegando ao desfecho final do poema encontramos enfatizado o episódio que marcou não só os viventes de Palmares, mas a história dos afrodescendentes no Brasil. A civilização sanguinária se aproxima dos negros, diz o poeta, depois de

muitos anos de um combate violento contra os bárbaros, como eram conhecidos os quilombolas; em 1694 destruíram Palmares: “contam-se que durante a luta renhida bradava Zumbi: Lutem até a morte em liberdade porque é melhor do que perdê-la”! Incentivava (SILVA, 1988).

Em 1686 o governador Souto Maior encarrega Carrilho para novas emboscadas. Os negros, sendo avisados, se defendem, o combate permanece indeciso, as perdas acontecem em ambas as partes. Então, Souto Maior recorre ao bandeirante Domingos Jorge Velho, que andara pelo interior do Piauí tomando as terras dos indígenas. Sem se esquivar, compromete-se a deter os quilombolas, e, em troca, receberia um quinto do valor dos negros apreendidos, terras e o perdão de crimes cometidos por seus homens. O governo arcaria com tudo o que a comitiva precisasse. No dia três de dezembro de 1691 o acordo é selado. Invadem Palmares, pensam encontrar apenas negros rebeldes e aprisioná-los, mas não foi isso que aconteceu. Três anos de muita luta indicava o fim do quilombo. Zumbi foi baleado mas, mesmo assim, consegue escapar:

> Nos Palmares a luta foi violenta. Brancos e pretos se confundiam nos combates corpo-a-corpo e nas emboscadas. [...] A luta chegava ao fim, depois de um cerco de três anos e de uma batalha de 22 dias, os homens de Jorge Velho passaram a destruir os últimos mocambos, sempre procurando por Zumbi, mas sem conseguir capturá-lo (BARBOSA, 2003, p. 32).

Depois de algum tempo da Tróia negra (SILVA, 1988), o rei negro foi encontrado na companhia de vinte homens. Capturado, no dia 20 de novembro de 1695, André Furtado de Mendonça cortou a cabeça de Zumbi e a expôs na Praça do Carmo, na cidade de Recife. Florentina Souza observa:

> Cantar um episódio marcante da história dos afro-brasileiros é, para o poeta, tão importante quanto o foi para a tradição ocidental celebrar feitos reais e míticos através da épica clássica. A apropriação que faz desse modelo, todavia, quebra a autoridade do modelo ao cantar outra história e outros heróis. [...] No poema, negros não são representados como vítimas inertes, e sim como grupo oprimido que em vários momentos mostrou-se insubmisso e disposto a lutar pela liberdade (SOUZA, 2004, p. 289-290).

Trindade quer mostrar que o corpo de Zumbi pode ter sido violentado, mas que sua existência não está atrelada ao materialismo, ao que é palpável; sua voz ressoa nos dias atuais convocando-nos para a luta por uma sociedade onde os direitos possam chegar a todos e não apenas a determinado grupo, sem fazer distinção de pessoas, o poeta persiste no diálogo iniciado por Zumbi que, através dos séculos, vai se fortalecendo.

O subalternizado fala através dos resistentes de Palmares, busca um direcionamento nos feitos de personagens que marcaram a trajetória da comunidade negra no contexto social brasileiro. A importância desse poema é tamanha que, para alguns escritores, principalmente para aqueles que fundaram os Cadernos Negros, do grupo Quilombhoje, é compreendido como texto fundador e aquele que mais representa uma poética negra (SANTOS, 2009).

3 MEMÓRIA AFRICANA NA DIÁSPORA

A MENSAGEM DO POETA

O poeta é um mensageiro da vida
Ele canta a terra
Ele canta o céu
Ele canta o mar
Ele canta o homem,
E no homem
Está a maior mensagem da vida
[...]

(TRINDADE, 2007, p. 95)

A ressignificação da trajetória e presença do homem africano nas terras brasileiras vai sendo apresentada com frequência na poética de Solano Trindade. Em alguns momentos esta (re)apresentação está exposta de forma que se compreende como uma revisitação de dados e informações que, por interesses políticos e de favorecimento da comunidade dominante, são poucas vezes mencionados, por estes registros não serem considerados relevantes para a população mencionada ou por lhes causar algum desconforto; em contrapartida, são de interesse daqueles que se incomodavam com as formas de tratamentos e relações desiguais entre pessoas brancas e negras.

A problemática discutida por Trindade sobrepõe o caráter do ressentimento ou sequer está aprisionada ao estigma da dor, do sofrimento, da fome ou nostalgia, apesar de serem assuntos tratados em sua escrita, não são registrados como assuntos isolados, ao contrário disso, sempre são mencionados com argumentos que, ao serem expostos, provocam reflexões sobre o negro do período antes e pós-abolição e qual a ocorrência desse processo para a contemporaneidade.

Em momento anterior citamos que a liberdade concedida aos negros a partir da Lei Áurea estava longe de ser aquela liberdade usufruída pelo homem branco, que tinha passagem livre e andava de cabeça erguida pelas ruas e ambientes sociais, sem serem chacoteados com palavrões e vocabulários depreciativos. Os poemas de Solano Trindade têm suas particularidades por abrigarem descontentamentos e exigências, pois quando o “poeta do povo” traz a “quebra das correntes”, o que significa a abolição, vem nos mostrar que deveríamos encarar

estas pessoas marginalizadas como homens libertos, e não ludibriando esta liberdade, ou fazê-la de conta.

Com isso, os aspectos memorialistas e ancestrais africanos possuem notoriedade nesta poética, por se fazerem presentes na cultura brasileira, sendo registrados por meio da dança, da música, como também da poesia. Assim como afirma Benedita Gouveia Damasceno em **Poesia Negra no Modernismo Brasileiro** (1988), os autores negros tinham que escrever uma literatura condizente com as suas realidades, o que se tornara uma necessidade, e não que permanecessem sendo produtos resultantes das ideologias de uma “cultura branca”.

Com o pesar da repressão social, principalmente no período pós-abolição, em que muitas portas eram fechadas aos negros, eles precisavam arranjar estratégias para poder se manter em uma sociedade sustentada através da escravidão e que não estava pronta para encarar essa nova realidade, possibilitando outra condição à comunidade escravizada, embora tendo algumas reações de contrariedades, mostrando o descontentamento de determinados grupos.

As dificuldades não condizem apenas no sair de casa, ir em busca de trabalho, lutar por um lar, ou tentar uma profissão e poder se manter socialmente, mas em enxergar-se nesta sociedade, que não dava abertura para que o homem de pele escura se sentisse integrante dela e que conseguisse desenvolver outras atividades sem a vigilância dos antigos patrões.

A dureza de viver em um meio que não o valorizava enquanto indivíduo, encarando-o como objeto, foi um desafio a ser superado pelos “ex-escravos”. Uma maneira de encarar essa realidade foi a criação de comunidades em locais restritos onde os negros conseguiram se aglomerar e viver de acordo com sua simplicidade de vida, trazendo para seu cotidiano alguns traços da cultura africana, dentre eles os religiosos. Isso porque os cultos africanos não eram bem vistos socialmente, sendo tidos como devoções demoníacas, em que se exaltavam entidades das trevas com magia negra.

Os “guetos”, como podemos entendê-los, passaram a ser formados a partir dessa rejeição, pois tanto o negro sofria por não receber atendimento em determinados locais, gerando exclusão, quanto o mesmo não se percebia nestes espaços, então o que se constata é a formação desses “espaços marginais”. A realidade é que mesmo libertos de um sistema político, os negros continuavam presos a um sistema cultural e ideológico que os vigiavam socialmente, por

inúmeras vezes foram expulsos de locais que se diziam estabelecimentos apropriados para pessoas brancas e a presença de um negro ou mulato seria uma ofensa para as famílias tradicionais.

Quando a justiça não era acionada para averiguar estas situações, prendendo em alguns casos os negros forros por contestarem suas liberdades, os próprios senhores nãos os deixavam partir de suas terras, impedindo-os com arrendamentos de terrenos e funções que os delegavam para permanecerem sobre seus mandos, e com isso dando continuidade a este processo vicioso de comandar o outro, concedendo-lhe um local para dormir e um prato de comida, gerando uma dívida impagável com os seus patrões.

Foram vários os contrastes que interrompiam a inserção da comunidade negra na vida pública do nosso Estado, até mesmo impedida de eleger seus próprios governantes e impossibilitada de reagirem contra muitas situações de abusos e autoritarismos:

> Frequentemente os libertos se viam envolvidos em conflitos para reagirem às discriminações e ao não reconhecimento de sua condição. Em 21 de janeiro de 1882, na cidade de Porto Alegre, policiais invadiram uma venda para desfazer o que chamaram de "ajuntamento de pretos". Ordenado a abandonar a venda, o liberto Manoel José reagiu dizendo que "era um homem livre e que só ia quando bem quisesse". Irritado, o subdelegado ordenou que "metesse o laço no negro", uma expressão bastante usada naquela localidade quando se referia à prisão de escravos (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 157).

O exemplo citado acima, apesar de não ter acontecido no período pós-abolicionista, é significativo para que possamos compreender a situação penosa em que a comunidade afrodescendente foi atingida. Essa é a realidade exposta por Solano Trindade, demonstrar com palavras simples a história e a negação de um povo que sofreu com os tratos abusivos da escravidão e as consequências que surgiram dessa "consciência" de dominação.

As discussões que articulamos sobre memória identitária se desenvolvem em torno da cultura africana e do legado deixado pelos negros que de lá vieram. Esta memória está ligada às vivências dos escravos e de seus ancestrais. A memória ancestral é algo que perpassa gerações, podemos dizer isso porque mesmo com o passar do tempo e com as investidas da nova cultura na tentativa de não deixar rastros que pudessem remeter ao continente africano, não se conseguiu eliminar os

traços culturais dos negros, por se encontrarem enraizados na sua forma de viver, mesmo se adaptando à nova rotina não conseguiam expurgar os sentimentos ligados à pátria-mãe.

A dualidade de culturas gerava um conflito interno nos negros, sentindo-se perdidos em um território hostil e opressor. O aprisionamento não significa apenas o controle do que é físico, existiam correntes, assim, podemos dizer que permaneceram firmes antes e depois da abolição, provocando o silenciamento da forma de viver e sentir dos negros.

Ao discutir sobre memória ancestral consequentemente nos debruçamos sobre as reflexões referentes à identidade, seja ela coletiva ou individual, o sujeito em uma lógica social internaliza e externa os substratos do meio em que vive.

Então, o que a comunidade não negra do nosso país queria era impedir que os afrodescendentes disseminassem sua cultura, seus costumes, suas reflexões, o que não se pôde evitar, porque o povo negro já era em grande proporção, e como eram estas pessoas as responsáveis pelo desenvolvimento da maioria das atividades, ao desenvolvê-las deixavam ali sua essência, a exemplo das amas-de-leite que, ao cuidar dos filhos dos patrões, entoavam as cantigas que seus antepassados já lhes tinham ensinado, ou quando estas mesmas mulheres estavam nas lavagens de roupa à beira do rio entoando canções de sua pátria, ou até mesmo na forma do negro capinar, ao cuidar das lavouras de algodão, cana de açúcar ou cafezais.

Na contação de histórias pela “mãe preta”, que instigava os ouvintes curiosos a falar as aventuras dos guerreiros de sua pátria, ou quando a escrava que circula na casa grande prepara o chá com algumas ervas, das quais tem conhecimento, objetivando o alívio de algum mal-estar dos patrões.

E assim o escravo e, posteriormente, o negro liberto tinha esse reencontro com a tradição. Na opinião de Giddens (apud HALL, 2015, p. 12-13), “[...] a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”.

Essas lembranças nos remetem a um passado que reflete no presente. São expressões de uma cultura fortalecida a cada dia. Cabe-nos entender que não há uma exigência da presença do físico, do que é palpável, ou seja, a presença do negro não é necessária para nos fazer recordar dos africanos ou de algo que esteja

ligado à África, embora ainda estejamos presos à questão da cor da pele, colocando-a como aspecto primeiro de identificação. Somé (2003) diz que “não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou imaginamos. Pode ser uma árvore (...). É possível que seja um riacho correndo longe”.

E quando se trata do negro no Brasil são inúmeras as possibilidades de encontrar traços que rememoram a África, seus habitantes, e daqueles que viveram na diáspora. A História Brasileira está preenchida com essas memórias, há uma aglomeração de fatores ancestrais da cultura europeia, dos nativos e dos vindos de África. Sobre esta compreensão de memória enquanto recordação, Bosi (2004) afirma que “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado”, e quando nos referimos à poética de Solano Trindade, percebemos que é um ato recorrente, por evidenciar esta compreensão de raízes, além de propor uma ligação de territórios.

3.1 A ETERNA NOVIDADE DO VELHO: ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

Solano Trindade buscou reconstruir a presença dos negros, tomando a poesia como sua primeira experiência. Os poemas vêm completos de simbolismos, a figura do contador de histórias aparece a narrar acontecimentos, dando-lhes uma nova versão, podemos dizer que a história já contada reaparece com um novo tom, agora na voz de um homem que não tem apenas uma escrita dedicada à comunidade negra, como em outros momentos já existiu, mas com uma alma negra, com o desejo de introduzir na cultura do nosso país as virtudes do seu povo.

Às vezes nos deixando até mesmo confusos por utilizar algumas expressões que podem ser compreendidas em um sentido depreciativo, mas é nesse contexto que o poeta exige um leitor hábil e atento para entender que aquele vocábulo se faz presente não para que os estereótipos sejam repetidos, mas para demonstrar a realidade dos fatos.

As formalidades dos discursos literários tradicionais são refutadas de maneira intencional, para que haja uma acolhida do público leitor desejado por Trindade, embora os poemas chegando a outras pessoas. Vale destacar que apesar de ser frequentador dos ciclos de diálogos literários da segunda fase do Modernismo brasileiro, sua produção literária não era estudada pelos críticos da época, nem os manuais de literatura traziam o seu nome, também não faziam alusão à sua

escritura. Por assim dizer, Pires Laranjeira faz menção a esta ideia em seu artigo *A poesia é-sou negra*:

> Nos discursos de canonização, que a instituição literária vai produzindo (isto é nas universidades, a mídia, as editoras...), não só os escritores negros são minimizados e depreciados, quando não apagados, como as temáticas relativas aos negros são apresentadas de modo sumário, esquematicamente, quando não de um jeito preconceituoso (LARANJEIRA, 2010, p. 35).

Ancorados nas palavras de Laranjeira e refletindo-as nos dias atuais, mesmo com o aumento de uma demanda literária idealizada por negros, tem-se a influência mercadológica que interfere na publicação de obras e poetas que deveriam ser estudados para que pudéssemos aperfeiçoar nossos conhecimentos relativos à comunidade negra. Com isso, a crítica permanece cometendo uma classificação totalitária da literatura em “alta e baixa”, prejudicando aquelas que tem um grupo menor de leitores, até mesmo nas universidades esses estudos são parcos, estando configurados nas revistas eletrônicas, projetos de pesquisas escassos, e com poucas dissertações e teses de doutoramentos.

É de suma importância que se levante uma fortuna crítica a respeito de autores como Solano Trindade, por ele ter sido um agente social importante para a disseminação da cultura negra através das letras no Brasil. Dentro dessa perspectiva acreditamos que o eu-lírico mantém um diálogo com o leitor, não importando se a estética poética condiz à construção convencional, mas como a receptividade desta poesia se constrói. De acordo com Laranjeira:

> É com Solano Trindade, marxista, que a poesia se integra num processo de conscientização e revolução negra [...]. As jovens gerações de ativistas pela voz de um deles, consideram-no mesmo o ‘primeiro grande poeta moderno’, escorados na apreciação de Janheinz Jahn, que completa: ‘este é o elemento novo: Solano Constrói a sua poesia a partir de elementos simples, recusa as regras conservadoras. Sua estética é o rompimento não com a forma do poema simplesmente, mas com a forma da sociedade em si. Sua recusa estética é, sobretudo, uma atitude política’ (LARANJEIRA, 1995, p. 41).

A proposta poética de Trindade não era fazer do Brasil a África, ou transformar os brasileiros em africanos, até porque o mesmo sabia que a nossa cultura é múltipla, resultante da hibridização de outras fontes culturais, então seria

inviável ter esse tipo de pensamento, mas dedicava-se a ter uma representatividade que contestasse o lugar dessa cultura na literatura brasileira. Lutando para que, ao invés de ser uma temática apresentada como um conteúdo em segundo plano, ou que vinha sempre no plano de fundo, viesse a ser debatida com mais entusiasmo.

Como o momento literário proporcionava esta oportunidade de haver uma retomada histórica que delineava outra posição, ou seja, com o surgimento do Modernismo, em que os autores puderam se desprender dos padrões literários vigentes, foi possível um novo argumento. O negro africano não é deslocado para o Brasil, mas o negro brasileiro com sua ancestralidade africana ganhou um lugar de destaque na poesia moderna do século XX. Damasceno (1988) ressalta que “o negro brasileiro não pode ser definido como africano, pois quatro séculos de escravidão e progressivo afastamento de sua cultura tornam-no muito mais próximo da cultura ocidental”.

O intuito dessa poética se baseia no (re)ligamento de territorialidades, a qual definimos como uma aproximação de heranças culturais que era evitada pela sociedade em busca de um embranquecimento da população negra. Claro que isso era proposital já que a intenção era ter um território homogêneo. Damasceno (1988) propõe que, no momento em que isso ocorria, ou seja, quando o negro brasileiro assimilava a cultura ocidental e se desligava da sua de origem, também ocorria um repúdio quase que sistemático da sua ascendência e de seus irmãos, “na proporção direta em que clareia a pele”. Portanto, a característica fundamental dessa vertente da literatura brasileira é a afirmação da identidade negra que, consequentemente, compete também ao território africano. Aos poucos se tornava um lugar sem retorno.

3.1.1 A África no Brasil: outra versão da história

NAVIO NEGREIRO

Lá vem o navio negreiro
Lá vem ele sobre o mar
Lá vem o navio negreiro
Vamos minha gente olhar...

Lá vem o navio negreiro
Por água brasiliana
Lá vem o navio negreiro
Trazendo carga humana...

Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...

Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro

Cheinho de inteligência

(TRINDADE, 2007, p. 152).

“Navio negreiro” é um poema composto por quatro estrofes, cada uma delas possui quatro versos. Os quartetos são construídos de maneira semelhante às ondas do mar, as estrofes possuem tamanhos distintos; recordando-nos os desenhos que as ondas fazem quando se encontram com a areia.

Afirmamos essa ideia baseando-nos também no ritmo do poema, dado pela musicalidade na construção silábica. Há uma repetição de rimas internas e externas (vem, minha, brasiliana, humana, resistência, inteligência), todo o decorrer do poema possui o mesmo compasso, o que nos faz pensar mais uma vez nos movimentos das ondas, na qual elas vêm e deixam na areia aquilo que está sobre seus comandos, como um objeto que não tem condições de enfrentar a força do mar. Em outras palavras, o africano escravizado não tinha outra saída senão encarar a incerteza do seu futuro a partir do momento que colocasse os pés no território até então desconhecido.

As rimas externas são alternadas, obedecendo ao esquema OAOA, os recursos sonoros encontrados são as aliterações provocadas pelas consoantes /m/ e /n/ e as assonâncias das vogais (a, e, o), que ao se unirem provocam a nasalização dos versos.

“Lá vem o navio negreiro” é um verso recorrente na estrutura do poema, está presente em todas as estrofes. Ao enfatizar este verso o poeta propõe demonstrar o trajeto dos navios que transportavam os escravizados para o Brasil, a primeira impressão que exercia sobre a população era de curiosidade das pessoas que corriam para ver aqueles indivíduos acorrentados uns aos outros, debilitados e rotos, já que a situação não lhes permitia ter tamanho privilégio dos bons tratos.

Os navios tumbeiros, como também eram denominados, marcam esse episódio de massacre humano. Como o escravagismo se trata de uma atividade

econômica legalizada para a época, alguns navios já eram feitos com esse objetivo, sua criação tinha por finalidade o translado dos negros africanos:

> Lá vem o navio negreiro
> Lá vem ele sobre o mar
> Lá vem o navio negreiro
> Vamos minha gente olhar...
>
> (TRINDADE, 2007, p. 152).

A primeira estrofe apresenta o entusiasmo do poeta em querer que o leitor esteja atento, assim como as pessoas tinham curiosidade quando as navegações se aproximavam dos portos brasileiros e os aristocratas estavam ansiosos à espera de suas encomendas, para desvendar o que está no interior daquelas “gaiolas” navegantes. A pretensão de Trindade é nos tornar cientes de que naquelas embarcações não estão coisas, objetos para serem usados. Apesar da condição imposta de desmerecimento e maus-tratos não os faziam menos humanos e nem deixavam de ter sentimentos.

Navio negreiro e mar são palavras que simbolizam o processo de colonização e exploração de territórios. No que diz respeito à História do Brasil estão intrinsecamente ligadas a episódios de conquistas territoriais, autoritarismo, poder e discriminação.

As embarcações eram idealizadas com o propósito de desvendar outros horizontes e com isso abranger os territórios das civilizações de maior poderio. As conquistas, depois de obtidas, tornavam-se propriedade dos novos donos e sujeitas às várias formas de explorações. A Europa foi a principal articuladora do processo de dominação e desbravou territórios em várias partes do mundo, submetendo as suas colônias a viverem de acordo com suas imposições e princípios. Com isso, ocasionaram-se conflitos entre dominadores e subalternizados, colocando-se em pauta não só a perda de terras, mas o aniquilamento de práticas culturais que regiam suas formas de viver, e de acordo com o pensamento europeu eram incivilizadas.

O poeta começa a fazer um jogo com as palavras, colocando-as para impactar o leitor a percebê-las com outra concepção, como no caso do quarto verso da segunda estrofe “Trazendo carga humana”. O que nos faz pensar o seguinte: se o objetivo do poeta é extinguir esses estereótipos, como o mesmo poderia fazer uso

de expressão tão depreciativa? A palavra carga é colocada, como já foi mencionada, para chocar o leitor, pois ela vem acompanhada do adjetivo humana. Compreendamos que o significado desse verso está atrelado à forma como os negros eram tratados e hostilizados no percurso África-Brasil.

A viagem tornava-se um pesadelo sem fim, durando meses, as noites pareciam infindáveis e o passar dos dias não eram percebidos pelas violentadas criaturas que estavam aglomeradas nas partes mais desprovidas das embarcações. Mesmo estando em condição inferior, os negros africanos eram acorrentados e separados dos seus parentes, sofriam açoites e ameaças de serem jogados vivos para não haver revoltas. Assim como os corpos inertes de seus irmãos eram jogados nas águas mais profundas do oceano, logo após morrerem de fome, sede ou de doenças infectocontagiosas.

As pesquisas relacionadas ao tráfico negreiro revelam que, em sua maioria, eram escravizadas pessoas do sexo masculino, porém não se descarta a presença de crianças e mulheres nos navios negreiros. Entre elas estavam mulheres grávidas que davam à luz aos seus filhos, já com o destino traçado pela escravidão.

Sendo assim, quando os africanos chegavam às terras brasilianas estavam desfigurados pelas necessidades, por terem passado por turbulências agravantes, a começar pela sujeição de não ter autonomia sobre os seus próprios corpos, sem ter um rumo a seguir senão o de receber ordens das pessoas que os traficavam. A presença daqueles seres surrados pela ausência de cuidados era impactante para os expectadores, que os viam como animais, os menos desfalecidos eram visados pelos compradores.

A palavra carga é empregada no sentido referente à maneira como os negros eram conduzidos e não no intuito de afirmar o que eles eram. Não podemos dispensar o adjetivo “humana”, que acompanha o substantivo mencionado. Trindade mostra a judiação sofrida por seus irmãos e salienta que ,mesmo passando por estes descasos, permanecem sendo humanos.

Afirmando que o crime cometido contra os escravizados deveria ser abordado com o mesmo trato dado a outras violações, o autor nos deixa a par de que o sistema vigente tratava-os dentro das leis escravagistas. Essa é uma das leituras que “Navio negreiro” nos permite fazer.

Quando se é colocado em xeque o ser humano, consequentemente, falamos de cultura, identidade pessoal e coletiva, costumes e vivências. O poema em

destaque apresenta-nos fatos que aconteceram, porque conta a saída dos cativos e sua chegada ao Brasil, mas nos traz outra versão da história, uma história que não foi contada, permaneceu encoberta pela elite e cultura dominante:

> Lá vem o navio negreiro
> Cheio de melancolia
> Lá vem o navio negreiro
> Cheinho de poesia...
>
> Lá vem o navio negreiro
> Com carga de resistência
> Lá vem o navio negreiro
>
> Cheinho de inteligência
>
> (TRINDADE, 2007, p. 152).

É sabido que o navio negreiro trazia pessoas frágeis, feridas pela perda de suas terras, por distanciar-se de sua pátria-mãe e por não estar próximas de seus familiares. Todos esses fatores as deixavam vulneráveis ao sofrimento e, de certa forma, enfraquecidas por estarem ligados à existência do ser humano, além de serem elementos construtores da personalidade de cada pessoa.

No pesar do olhar de cada negro, que não se sentia em casa, não era tratado com dignidade, nem enxergava vínculo algum com as pessoas que, por uma questão de cor de pele, se sentia melhor, tinha a melancolia. A tristeza de ter sido expatriado e a negação do retorno os deixavam cabisbaixos, porque se tratava de seres humanos que, como qualquer pessoa, gostam de sentirem-se confortáveis onde se encontram.

Trindade compara os cativos à poesia. Para ele, esta palavra carrega o verdadeiro significado do “ser negro”. Octavio Paz nos diz que:

> A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo. A poesia revela este mundo; cria outro. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Expressão histórica de raças, nações, classes. Experiência, sentimento, emoção, intuição (PAZ, 1982, p. 15).

Apropriando-nos das palavras de Octavio Paz e contextualizando-as com os versos analisados, percebemos uma ligação que nos ajuda a compreender a trajetória do negro brasileiro enquanto indivíduo que luta para que possa ser aceito e faça parte do seu meio social, estando nas reivindicações por melhorias, nas lutas pela democracia, ou como militante das lutas de classe. A provocação feita nesta citação nos leva ao entendimento da poesia enquanto escrita de resistência e capaz de oferecer mudanças, ou como um meio que apresenta reclamações das fraquezas presentes na atualidade; sobretudo, não podemos deixar de encará-la como uma "viagem de regresso", em outro sentido, configura-se como expressão da vida humana, desvela o amor, o ódio, o não dito.

Os últimos versos do poema declaram o enaltecimento do povo diaspórico (Lá vem o navio negreiro/Cheinho de inteligência). Neles tanto percebemos a exaltação dos negros, quanto uma crítica às teorias raciais, que contestavam a sabedoria destes homens, mostrando-os como indivíduos menos favorecidos de intelectualidade e atentatórias à utilidade destes para a sociedade, constrangendo-os e tratando-os com rispidez, com um julgamento incerto, baseado em critérios precipitados, os quais estavam sob o controle da burguesia inconformada.

Este poema é um exemplo da subversão de padrões, por demonstrar resistência não só relacionada à estrutura textual, mas por tecer outra leitura sobre a chegada dos cativos. O que sabemos está restrito à dor, menosprezo, fome, ao negro subjugado, mas o poeta quebra com esta idealização do sofrimento, mostrando o outro lado, negros com muitos ensinamentos a serem revelados.

A respeito das teorias raciais no Brasil, de acordo com as afirmações de Schwarcz, em **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930 (1993), justificavam-se por estar ligadas ao projeto de modernidade da sociedade, com a ideia de tornar o Estado brasileiro influente entre as potências mundiais, sobretudo de formar um país respeitado e que pudesse atuar nas discussões político-governamentais do mundo. No que compete às teorias, a modernização do Estado brasileiro encontrava-se comprometida por ter provado do processo de miscigenação racial, o que o deixava em situação desfavorável por se tratar de um país que se envolveu com o povo negro, visto como inferior.

Partindo dessa concepção, existiam propósitos que sustentavam seus argumentos: enaltecer a existência de um grupo social puro, o que se compreende como não se sujeitar ao envolvimento miscigenado e ter o processo de mestiçagem

como sinônimo de degeneração não só referente à questão racial, mas também ao que concerne ao contexto social (SCHWARCZ, 1993). A leitura que fazemos dessas afirmativas nos impele à compreensão de que se pretendia fazer uma higienização da sociedade brasileira e eliminar a presença dos negros, tornando um Estado com uma realidade mais próxima da forma de organização social europeia.

No contexto do século XIII, duas correntes são destacadas no cenário intelectual, uma baseada nos critérios humanísticos, herdeira dos ideais franceses: liberdade, fraternidade e igualdade, que naturalizavam a igualdade entre as pessoas, identificada como monogenista. Em contrapartida, tinha-se a poligenista, enfatizando as doutrinas racistas, que reinaram no século XIX, estabelecendo diferenças entre os homens relacionadas à genética dos indivíduos, às aptidões intelectuais e inclinações morais (SCHWARCZ, 1993).

A partir da concepção poligenista, as teorias raciais se fortaleceram no século XIX, sendo responsáveis por oportunizar a discussão de uma raça inferior a outra. A desigualdade entre pessoas torna-se um conteúdo político no imaginário social brasileiro. Estando presente em jornais, livros, estudos acadêmicos, há toda uma propagação para mostrar que a relação entre pessoas de grupos étnicos diferentes é algo prejudicial para o desenvolvimento de uma sociedade, isso é o que tais teorias pregavam.

O conde de Gobineau foi o primeiro e principal nome nesse sentido, publicou **Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas** (1854), acreditando que essa desigualdade não era uma questão absoluta e sim um produto ligado ao fenômeno da miscigenação. Em sua estadia no Brasil manteve uma relação direta com D. Pedro II, justamente para expor seus pensamentos relativos à superioridade da raça ariana e à degeneração provocada pela mestiçagem, propondo uma política de “cura” social para o Brasil, eliminando aqueles carentes de civilização e impossibilitados de alcançá-las:

> Se admitimos que um número muito importante de seres humanos tem estado, e estará para sempre, impossibilitado de realizar mesmo um primeiro passo na direção da civilização [...], estamos induzidos a concluir que uma parte da humanidade é, nela mesma, impotente para jamais se civilizar, porque ela é incapaz de vencer as repugnâncias naturais que o homem, como os animais, experimenta contra o cruzamento (GOBINEAU apud PETRUCCELLI, 1996, p. 135-136).

A teoria evolucionista é outro paradigma para as discussões raciais. O evolucionismo é discutido por Charles Darwin em **A origem das espécies**, obra publicada em 1859. As investigações a respeito do conceito de raça tomam outros direcionamentos, ultrapassando a problemática biológica e adentrando nas questões de cunho político e cultural.

A perspectiva de Darwin embasada em termos como competição, seleção do mais forte, evolução da espécie e hereditariedade, serviu para justificar o domínio do território ocidental sobre os demais povos, ou seja, o Darwinismo social aliado à antropologia e à etnografia do século XIX ajudaram a construir a ideia de “missão civilizatória” das potências imperialistas. Atribuindo que o mais forte sobrevive por ser mais capaz e ao vencido lhe cabe a posição de dominado em consequência de sua fraqueza, por ser menos forte e adaptado.

Outra teoria abordada foi o dogma da pureza de raça, denominada de eugenia, transformando-se em um ideal das nações totalitárias. No Brasil, a aplicabilidade da “ciência eugênica” serviria para salvar a nação, já que em seus pressupostos admitia-se a ideia de que os caracteres mentais, principalmente no que corresponde à inteligência, eram hereditários, assim como os aspectos físicos. Então, a eugenia torna-se um plano para se fazer uma limpeza biológica, cultural e social, pretendido com a proibição do casamento interracial e da reprodução entre populações distintas.

A pretensão do governo era controlar a vida através de uma estratégia biopolítica porque, a partir do momento em que se tem essa intervenção no envolvimento entre pessoas de grupos étnicos diferentes, para os adeptos das experiências eugênicas, podia-se selecionar “cientificamente” os mais puros e eliminar os que simbolizavam perigo, e o produto (o indivíduo) seria o “modelo de homem ideal e de boa moral”, segundo Carneiro (1994).

Essas são algumas das teorias racistas de cunho científico que estiveram na realidade brasileira para assegurar o lugar dos dominantes. Suas discussões não estão condicionadas ao ano de 1888, mas percebemos que, desde as primeiras décadas do século XIX, tais argumentos vinham sendo cogitados para que o autoritarismo cultural não viesse a ser questionado e a elite não sofresse possíveis desconfortos.

Retornando ao poema “Navio negreiro”, considerado um poema historiográfico, nos são propostos três momentos cruciais para a formação da comunidade negra e, consequentemente, para a descendência africana nas terras brasileiras: O primeiro nos remonta a partida do negro, o seu aprisionamento, a ruptura do sentimento de pertença, que nos faz pensar no deslocamento, e que, em algum momento, exigirá o apagamento de um passado sem volta.

O segundo momento nos possibilita refletir sobre o entre-mar, os esquemas realizados a partir do escravagismo e como ele era desenvolvido na África com resultado no Brasil. Nessa lógica tem todo o percurso sobre as águas do Atlântico, mostrando-nos que há um comércio de muito valor, mas que o próprio produto comercializado não era tratado devidamente.

Aqui abrimos um parêntese para destacar a fluidez das relações humanas, em que a busca e permanência do status social era colocado em primeiro plano, já que a cultura da época valorizava o domínio sobre o outro, como foi mencionado na discussão sobre as teorias racistas. A respeito dessa tentativa de camuflagem, Brand propõe:

> Alguém tinha a ideia de que algum ser tinha que ser apagado e outro cultivado. Nem nossos sonhos estavam livres desse conflito. Nós flutuávamos numa ilha imaginária, imaginando um “Continente Negro”, era uma fonte de negação e abraço inadequado. O ser africano tão duradouro embora aterrorizante, porque foi informado pelas imagens coloniais do africano como selvagem e não por nada conjurado em nossas memórias (BRAND, 2002, p. 17).

Essa citação demonstra a despreocupação do dominador e sua relação com aqueles que estavam sobre seus desígnios. Se o cativo sentindo o peso das correntes tentava aliviar suas angústias sonhando com uma nova terra, com uma vivência harmoniosa, mesmo sabendo que iria ser explorado, quando as “portas” do Brasil eram abertas percebiam o impacto do olhar extraviado, da cobrança da submissão e do tratamento animalizado, encarados como selvagens.

O terceiro ponto está associado à chegada e a vivência dos africanos no Brasil, encarando até mesmo o silêncio como uma alternativa para combater o rival. O silenciamento mencionado não condiz com uma aceitação do regime imposto, mas foi adotado como uma estratégia de resistência em algumas situações pelos cativos.

Já em outros momentos foi preciso gritar, partir para a batalha, colocar-se à frente do inimigo. Outra questão exposta por Trindade é a generosidade dos seus ancestrais, a riqueza cultural que eles nos deixaram como herança, discorrendo sobre a inteligência de um povo que, ao invés de permanecer distante do seu algoz, até hoje procura viver na cordialidade em busca de seus direitos. Sobre essa retomada histórica que Solano Trindade faz, Zilá Bernd atribui:

> A marca registrada da poesia de Solano Trindade será a obsessão da reconstituição histórica, revelando a caminhada do poeta do conformismo à resistência. Devolver ao negro o orgulho de sua ancestralidade e ressignificar palavras estigmatizadas como navio-negreiro, transformando seu sentido histórico em referenciais positivos, parece ser a intenção primeira do poeta (BERND, 1988, p. 89).

No poema a seguir também é notório esse olhar direcionado à África, uma terra que para o poeta não poderá ser tomada pelo esquecimento:

CONGO

Pingo de chuva,
Que pinga,
Que pinga,
Pinga de leve
No meu coração
Pingo de chuva
Tu lembras a canção
Que um preto cansado,
Cantou para mim,
Pingo de chuva,
A canção é assim

Congo meu Congo
Aonde nasci
Jamais voltarei
Disto bem sei
Congo meu Congo
Aonde nasci...

(TRINDADE, 2007, p. 145).

“Congo” é um poema composto por duas estrofes, uma com onze e a outra com seis versos de compasso diferente. O título é uma demonstração dessa recordação do local de origem. Nos versos percebemos a insistência do poeta ao

reportar-se à sua ascedência através da repetição da sílaba “pin”, que se dá de maneira gradativa. Congo é comparado ao pingo de chuva, que, por sua vez, assemelha-se às lembranças do eu-lírico, fortalecidas em seu coração, mas que, com o tempo, começam a “pingar de leve”, ou seja, a volta para a terra natal já não é possível.

O não retorno torna-se uma canção, proferida por um “preto cansado”, figura que simboliza a experiência e a luta nestas terras longínquas:

> Congo meu Congo
> Aonde nasci
> Jamais voltarei
> Disto bem sei
> Congo meu Congo
> Aonde nasci...
>
> (TRINDADE, 2007, p. 145).

O poeta finaliza com o lamento, o canto inferente ao regresso impossível, representando o desejo de muitos homens e mulheres negras que regavam em seus corações a esperança de um dia voltar aos braços da mãe África, no entanto, eram confrontados pela certeza deste sonho nunca ser concretizado.

3.2 UMA IDENTIDADE ROUBADA: AUTOAFIRMAÇÃO E AUTOBIOGRAFIA DO NEGRO

ORGULHO NEGRO

Eu tenho orgulho de ser filho de escravo...
Tronco, senzala, chicote,
gritos, choros, gemidos,
oh! que ritmos suaves,
oh! como essas coisas soam bem
nos meus ouvidos...
Eu tenho orgulho em ser filho de escravo...

(TRINDADE, 1988, p. 09)

Quando falamos de questões identitárias presentes na obra de Solano Trindade, nós precisamos levar em consideração tanto as particularidades do homem negro, como aludir à construção cultural da sociedade brasileira na qual ele está inserido. O que pretendemos com este tópico é uma discussão referente às

singularidades que a comunidade negra traz em seu cotidiano, presentes na sua história e mostrar como essa identidade foi amalgamada no cenário social brasileiro.

No tópico anterior, dedicado à memória ancestral, analisamos poemas que versam sobre a herança cultural trazida e partilhada pelos africanos, sobretudo, para intensificar a resistência desse povo contra a história proferida, sob o jugo do totalitarismo elitista, que implica em um único discurso, o que quer dizer que a história dos negros foi divulgada a partir da concepção do homem branco. Sobre este posicionamento Bernd discorre:

> Tal postura traz, como consequência lógica, o desprezo pelas culturas do País, manifestando-se pela negação da alteridade do negro e do índio que são degradados ao estatuto de objeto. O discurso desses segmentos autóctones é sequestrado pelos dominadores, pois deixar falar o outro, citar o discurso do outro, é uma operação perigosa: implica em correr o risco de renunciar a posição de sujeito. Esse risco a classe dominante brasileira não estava disposta a correr (BERND, 2011, p. 94).

Não iremos nos deter nesta abordagem pelo fato de já ter sido discutida em outro momento e ser recorrente na pesquisa. Ao evidenciar a identidade negra, retomamos as discussões sobre ancestralidade e resistência, porque a herança cultural está associada a essa construção identitária individual e coletiva. Além de nos reportarmos a estes conteúdos, também destacamos dois pontos: a autoafirmação e a autobiografia como processo de exposição afirmativa do “ser negro” na literatura brasileira, objeto de reivindicação dessa identidade roubada e o reconhecimento da alteridade.

Ainda sobre a reverberação do movimento da Negritude no nosso país, torna-se importante registrar que a necessidade de construir uma identidade negra que reabilitasse não só a cultura, mas a história e a religiosidade afro-brasileiras foi uma característica fundamental desse projeto de apoio à comunidade marginalizada. Para tanto, buscou-se evidenciar as potencialidades do negro, que foram submetidas à negação e ao apagamento pelas ideologias totalizadoras.

Na perspectiva sociológica, podemos compreender a identidade como um processo de construção social, dotado de significados e experiências que registram a realidade de um povo. Para Manuel Castells:

> Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (CASTELLS, 2002, p. 23).

A proposta de Castells, no tocante à identidade coletiva, é ressaltar que nessa construção há uma relação de poder entre as identidades individuais e as culturas legitimadoras introduzidas pelas instituições hegemônicas. Com a insurgência dos novos discursos, estes posicionamentos passam a ser refutados e questionados por recusarem uma sociedade heterogênea. No que concerne à identidade negra no Brasil, foi preciso rever elementos por estar ligados às relações de dominação e poder, o que podemos chamar de metamorfose cultural, como denomina Hall (2015).

Nos estudos que Stuart Hall faz sobre a questão identitária, especificamente no ensaio **A identidade cultural na pós-modernidade**, afirma-se que o “eu” de cada indivíduo está passível de transformações em decorrência do processo de globalização. A modernização da sociedade tem dado margem ao reconhecimento da diversidade que, outrora, sofria com a proposta de padronizar os sujeitos sociais com uma visão etnocêntrica.

É nessa lógica que Solano Trindade cria seus poemas, tornando-os suas armas para decentralizar “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social”, colocando em declínio o sujeito unificado (HALL, 2015), e isso implica uma reversão de papéis. Trazendo para o contexto brasileiro, no tocante à poética de Trindade, há uma batalha do afrodescendente para acentuar seu lugar de pertencimento na cultura brasileira. Para isso, é preciso libertar-se da imagem criada pelo colonizador:

> É preciso desembaraçar-se dessa imagem acusadora e aniquiladora, é preciso atacar de frente a opressão, já que é impossível contorná-la. Após ter sido por tanto tempo recusado pelo colonizador, chega o dia em que é o colonizado que recusa o colonizador (MEMMI, 1967 apud SANTOS, 2009, p. 90).

Afirmar-se negro tornou-se uma necessidade do poeta afro-brasileiro, já que quase um século depois da abolição não se tinha uma divulgação significativa da

beleza negra, da valorização da cultura afrodescendente. Na literatura não era diferente. Como já mencionamos, os primeiros negros a escrever expunham uma escrita dedicada ao lamento e registram o ressentimento por terem sofrido com os descasos inferidos pelo regime escravocrata, o que para Damasceno (1988) tem seu lado negativo, por não apresentarem uma reivindicação, ao contrário dos poetas que a autora trata como conscientes e originais, atuantes em uma perspectiva de representatividade, "sendo conscientes dos problemas e das lutas, até hoje não terminada, de um povo a qual sempre foi negada uma solução digna para seus interesses vitais". Vejamos o poema a seguir:

NOVO RUMO!

"Negro preto cor da noite",
nunca te esqueças do açoite
que cruciou tua raça.
Em nome dela somente
faze com que nossa gente
um dia gente se faça.

Negro preto, negro preto,
sê tu um homem direito
como um cordel posto a prumo!
É só do teu proceder
Que, por certo, há de nascer
a estrela do novo rumo.

(GUEDES, 1932 apud DAMASCENO, 1988, p.70).

O poema acima citado faz parte do livro **Negro preto cor da noite**, criado em 1932 por Lino Guedes, reproduzindo a condição do negro brasileiro e, de certa forma, aconselhando os ex-escravos e seus descendentes a como se portar para obter alguma ascensão de acordo com as normas sociais estabelecidas. Oswaldo de Camargo (1987) chama a atenção para o fato de que apesar de Lino Guedes ser um poeta negro brasileiro, que tentou expressar a alma de sua raça, em seu universo poético "não há ainda espaço para um 'eu' que se afirme negro. Em outras palavras, falta-lhe a necessária assertividade racial para assumir a sua negritude e manifestá-la poeticamente. Lino Guedes sente-se mais à vontade no lamento". Seu objetivo maior era demonstrar a situação da comunidade negra no Brasil:

SOU NEGRO

À Dione Silva

Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs.

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu o pau comeu
Não foi um pai João
Humilde e manso.

Mesmo vovô
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
O samba
O batuque
O bamboleio
E o desejo de libertação...

(TRINDADE, 1981, p. 32).

O eu-lírico se compõe de um poema com estrofes irregulares e versos livres para enfatizar esse desejo de autoafirmação identitária. Dizer-se negro é uma maneira de resistir aos estereótipos e contrapor a história inventada sobre os afrodescendentes. Além de o poeta externar suas origens, há uma aceitação de sua ascendência, demonstrando orgulhar-se de sua trajetória de vida, e ao invés do lamento, escolhe a valorização da cultura dos seus ancestrais.

O poema se constrói tanto no plano coletivo quanto individual, pois quando ocorre essa apresentação do querer-se negro, de afirmar com positividade o seu legado, Trindade se apropria dos discursos de outras pessoas, que reivindicam seus

direitos e assumem a memória do seu povo sem o medo de serem barradas pelo preconceito.

“Sou Negro” ocupa um lugar de destaque nesta poética e, podemos dizer, até mesmo na Literatura afro-brasileira, justamente por nos apresentar uma reflexão política, já que na época de sua publicação existia uma alusão aos padrões de beleza e, consequentemente, os negros não se encontravam nestes requisitos. O caráter político inferido ao poema em destaque também nos recorda o momento de transição pela qual passava esta vertente da Literatura Brasileira, destacando que antes se procurava expor a situação da comunidade negra do nosso país, os atritos que assolavam esse povo e a rejeição social, *a posteriori*, encontramos uma revisão deste discurso, em que não se está mais preso às lamúrias.

Procurando reverter o quadro de instabilidade que ainda reflete o escravismo, autores negros como Solano Trindade dão o devido merecimento à comunidade social na qual estão inseridos. Orgulhar-se de sua cor é dizer sim à memória do seu povo, esquecer o passado, para o eu-lírico, não é garantia de ascensão social, pelo contrário, não passa de uma frágil tentativa de minimizar as cicatrizes provocadas pelo autoritarismo.

A primeira e a segunda estrofes ratificam esse empoderamento do eu-lírico que se quer negro. A voz poética parece estar em um diálogo enunciando que suas origens são da África, seus avós foram queimados pelo sol de lá, receberam as bênçãos dos orixás e, como legado, deixaram a alegria, a música, a dança (minh’alma recebeu o batismo dos tambores/atabaques, gonguês e agogôs).

Mesmo ouvindo que seus avós vieram de suas terras como mercadoria de pouco valor, quando eles aqui chegaram mostraram suas forças, enriqueceram cada vez mais os donos dos engenhos e deram suas contribuições para a cultura do dominador (fundaram o primeiro Maracatu). Não há lugar no poema para o sofrimento, o orgulho de sua cor é recorrente nos versos, sem contar na firmeza quando se diz: sou negro (eu).

Nós encontramos tanto uma aceitação (afirmação) pessoal, quanto o apelo à sociedade para assumir outra abordagem em relação ao negro, chamando a atenção até mesmo dessas pessoas que, por algum motivo, tentam se esquivar de seus antecedentes, envergonhando-se de sua história:

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu o pau comeu
Não foi um pai João
Humilde e manso.

Mesmo vovô
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
O samba
O batuque
O bamboleio
E o desejo de libertação...

(TRINDADE, 1981, p. 32).

As últimas estrofes vêm para justificar o porquê de os negros não se distanciarem de sua ascendência. Se na cultura ocidental, nos costumes e na história do homem branco encontram-se episódios que manifestam o heroísmo de seu povo, na trajetória de vida da população negra brasileira não é diferente, existem personagens que demonstraram resistência e lutaram para que seus irmãos vivessem com dignidade, mesmo que, ao final, suas vidas tenham sido ceifadas, mas trouxeram honra e fizeram justiça.

Mais uma vez Zumbi é exortado pelo poeta, modelo histórico de homem a quem os negros devem seguir, cuja valentia será eternizada. A memória inferente ao guerreiro de Palmares está associada à liberdade de poder andar com a cabeça erguida, a autoestima afro-brasileira e o sonho da igualdade racial. Em um momento de dificuldades e repreensão social, como foi no Brasil Colônia, o herói quilombola se manifesta contra as autoridades.

Outro fato que nos remete ao heroísmo negro no Brasil é a Revolta dos Malês. Esta rebelião ocorre entre os dias 25 e 27 de janeiro de 1835, na cidade de Salvador, sendo causada por africanos muçulmanos que desempenhavam atividades livres, também conhecidos como escravos de ganho.

Os revoltosos saíram pelas ruas da cidade aos gritos, tentando alcançar o maior número de negros. Não só os Malês estiveram envolvidos, outros escravos de diferentes grupos étnicos e religiosos foram mobilizados e acompanharam o

movimento dos negros de tradições islâmicas. Traídos por uma mulher que contou o plano da revolta para um Juiz de Paz de Salvador, a rebelião foi combatida. Os soldados cercaram os revolucionários africanos na região da Água dos Meninos logo após alguns massacres.

No conflito cerca de sete soldados e setenta rebeldes vieram a óbito, outros prováveis duzentos integrantes da revolta foram presos pelas forças oficiais. Seus líderes foram condenados à pena de morte, os outros foram coagidos a açoites, trabalhos forçados e degredo.

O plano do movimento foi todo escrito em árabe e as causas para esta rebelião surgem da insatisfação com a escravidão africana, principalmente com a imposição do catolicismo e o preconceito contra os negros, impedindo-lhes de ascender socialmente. Os revoltosos tinham o objetivo de libertar os escravos, acabar com o catolicismo enquanto religião oficial e dominante, confiscar os bens dos brancos e mulatos, além do desejo de implantar uma república islâmica.

Mesmo tendo a Revolta dos Malês sido debelada, o governo da província baiana decreta leis e proíbe a circulação de muçulmanos durante a noite, além de privá-los de suas cerimônias religiosas, na tentativa de evitar outras possíveis revoltas. Esta foi uma das principais ações reivindicatórias dos negros no século XIX.

Solano Trindade menciona a recorrência destes episódios de reivindicação social em “Sou Negro”, com o intuito de que percebamos que a essência da comunidade afro-brasileira está apoiada no determinismo negro e nos mecanismos de resistência:

> Na minh’alma ficou
> O samba
> O batuque
> O bamboleio
> E o desejo de libertação...
>
> (TRINDADE, 1981, p. 32).

No mais, está expressa a satisfação do eu-lírico em pertencer a um grupo social que tem uma história de vida fundamentada no enfrentamento do opressor, mas é a alegria que identifica este povo. Por isso, o engajamento de Trindade em diversos grupos culturais que exploram a música e a dança popular, incitando o conhecimento de tradições folclóricas do Brasil, que até hoje são cultivadas e

desenvolvidas por seus familiares, principalmente por sua filha Raquel Trindade, para quem dedicou o poema “Canto da esperança”:

POEMA AUTOBIOGRÁFICO

Quando eu nasci,
meu pai batia sola,
minha mãe pisava milho no pilão,
para o angu das manhãs...
Portanto eu venho da massa,
eu sou um trabalhador...

Ouvi o ritmo das máquinas,
e o borbulhar das caldeiras...
Obedeci o chamado das sirenes...
Morei num mucambo do “Bode”,
e hoje moro num barraco na Saúde...
Não mudei nada...

(TRINDADE, 1988, p. 17).

Sob o liame da afirmação identitária, surgem os poemas que trazem uma abordagem autobiográfica. O eu-enunciador apresenta traços do seu cotidiano. Com o intuito de cada vez mais demonstrar sua satisfação em ter uma vida enraizada no contexto afro-brasileiro, o poeta negro analisado dá um tom confessional à sua escritura, proporcionando ao leitor o conhecimento de sua trajetória através da literatura que, neste caso, poderemos conceitura como “confessional ou de testemunho”.

Essa concepção literária passa a ser discutida principalmente no período contemporâneo, onde a escrita de si torna-se um fenômeno frequente. Os textos são apresentados em prosa ou em versos, estes considerados em menor número. Relacionamos a poética autobiográfica Trindadiana com os estudos desenvolvidos por Philippe Lejeune (1975), no que tange à originalidade do texto autobiográfico como uma representação da identidade, memória do eu (poeta) e à existência de um pacto com o leitor, através das informações providas. Seguindo este pensamento temos uma relação entre vida e literatura. Octavio Paz (1982) nos ajuda a esclarecer essas afirmações quando disserta que o homem não é capaz de se separar das palavras e, sem elas, torna-se inapreensível, pois é um ser de palavras. E a palavra é o próprio homem.

“Poema autobiográfico” se dá em primeira pessoa, com versos irregulares e livres, possui uma linguagem singela, de fácil compreensão. Remonta à vida simples de Solano Trindade, evocando a memória de seus pais e o quanto eles batalharam para criá-lo. Faz alusão às atividades que seu Manuel Abílio e dona Emerenciana desempenharam no dia a dia: ele, enquanto sapateiro, e a mãe na função de quituteira e dona de casa.

O eu-lírico apresenta-nos uma história de vida que não está inserida em um contexto luxuoso, pelo contrário, sua realidade é semelhante a de outras pessoas que passam por dificuldades e moram em espaços periféricos, enfatizada nos versos: Portanto eu venho da massa/ eu sou um trabalhador/ Morei num mucambo do “Bode”/ e hoje moro num barraco na “Saúde” (TRINDADE, 1988):

POESIA DOMÉSTICA

Para Maria Margarida Trindade

O meu filho Liberto
É um grande músico
Faz um canudo de papel
E toca coisas
Que me agradam
O seu ritmo é simples
Como a vida
Que eu desejo viver.

A minha filha Raquel
Está com um vestido Azul
Da cor da pintura da varanda
Da casa onde eu moro.
Godiva, a minha outra filha,
Brinca silenciosamente
Com pedaços de pano.

A minha mulher
Espera
O seu novo filho.

A minha sala é pintada
À cor de rosa
E o meu quarto
É de um verde claro.
Só a cozinha
É de vermelho e creme
Mas é na cozinha que está o melhor
O feijão com lombo de porco
E arroz.

A minha estante
É um caixão de cebola
E são poucos os livros
Que eu possuo.

Mas eu tenho um jardim
Que dá flores coloridas
E o cachorro do vizinho
Dá guarda à minha casa
E me festeja
Quando eu chego da luta.

(TRINDADE, 1981, p. 67-68).

No poema citado encontramos Trindade já na fase adulta. “Poesia doméstica” é dedicado a sua esposa Maria Margarida, e narra episódios da intimidade familiar do enunciador enquanto um homem casado, pai e comprometido com sua família. A composição poética se estrutura em sete estrofes irregulares, e os versos possuem uma pontuação escassa, sendo definidos pela métrica textual, ou seja, a finalização de um verso se dá quando o outro se inicia, e não pela pontuação como estamos acostumados a ver, e por apresentarem letras maiúsculas.

Os filhos do militante negro pernambucano nos são apresentados. O primeiro deles, Liberto, é visto como um “grande músico”, que cativa com sua generosidade a tocar coisas que agradam. Raquel, a segunda filha mencionada, que participou ao lado de seu pai de viagens, grupos folclóricos e nos programas culturais, hoje em dia trabalha com os ensinamentos e legado deixado por Trindade. Os versos (Está com um vestido azul/ Da cor da pintura da varanda) também nos remete à função de artista plástica que Raquel exerce.

Na sequência, aparece Godiva, sua outra filha, que brinca com pedaços de pano, levando-nos a pensar na humilde condição em que a família vivia. Com dificuldades financeiras, desfrutava de pouco poder aquisitivo. Sem dinheiro para comprar bonecas enfeitadas e cheias de adereços, Godiva brinca em silêncio, sem perder a ingenuidade da infância.

Ao dizer que sua mulher espera seu novo filho, Solano Trindade está falando da vinda de Francisco, o quarto filho do casamento com Margarida. Também descreve a sua casa, que não tem muitas mobílias, inclusive seus poucos livros estão agasalhados sobre um caixote, mas que, apesar de tudo, considera-se um homem feliz, pois na sua casa tem um jardim e nele nascem coloridas flores.

3.3 A METÁFORA DO TREM SUJO DA LEOPOLDINA

TEM GENTE COM FOME

Trem sujo da Leopoldina,
Correndo, correndo,
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome...

Piiiiii!
Estação de Caxias,
De novo a correr,
De novo a dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome...

Vigário Geral
Lucas, Cordovil,
Braz de Pina
Penha Circular,
Estação da Penha,
Olaria, Ramos,
Bom Sucesso,
Carlos Chagas
Triagem, Mauá,
Trem sujo da Leopoldina,
Correndo correndo
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome...
Tantas caras tristes,
Querendo chegar,
Em algum destino,
Em algum lugar...

Trem sujo da Leopoldina
Correndo correndo,
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome.

Só nas estações,
Quando vai parando,
Lentamente,
Começa a dizer:
Se tem gente com fome,
Dai de comer...
Se tem gente com fome,
Dai de comer...

Mas o freio de ar,
Todo autoritário,
Manda o trem calar:
Psiuuuuu...

(TRINDADE, 2007, p. 58-60).

“Tem gente com fome” é mais um poema que Solano Trindade usa para denotar suas experiências vividas. Tendo em vista que quando morava no Rio de Janeiro, “todos os dias tomava um trem de subúrbio para Caxias, e essa vida de vai e vem calou tanto em seu espírito que sua poesia chegou a adquirir um ritmo de trem correndo nos trilhos” (FREITAS IN: TRINDADE, 1981, p.14). Os recursos estilísticos, como a repetição e a onomatopeia, predominam na linguagem poética utilizada, metaforizando os sentimentos e as expressões de cansaço das pessoas que precisam do trem para chegar aos seus trabalhos e depois retornarem aos seus leitos.

São utilizadas cinco estrofes com uma construção livre, podemos ratificar esta afirmativa quando analisamos que todas as estrofes possuem números de versos diferentes, sem seguir um padrão. Além de constatarmos rimas diversificadas, com distinção do último trecho, onde iremos encontrar a alternância das rimas, apresentando um esquema “ABAB”.

É notório que esse trem não é qualquer um, ele é sujo, é da Leopoldina. O vocabulário “sujo” remete-nos aos trabalhadores operários que passam o dia realizando suas atividades nas periferias das cidades pelas quais o trem circulava. O eu-lírico apresenta-se como um repórter a colher informações nas áreas marginais que compreendem o percurso realizado por ele, cotidianamente, ao entrar no “Trem sujo da Leopoldina”.

A locomotiva está em movimento, representada pela falta de pontuação principalmente entre os verbos “correndo correndo”, sugerindo rapidez. A expressão “Tem gente com fome” é enfatizada, denunciando que a bordo estão pessoas famintas por serem submetidas às atividades que exigem um maior esforço físico, deixando-as fragilizadas e, mesmo depois de um dia estressante, tem que aguentar o sacolejo do trem, em alguns casos, com uma longa jornada de viagem até chegar ao destino final.

O poema denuncia o sistema político, recriminando as injustiças sociais que assolam a classe pobre, fazendo-a massa de manobra nas mãos dos governantes

que ficam mais ricos a cada dia, resultando na desigualdade social e em uma distribuição de renda gerida pelo egoísmo, abrangendo a miserabilidade por vários lugares, principalmente no período em que o poema foi escrito, sendo uma das preocupações do século XX e que até hoje é discutida.

Lembrando que as pessoas tanto estão dentro do trem quanto fora dele, suas similitudes são definidas principalmente por pertencerem a um grupo marginalizado e que está sujeito ao autoritarismo da elite, relegado à imposição do sistema excludente e, por fim, sentenciado ao silêncio.

Na década de 70, o poema “Tem gente com fome” ganha uma versão musicada por João Ricardo, mas teve sua divulgação proibida pela ditadura militar. O poema-canção só veio a público em 1979, com a interpretação de Ney Matogrosso, no álbum *Seu Tipo.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa surgiram reflexões acerca da Literatura como oportunidade de o negro expressar suas vivências, sem estar sujeito à perspectiva do discurso homogêneo. O afrodescendente toma a palavra escrita para narrar sua trajetória e ressignificar o discurso histórico, pois este, algumas vezes, apresenta a população negra regrada por estereótipos e termos pejorativos, marginalizando-a, furtando-lhe do seu devido valor.

A valorização da cultura africana na diáspora é, principalmente, reconhecer a importância que os africanos, no tocante aos cativos que forçadamente para o Brasil vieram, e, consequentemente, sua ascendência têm para a formação do imaginário social brasileiro. A memória ancestral é o caminho que nos leva à África, no decorrer deste percurso podemos revisitar fatos que marcam a História do Brasil, sua formação e a dominação do povo africano, rendido ao escravismo.

O sistema escravocrata é abordado por estar relacionado à população negra, pois sabemos que esta foi a mais atingida pela indiferença e desigualdade originada do regime segregacionista estabelecido no período colonial. A política de exclusão nos primeiros séculos do Brasil deixou vestígios, pois nos dias atuais conseguimos ver discursos que reproduzem o preconceito.

Discutir sobre a Literatura e, como temática principal, o negro, reporta-nos à discriminação racial e os mecanismos de poder que assolam a “minoria”. Os contrastes que subsidiaram os séculos de escravidão humana deixaram-nos o legado da não aceitação do “outro”. A hegemonia do homem não negro foi o pilar para a cultura de dominação, pois apropriar-se do “corpo negro” rendeu poder aquisitivo e ascensão social.

Os registros literários concernentes ao período de exclusão dos cativos e, *a posteriori*, dos seus descendentes, em sua maioria retratam o negro como figura animalizada, na posição de objeto. Diferente da abordagem feita pela Literatura Afro-brasileira, principalmente a que é desenvolvida no século XX, com destaque para a produção literária do poeta Solano Trindade.

As leituras realizadas para fundamentar esta pesquisa propuseram analisar a poesia e o movimento de resistência do negro. Os poemas negros de Solano Trindade desafiam o opressor, tornando-se um grito pela liberdade. O apelo para o reconhecimento da negritude é enfaticamente abordado na sua poética, através de

figuras históricas como Zumbi dos Palmares, herói dos quilombolas e referência para os que precisam resistir nos dias atuais.

Em contrapartida aos feitos emanados do racismo surgem os poemas de Trindade para apresentar o negro em outra situação. É notória uma política de afirmação identitária que contribui para a disseminação da cultura afro-brasileira. O eu-lírico encontra-se como sujeito de suas próprias experiências.

Foi apresentado que Solano Trindade acompanhava a cultura folclórica, tinha conhecimento do que particularizava as experiências do povo simples. Portanto, o enunciador não falava do “outro”, mas de seu próprio cotidiano. Retratava sua vida com poucas regalias, e de quanto era recompensado por estar à frente das lutas por igualdade de direitos.

A criação do Movimento Negro no Brasil não está condicionada ao ressentimento, surge para apoiar os marginalizados. A luta não é de pessoas contra pessoas, embora algumas acabassem por seguir os ideais do totalitarismo burguês, é contra o sistema de governo que obriga os sujeitos sociais a assumirem posturas vinculadas à inferiorização do que é denominado exótico.

A cultura autóctone sofreu com as investidas do etnocentrismo. O intelectual negro abordado nesta pesquisa faz uma leitura desse rompimento com a homogeneidade. Solano Trindade estava além do seu tempo, pois, nas primeiras décadas do século XX, era forte o sentimento de inferiorização do afrodescendente, mas o desejo de alcançar a população negra sendo valorizada e reconhecida por tudo que tem feito pelo Brasil dá-lhe fôlego para resistir à aristocracia.

Comungamos do que Manuel Bandeira menciona sobre a poesia de Solano Trindade, chamando-a de proletária (TRINDADE, 1988), por enfatizar o trabalhador brasileiro nos versos e discutir sobre a situação de grupos periféricos.

O “poeta popular” busca ressignificar a identidade negra saqueada pela elite, em favor da independência cultural, exaltando a memória africana. **Cantares ao meu povo** é a tomada de consciência que podemos denominar de negritude. No mais, destacamos a importância de desenvolver uma pesquisa que se constrói a partir do discurso oriundo da resistência, principalmente nos dias atuais, pois a democracia está transgredida pela elite opressora.

Os capítulos desta pesquisa foram desenvolvidos para que pudéssemos responder a alguns questionamentos sobre a presença do negro no Brasil e sua relação com a arte literária. As análises foram feitas a partir do protagonismo afro-

brasileiro, possibilitando uma leitura do indivíduo marginalizado enquanto objeto temático e, *a posteriori*, como autor e sujeito do seu próprio discurso.

No primeiro capítulo conseguimos desenvolver um estudo sobre a Literatura, apresentando-a como um meio de expressão da realidade social e oportunidade de conhecer as transformações históricas inerentes à evolução da sociedade. Enfatizando a negritude atrelada à vertente literária afro-brasileira, pois a discussão nos possibilitou reconhecer o “negro escrito” em momentos distintos no cenário literário brasileiro.

Apresentar os mecanismos de resistência negra foi o propósito do segundo capítulo, principalmente os que estão atrelados à figura de Zumbi. Conseguimos, neste segundo momento da pesquisa, refletir sobre a construção de Palmares e seu representante maior, conhecido como o “Rei Negro do Brasil”. As análises puderam ser realizadas a partir dos poemas “Zumbi” e “Canto dos Palmares”, este exposto como a épica negra e símbolo do contradiscurso, diferenciando-se da composição estética tradicional e divergindo do discurso hegemônico.

O terceiro capítulo é resultado do estudo sobre a memória africana na diáspora, mostrando como o legado africano foi disseminado no território brasileiro e onde podemos percebê-lo atualmente. O processo de afirmação identitária foi mencionado como um ato de resistência contra as tentativas de barrar a ascensão do afrodescendente e o reconhecimento de sua origem.

A atuação do negro no campo literário é citada como uma maneira de reverter a história contada pelo grupo dominante e construir um material correspondente à comunidade afro-brasileira.

Este trabalho evidenciou não só a poesia de Solano Trindade, mas sua experiência de vida, expondo as contribuições deste intelectual negro do século XX que atuou para divulgar a cultura popular e mostrar que o Brasil é pluriétnico. Na posição de poeta falou do pobre, do rico, do negro e não negro para demonstrar as fragilidades e riquezas do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Sobre Sujeito e Objeto*. In: ADORNO, Theodor W. **Palavras e Sinais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALBUQUERQUE, Wlamira R. de.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, 320 p.

ANDREWS, George R. *O protesto político negro em São Paulo (1888-1988)*. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 21, Rio de Janeiro, 1991, p. 32.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Santa Catarina: Editora Avenida, 1890.

BARBOSA, José Carlos. **Zumbi dos Palmares**: o rei negro do Brasil. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda, 2003.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1971.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. **Poesia negra brasileira**. Porto Alegre: AGE, 1992.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, 168 p.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRAND, Dionne. **A Map to the Door of No Return**. Canadá: Vintage Canadá Editora, 2002.

BRASIL. *Lei Imperial de 07 de novembro de 1831*. Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, Rio de Janeiro, Livro 1º de Leis, fl. 98, 15/11/1831. Disponível em: <http://www.2camara.gov.br/legislação/publicaçõesdoimperio/coleção3.html>. Acesso em: 07 Fev. 2016.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMARGO, Oswaldo de. **O Negro Escrito**: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Maria L. T. **O racismo na história do Brasil**: Mito e Realidade. São Paulo: Editora ática, 1994.

CARUSO, Carla. **Zumbi, o último herói dos Palmares**. São Paulo: Instituto Callis, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de Professor, Paraná: Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, vol. 7, n°. 1, p. 103-113, 2004. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418/1063> Acesso em: 07 de Mar. 2016.

CINTRA, Raimundo. **Candomblé e Umbanda**: o desafio brasileiro. São Paulo: Paulinas, 1985.

CUTI (Luis Silva). **...E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Noovha America, 2013.

DAMASCENO, Benedita G. **Poesia Negra no Modernismo Brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.* **Tempo**, Rio de Janeiro, Vol. 02, nº 23, p. 100 - 122, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07> Acesso em: 07 de Mar. 2016.

DOMINGUES, Petrônio. *Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação.* **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39 set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/08.pdf> Acesso em: 07 de Mar. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e Afrodescendência.* **Literafro**, Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/> Acesso em: 13 de Jan. de 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. *O negro na literatura brasileira.* **Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n° 2, p. 146-153, jul./dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/16787-65038-1-PB.pdf> Acesso em: 13 de Jan.

FERREIRA, Elio. **Poesia Negra das Américas**: Solano Trindade e Langston Hughes. Teresina: Tese de doutoramento/UFPE, 2006. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2006/teses/tese-elio-ferreira.pdf> Acesso em: 16 de Jan. 2016.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências, século XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FILHO, João J. B. **Solano Trindade**: a escrita na pele. João Pessoa: UFPB/PPGL, 2009. (Dissertação) Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp113051.pdf> Acesso em: 16 de Jan. 2016.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Flávio. *Palmares*: a luta pela liberdade. In: SHUMAHER, S. **Gogó de Emas**: a participação das mulheres na história do Estado do Alagoas. Rio de Janeiro: REDEH, 2004, p. 130.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Uma negação da ordem escravista**: quilombos em Minas gerais no século XVIII. São Paulo: Ícone, 1988.

GREGÓRIO, Maria do Carmo. **Solano Trindade**: raça e classe, poesia e teatro na trajetória de um afro-brasileiro (1930-1960). UFRJ/IFCS-PPGHIS, 2005. (Dissertação) Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp057505.pdf> Acesso em: 16 de Jan. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAUFBAUER, Andreas. *Ideologia do branqueamento: racismo à brasileira?* In: **Atas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Porto, 2000. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7079.pdf> Acesso em: 15 de Jun. 2016.

LARANJEIRA, José Pires. **A Negritude Africana de Língua Portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995.

LARANJEIRA, José Pires. *A poesia 'é-sou' negra.* **Acta Scieniarum**: Language and Culture/ Maringá, v.32, n, p. 35-41, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/5811> Acesso em: 19 de Set. 2016.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiografique**. Paris: Seuil, 1975.

LIMA, Carina Bertozzi de. *Literatura negra - uma outra história.* **Terra Roxa e outras terras** - Revista de estudos literários, Paraná: Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Af.pdf> Acesso em: 20 de Jan. 2016.

MACHADO, Serafina Ferreira. *Solano Trindade: a poesia como arma humanizadora.* **Acta Scientiarum**. Language and Culture, Maringá, v. 32, n. 1, p. 43-50, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/4768/4768> Acesso em: 02 de Dez. 2015.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda**: sobre a problematização do legado africano no quotidiano brasileiro. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, 232p.

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MOURA, Clóvis. *O racismo como arma ideológica de dominação.* **Portal Vermelho**, 2014. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/233955-8> acesso em: 10 de Jan. 2016.

MUNANGA, Kabengele. *O impacto do preconceito na sociedade brasileira*. Entrevista concedida à Boa Vontade TV, 2012. Disponível em <http://tbv.com.br/interno.php?cm=96092&ci=1> Acesso em: 11 de Jan. 2016.

NASCIMENTO, Abdias. Discurso proferido no Senado Federal em 16/10/1997. In: **Revista Thoth**. N. 3. Setembro/Outubro de 1997. p. 55.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. **A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930.** Rio de Janeiro, 2002. (Dissertação) Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000139.pdf> Acesso em: 13 de Jun. 2016.

PALHARES, Carlos Vinícius Teixeira. *A mimese na poética de Aristóteles*. Belo Horizonte: **Cadernos Cespuc**; n. 22, 2013, p. 15 - 19. Disponível: <file:///C:/Users/PC/Downloads/8113-29632-1-PB%20(1).pdf> Acesso em: 16 de Fev. 2016.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Rodrigo da R. *Da negritude à literatura afro-brasileira: um olhar histórico literário.* Campina Grande: Abralic, **Anais do XIII**, ISSN 2317-157X, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=537> Acesso em: 03 de Fev. 2016.

PETRUCELLI, José L. **Doutrinas Francesas e o pensamento racial brasileiro**: 1870-1930. Estudos sociedade e agricultura/UFRRJ, p. 134-149, 1996. Disponível em: <http://r1.ufrrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/viewFile/98/94> Acesso em: 03 de Fev. 2016.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Gislene A. dos. **A invenção do "ser negro"**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro/ Pallas, 2005, p. 176.

SANTOS, Oluemi Aparecido dos. **Nas sendas da revolução**: a poesia de Agostinho Neto e Solano Trindade. São Paulo, USP, 2009. (Dissertação), disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp105891.pdf> Acesso em 23 de Mai. 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1830-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Amaro Matias. **Dos Palmares**: extensão, lutas e fatos. Recife: Edições Bagaço, 1988.

SILVA, José Carlos G. da. **Culturas africanas e Cultura afro-brasileira**: uma abordagem antropológica através da música. São Paulo: UNIFESP, 2013. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura_afro_brasileira/culturas_africanas_e_afro-brasileira.pdf> Acesso em: 12 de Abril de 2016.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Florentina. *Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira*. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 31, p. 277 - 293, 2004. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_14_solano.PDF> Acesso em: 10 de Jan. 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TRINDADE, Solano. **Poemas Antológicos de Solano Trindade**. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

TRINDADE, Solano. **Solano Trindade, o Poeta do Povo**. São Paulo: Ediouro, 2008.

TRINDADE, Solano. **Canto Negro**. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

TRINDADE, Solano. **Tem gente com fome e outros poemas**. Rio de Janeiro: DGIO, 1988.

VASCONCELOS, Sergio S. D. *Tópicos sobre o papel da Igreja em relação à escravidão e a religião negra no Brasil.* **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, UNICAP: Recife, ano IV, n° 04, Set, p. 35-51, 2005. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/teologia/edicoes/teologia2005.pdf> Acesso em: 02 de Jul. 2016.

WALTER, Roland. **Afro-América**: diálogos literários na diáspora nas Américas. Recife: Bagaço, 2009.